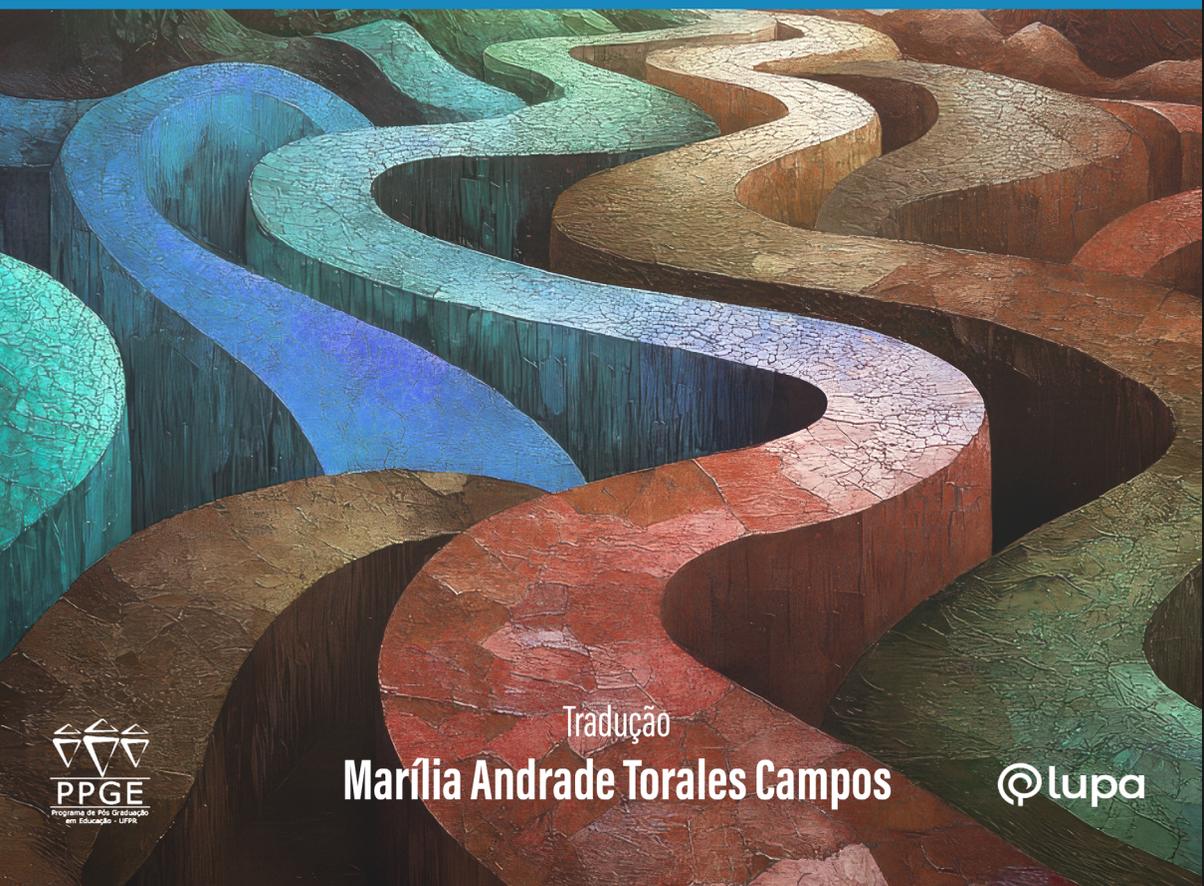


Miguel Ángel Arias Ortega

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA
**EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

ANÁLISE, BIOGRAFIAS E FUTUROS POSSÍVEIS



Tradução

Marília Andrade Torales Campos



Miguel Ángel Arias Ortega

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DA
EDUCAÇÃO
AMBIENTAL

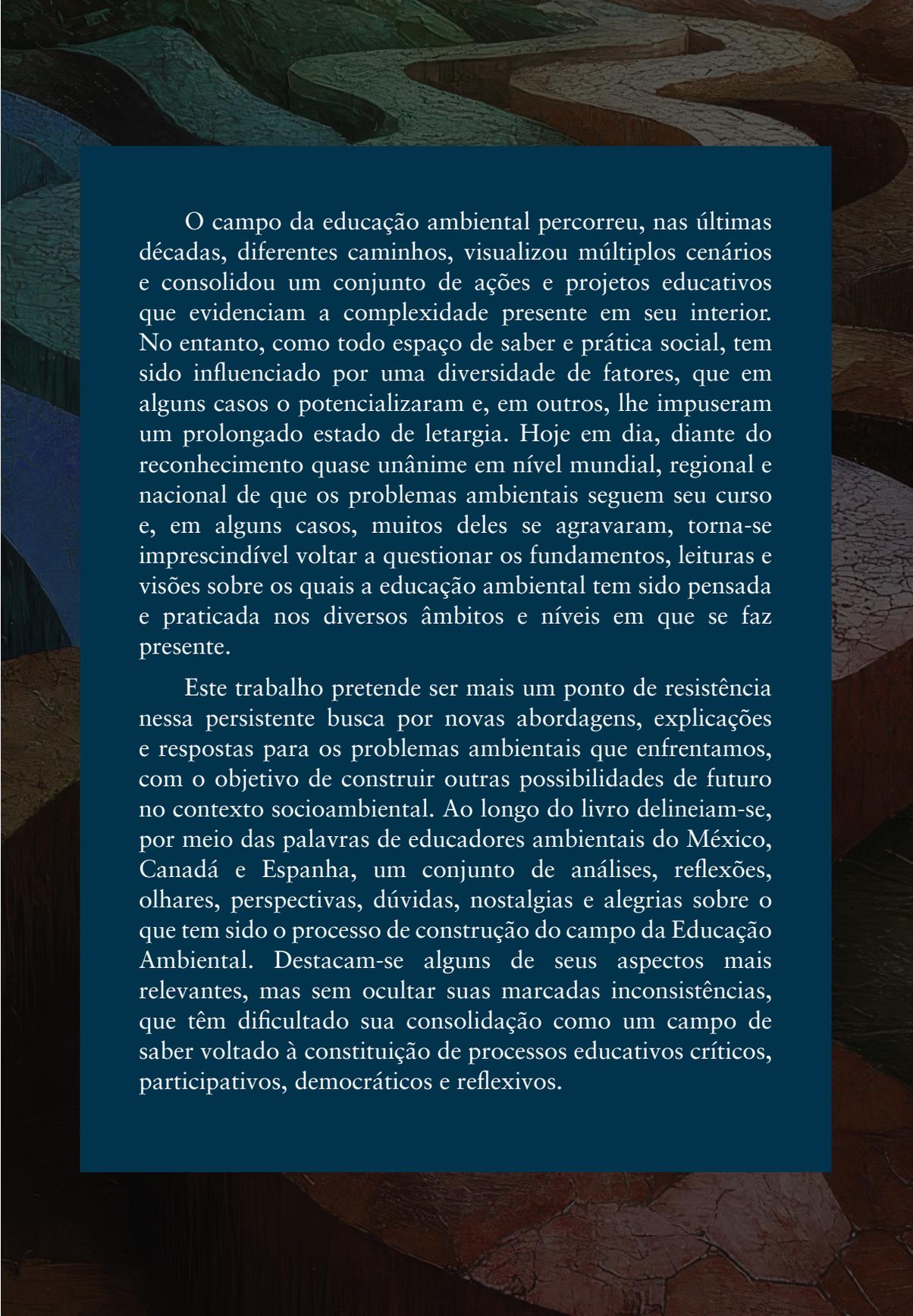
análise, biografias e futuros possíveis

Tradução

Marília Andrade Torales Campos



lupa

The background of the page is a dark, textured surface, possibly a stone or wood grain, with a blue rectangular overlay in the center. The text is white and centered within the blue area.

O campo da educação ambiental percorreu, nas últimas décadas, diferentes caminhos, visualizou múltiplos cenários e consolidou um conjunto de ações e projetos educativos que evidenciam a complexidade presente em seu interior. No entanto, como todo espaço de saber e prática social, tem sido influenciado por uma diversidade de fatores, que em alguns casos o potencializaram e, em outros, lhe impuseram um prolongado estado de letargia. Hoje em dia, diante do reconhecimento quase unânime em nível mundial, regional e nacional de que os problemas ambientais seguem seu curso e, em alguns casos, muitos deles se agravaram, torna-se imprescindível voltar a questionar os fundamentos, leituras e visões sobre os quais a educação ambiental tem sido pensada e praticada nos diversos âmbitos e níveis em que se faz presente.

Este trabalho pretende ser mais um ponto de resistência nessa persistente busca por novas abordagens, explicações e respostas para os problemas ambientais que enfrentamos, com o objetivo de construir outras possibilidades de futuro no contexto socioambiental. Ao longo do livro delineiam-se, por meio das palavras de educadores ambientais do México, Canadá e Espanha, um conjunto de análises, reflexões, olhares, perspectivas, dúvidas, nostalgias e alegrias sobre o que tem sido o processo de construção do campo da Educação Ambiental. Destacam-se alguns de seus aspectos mais relevantes, mas sem ocultar suas marcadas inconsistências, que têm dificultado sua consolidação como um campo de saber voltado à constituição de processos educativos críticos, participativos, democráticos e reflexivos.

2024 © Editora Lupa
© Miguel Ángel Arias Ortega

EDITOR-CHEFE

Geison Araujo Silva

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carla Barros Sobreira (Unicamp)	Lucélia de Sousa Almeida (UFMA)
Bárbara Olímpia Ramos de Melo (UESPI)	Manuel Bandeira S. Neto (UECE)
Diógenes Cândido de Lima (UESB)	Marcel Álvaro de Amorim (UFRJ)
Jailson Almeida Conceição (UESPI)	Meire Oliveira Silva (UNIOESTE)
José Roberto Alves Barbosa (UFERSA)	Miguel Ysrrael Ramírez Sánchez (México)
Joseane dos Santos do E. Santo (UFAL)	Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)
Julio Neves Pereira (UFBA)	Rosangela Nunes de Lima (IFAL)
Juscelino Nascimento (UFPI)	Rosivaldo Gomes (UNIFAP/UFMS)
Lauro Gomes (UPF)	Silvio Nunes da Silva Júnior (UFAL)
Letícia Carolina P. do Nascimento (UFPI)	Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UFPB)

Projeto gráfico e diagramação: Daniel Muniz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

O77a

Ortega, Miguel Ángel Arias.

A construção do campo da educação ambiental [livro eletrônico] : análise, biografias e futuros possíveis / Trad. Marília Andrade Torales Campos. -- 1. ed. -- Tutóia, MA: Lupa, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5218-019-3

1. Educação ambiental. 2. Meio Ambiente. 3. Desenvolvimento sustentável. I. Ortega, Miguel Ángel Arias. II. Campos, Marília Andrade Torales.

CDD 574.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Rua Celso Fonseca, 456, Centro, Tutóia/Maranhão, 65580-000
contato@editoralupa.com.br | www.editoralupa.com.br

Para Bruno e Gala

*Por sua magia infantil e por seu sentido de vida,
por fazerem deste mundo um lugar melhor.*

*A entrevista é a mais pública das
conversas privadas.*
- Jorge Halperin

*O espírito e o sentimento são formados
através da conversação.*
- Pascal

*A palavra pertence metade a quem a
profere e metade a quem a ouve.*
- Montaigne

Sumário

Prefácio	9
<i>Edgar J. González Gaudiano</i>	
Introdução	12
<i>Miguel Ángel Arias Ortega</i>	
Apresentação do livro em língua portuguesa	19
<i>Miguel Ángel Arias Ortega</i>	
Histórias e memória do campo da Educação Ambiental: lições de Macondo	23
<i>Marília Andrade Torales Campos</i>	
Pedaços do futuro	27
<i>Entrevista com Alicia de Alba Ceballos</i>	
Espaço de grandes desafios e intelectualmente atraente	51
<i>Entrevista com Edgar González Gaudiano</i>	
Campo controverso e em incessante construção	61
<i>Entrevista com Enrique Leff Zimmerman</i>	
O grande desafio de integrar a teoria educativa e a teoria ambiental	74
<i>Entrevista com Javier Reyes Ruiz</i>	
Não vejo o mundo sem a Educação Ambiental ou sem a sustentabilidade	86
<i>Entrevista com Rafael Tonatiuh Ramírez Beltrán</i>	

Um espaço de construção pedagógica nos limites	103
<i>Entrevista com Salvador Morelos Ochoa</i>	
Educação Ambiental como um ato político que exige responsabilidade social	129
<i>Entrevista com Lucie Sauvé</i>	
Não é uma estação a se chegar, mas o percurso que precisamos percorrer	139
<i>Entrevista com Javier Benayas del Álamo</i>	
Mudança de perspectiva sobre o mundo e suas múltiplas realidades	150
<i>Entrevista com José Antonio Caride Gómez</i>	
A Educação Ambiental não pode ser feita no laboratório da individualidade	164
<i>Entrevista com José Gutiérrez Pérez</i>	
Uma Educação Ambiental que forma o sujeito social, espiritual e ético	173
<i>Entrevista com María Novo Villaverde</i>	
O campo de Educação Ambiental é “freaky”	184
<i>Entrevista com Pablo Ángel Meira Cartea</i>	
O campo da Educação Ambiental: na busca de novas tonalidades	198
<i>Miguel Ángel Arias Ortega</i>	

Prefácio

Edgar J. González Gaudiano

Como todos os setores do campo social, a Educação Ambiental é marcada por uma pluralidade de discursos que está, fundamentalmente, associada às diversas posturas que são adotadas em relação às questões ambientais e às propostas de prevenção, mitigação e correção de problemas. A Educação Ambiental responde pontualmente a esta circunstância.

Quando a perspectiva dominante da política ambiental foi orientada para a conservação do ambiente físico natural, como aparece na primeira Estratégia Mundial de Conservação da IUCN, o WWF e o PNUMA (1981), a Educação Ambiental promoveu uma abordagem que enfatizava a dimensão ecológica e até mesmo biológica do meio ambiente. Naquela época, projetos educacionais ligados à proteção das tartarugas marinhas e da borboleta-monarca, por exemplo, surgiram no México.

Mais tarde, nos anos noventa, quando a política ambiental foi gradualmente permeada pelo discurso social, o que resultou no fim da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Ecologia (SEDUE) para tornar-se a Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDESOL), a Educação Ambiental também foi sustentada por abordagens sociopolíticas para enfrentar o problema da deterioração ambiental e da qualidade de vida de um ponto de vista pedagógico. Este foi o momento de maior articulação com o desenvolvimento rural, a equidade e a interculturalidade, para citar alguns. Foi também um momento para nos reconhecermos como uma expressão latino-americana, que naturalmente inclui o Québec, e para fortalecer o fecundo vínculo com a Espanha.

Esta transformação discursiva prosseguiu com o surgimento da sustentabilidade e de fenômenos globais hiper complexos, como a mudança climática e a extinção da biodiversidade, embora seja uma trajetória que não foi linear, nem implicou no enfraquecimento de discursos anteriores.

Assim, dentro dos limites indefinidos que delimitam o espaço da Educação Ambiental, uma diversidade de abordagens coexiste em uma variedade de expressões, cuja análise pode nos dar conta do perfil constitutivo que caracteriza a Educação Ambiental. Este perfil constitutivo é composto de dois elementos substantivos: o imaginário coletivo e a ideologia dos educadores ambientais.

O imaginário coletivo converte-se no pano de fundo das relações que estabelecemos em um mundo dotado de sentido; ou seja, constitui-se em uma rede de representações inscritas no tecido social. Constitui também um universo de simbolizações e significados que engendra as diversas instituições e organizações, com seus códigos e operações particulares, dos quais derivam estilos de pensamento e intervenção, cânones e valores, discursos e até mesmo a própria identidade do sujeito.

O segundo elemento, Ideologia, é entendido como o conjunto de normas e valores que guiam as relações que um grupo social estabelece entre si e com o mundo. Embora seja uma posição subjetiva, ou seja, única para cada um de nós, ela é construída social e historicamente através do tempo e das circunstâncias que cada um de nós teve que viver em uma determinada comunidade (social, científica, empresarial, religiosa, educacional etc.). Pode, portanto, ser definido como o repertório de princípios de uma coletividade, corporificado em vários programas e sistemas de disposições (*habitus*) orientados para a realização de fins coletivos explícitos e implícitos.

Esta é, a meu ver, a maior contribuição que este livro traz ao nos permitir mostrar em uma conversa coloquial, tranquila, sem circunlocuções acadêmicas, o que alguns educadores ambientais pensam sobre os desafios e perspectivas de nosso campo; quais são as questões deste momento e onde e com quem podemos ir construindo as respostas.

Felicitações pela obra.

Edgar J. González

Xalapa, Veracruz, 13 de fevereiro de 2012.

Introdução

Miguel Ángel Arias Ortega

Em diversos espaços educativos, escolares ou não escolares, em pronunciamentos de autoridades governamentais, em discursos de atores de organizações sociais, em publicações, conferências, discursos políticos, na opinião de alguns acadêmicos e especialistas, é comum ouvir a afirmação - que hoje poderia ser considerada repetitiva - que o campo da Educação Ambiental (EA) está em construção e que, devido a isso, há uma dificuldade e impossibilidade de se chegar a resultados conclusivos. Este foi um dos primeiros elementos que motivou esta publicação.

O segundo elemento, intimamente ligado ao anterior, foi questionar-me sobre os resultados obtidos ao longo da história da EA, inicialmente no contexto mexicano, depois no contexto latino e ibero-americano e no Canadá, após terem implementado processos educacionais ligados ao meio ambiente por quase quatro décadas e cujas influências têm sido notáveis entre os educadores desses países.

A reiteração expressa no ponto 1 levou a outro conjunto de perguntas. Em primeiro lugar, porque é admitida a premissa de que o campo da EA está em construção? Se é essencial saber o que está em construção, quem ou o que contribui para ela, porque tal construção não acontece do nada, nem sem uma direção determinada. Assim, o foco central deste texto foi tentar indagar e refletir sobre o que significa a EA, como campo sócio-teórico, estar em construção e, assim, esclarecer o momento ou estágio de construção em que nos encontramos e descobrir o que ainda falta fazer.

O segundo ponto de interesse destacado na elaboração deste texto (referente aos resultados obtidos na trajetória da EA) deriva da leitura e revisão dos últimos diagnósticos sobre as condições ambientais, em nível global, regional e nacional. Refiro-me ao Relatório GEO-4 (2007): Perspectivas do meio ambiente no mundo, Meio ambiente para o desenvolvimento do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA); ao documento Informe da situação do meio ambiente no México 2008, da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Naturais do México (SEMARNAT), assim como ao recente Relatório de Desenvolvimento Humano 2011 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), documentos que explicitam a crescente degradação ambiental que afeta mais severamente a saúde da população (principalmente pessoas que vivem na pobreza e marginalização social), ao mesmo tempo em que afeta os processos produtivos nacionais e internacionais e os próprios ecossistemas.

Em terceiro lugar, motivou-me a realizar este trabalho o reconhecimento aos esforços feitos por alguns educadores ambientais, tanto na atividade acadêmica como no ensino e na prática social, quando confrontados com discursos rigorosos que negam ou minimizam as questões ambientais, quando lutando para obter financiamento e sinergias para desenvolver o trabalho educacional, quando empreendendo atividades de ensino ambiental com pouco reconhecimento, quando tentando dar à EA o lugar e a importância que ela merece em diferentes espaços sociais e institucionais. Muitos educadores ambientais continuam com um impulso notável e persistem em seu trabalho educacional diário, reafirmando sua convicção de que o campo da EA é necessário e fundamental para construir cenários sociais e naturais mais esperançosos para todos. Neste contexto,

interessava-me descobrir o que este campo do conhecimento tem a oferecer, de modo que, apesar dos problemas e adversidades que se enfrenta, ele atrai sujeitos, a ponto de estabelecer projetos de vida sólidos em alguns deles.

A trama destes elementos de natureza mais subjetiva, a partir das experiências de vida daqueles que constroem a EA, e a possibilidade de expressá-los em um contexto de autorreflexão são o núcleo que motiva esta publicação. Por este motivo, o texto recupera a questão como centro e ponto de partida para a expressão da trajetória pessoal que se traduz em elementos-chave para alimentar o campo teórico e socioprofissional da EA, bem como para fertilizar novas buscas e encontros.

Deve-se notar que as questões formuladas neste livro não perdem de vista o fato de que a solução dos problemas ambientais não é de responsabilidade exclusiva da EA, porque, em maior medida, contrariar os efeitos ou corrigir as causas da degradação ambiental requer medidas políticas, sociais, econômicas, tecnológicas, legais mais amplas. Mas, supõe-se que a EA é a chave para compreender e integrar essas dimensões da realidade e, assim, construir soluções alternativas. Por outro lado, é importante destacar que na formulação das perguntas também se reconhece a diversidade das circunstâncias pessoais, econômicas, institucionais e educacionais que levam os indivíduos a participarem ativamente de um campo socioprofissional e gerador de conhecimento, enfrentando as diversas adversidades que o mesmo manifesta.

Neste contexto, o objetivo deste livro foi entrevistar alguns educadores ambientais para descobrir a análise e visão deles sobre o campo da EA em geral e sobre o futuro dos processos educacionais ligados ao meio ambiente em particular. Para atingir este objetivo, formulei cinco perguntas cuja estrutura propõe um contexto construído com os elementos mencionados

acima: 1) Hoje, os problemas ambientais continuam, as leituras dos mais otimistas e pessimistas chegam a um ponto comum: os problemas ambientais ainda estão presentes e alguns desafios até pioraram. Diante de um panorama assim, o que temos falhado nos processos de Educação Ambiental para enfrentar os problemas atuais com maiores possibilidades de transformação e esperança? 2) Em vários fóruns, publicações, espaços e intercâmbios com colegas na área de EA faz-se referência ao fato de que o campo de EA está sendo elaborado. A este respeito, pergunto: o que significa que a Educação Ambiental seja um campo em construção e em que momento ou estágio nos encontramos? 3) Você tem uma longa trajetória em EA, anos de trabalho e experiência que se refletiram em sua participação em diferentes áreas de educação em geral e particularmente em EA. Com isto em mente, pergunto-lhe, o que o atrai para a Educação Ambiental, por que você permanece nela? 4) Atualmente, o campo da EA mostra vários sinais de desenvolvimento, de trabalho, de atividade; alguns deles são otimistas e outros refletem grandes dúvidas ou reflexões. Levando isto em consideração, quais são as perguntas que poderíamos fazer no campo da Educação Ambiental hoje? 5) Como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Como pode ser visto, a formulação das perguntas tende a gerar introspecção nos sujeitos. Em outras palavras, o objetivo é trazer à superfície - para ser lida e ouvida - a palavra, a visão das coisas, a fim de tornar possíveis pontos de partida (ou continuidade) em alguns debates pendentes, ou aumentar as margens nas discussões em torno do campo da EA e, assim, construir possibilidades para o futuro dela.

Esta afirmação também assume um pouco de obstinação e uma mistura de ideias, pois se baseia na consideração de que a EA ainda tem muito a dizer e muito a alcançar, mas se os edu-

cadoures ambientais não participarem gerando e nutrindo espaços de expressão e reflexão a riqueza gerada pode se perder ou se desvanecer até ser extinta, prejudicando um campo fértil de práxis social no atual contexto de crise histórica.

Como sugeri, optei pela entrevista como uma ferramenta de pesquisa porque me permite conhecer e explicitar as ideias, visões, leituras, análises e perspectivas dos sujeitos que entrevistei. Entretanto, não sou entrevistador, nem manifesto qualquer aptidão para isso, por essa razão iniciei uma revisão de alguns textos nos quais diferentes pessoas foram entrevistadas por outros, um exercício que foi enormemente enriquecedor porque me permitiu conhecer as formas, métodos e possibilidades de conduzir uma entrevista¹. O procedimento para desenvolver este exercício limitou-se a fazer as perguntas aos meus interlocutores e deixá-los expressar suas palavras, sem qualquer interrupção e sem qualquer interpretação da mesma. Achei isto mais atrativo para dar voz à pessoa que gentilmente concordou em colaborar neste esforço.

A seleção dos educadores ambientais respondeu a um critério geral e arbitrário, com o qual tentei localizar pessoas que ao longo de sua trajetória no campo da EA implementaram - e continuam a implementar - projetos educacionais, programas escolares, pesquisas, cursos e uma infinidade de ações nas esferas formal, não formal e informal, que foram e são destinadas a

1 Refiro-me a obras como Torres, Carlos Alberto (2004) Educação, poder e biografia. Diálogo com educadores críticos. México, Século XXI Editores; Trejo Fuentes, Ignacio e Cordero Chavarría, Ixchel (2007) Autoentrevistas de escritores mexicanos. México, Conselho Nacional para a Cultura e as Artes; Landeros, Carlos (2007) Eu, Elena Garro. México, Lumen; González Gaudiano, Edgar (2009) Tendências e oportunidades para a sustentabilidade no México. México, Plaza e Valdés; Cayuela Gally, Ricardo (2009) A voz dos outros. México, Barcelona, Barril Barral Editores; Eco, Humberto e Carrière, Jean-Claude (2010) Ninguém acabará com os livros. México, Lumen; Sarmiento, Sergio (2010) Líderes. México, Planeta; Mota, Carlos e Ordórica, Ana Paula (2001) (Coord.) Um mais um. 32 líderes somando por México, Grijalbo.

desenvolver o campo da EA nos diferentes contextos nos quais estão localizadas. Naturalmente, não são todos eles, nem pretendo colocá-los como os únicos sujeitos autorizados a falar sobre o campo da EA em nosso país e no contexto ibero-americano ou canadense. No entanto, sua escolha corresponde a um amplo reconhecimento de seu trabalho, à relevância de suas ideias e às diversas contribuições ao conhecimento, debate e prática da EA na América Latina, Canadá e Espanha, que, apesar da distância, há muito tempo têm sido influências próximas entre os educadores ambientais desses países. Isto também se deve ao fato de compartilhar com a maioria deles espaços de trabalho e proximidade na amizade que me foi favorável para pedir a sua colaboração neste projeto e ter a possibilidade de registrar seus pensamentos e reflexões, sua história e visões de futuro sobre este campo incessante do conhecimento.

O documento apresenta: primeiramente, as entrevistas com educadores ambientais que desenvolveram sua atividade no México; a seguir, a entrevista com Lucie Sauvé como parte do contexto canadense; depois reúne as opiniões e pontos de vista dos educadores ambientais na Espanha; finalmente, oferece, com base na análise e reflexão pessoal, uma visão geral que tenta recuperar os principais aspectos do conjunto de entrevistas. Detalha ainda o processo de desenvolvimento da EA e alguns aspectos sobre os momentos em que houve um nível mais alto de concretização das ações e aponta uma perspectiva geral sobre o que o campo oferece para se permanecer nele - em nível pessoal e profissional. A seção se encerra com a identificação de alguns desafios e perspectivas futuras para a EA nos próximos anos.

As entrevistas foram realizadas de março a setembro de 2011. Agradeço a Alicia de Alba, Édgar González, Enrique Leff, Javier Benayas, Javier Reyes, José Antonio Caride, José Gutiér-

rez, Lucie Sauvé, María Novo, Pablo Meira, Rafael Tonatiuh Ramírez e Salvador Morelos Ochoa por sua bondade e infinita boa vontade que me permitiram conhecer sua história, aprender com ela e compartilhá-la com outros. Estes são alguns dos aspectos que mais valorizo e resalto nesta publicação: compartilhar ideias, sentimentos, frustrações, experiências, certezas e incertezas, mas, sobretudo, continuar sonhando com a possibilidade de construir processos educacionais críticos, participativos, transformadores, emancipatórios e esperançosos, que buscam acima de tudo a liberdade humana. Por esta razão, gostaria de agradecer a todos aqueles que me deram a oportunidade de entrevistá-los, pois sem sua generosidade este livro nunca teria visto a luz do dia.

Miguel Ángel Arias Ortega
Coyoacán, Inverno, 2012.

Apresentação do livro em língua portuguesa

Miguel Ángel Arias Ortega

Há dez anos, o livro *A Construção do Campo da Educação Ambiental: Análises, Biografias e Futuros Possíveis* foi publicado em espanhol pela Editora Universitária da Universidade de Guadalajara, México. Sua materialização significou o culminar de mais de dois anos de trabalho a partir do momento em que surgiu a ideia de entrevistar educadores ambientais que tiveram uma trajetória sólida e permanente no campo da educação ambiental no México, Espanha e Canadá. Essa primeira ideia foi a motivação para se aproximar dos educadores ambientais, a fim de colher seus depoimentos sobre suas ações, trabalhos, batalhas e anseios em torno desse campo do conhecimento, bem como conhecer sua visão sobre o futuro da educação ambiental a curto e médio prazo.

Pensando nisso, realizei doze entrevistas, que sistematizei e analisei a fim de identificar algumas pistas que me permitissem traçar alguns dos caminhos percorridos no campo da Educação Ambiental em seus respectivos contextos, tanto locais, institucionais e pessoais. O interesse por essa abordagem e a indagação sobre o pensamento e as perspectivas dos educadores ambientais também buscaram formar uma primeira fotografia desse campo de saberes e práticas no espaço ibero-americano, a fim de compartilhá-la com outros educadores ambientais, em particular, com aqueles jovens que estavam iniciando suas primeiras abordagens sobre o tema.

O conjunto de depoimentos obtidos abriu a possibilidade de empreender uma análise refrescante do processo de configuração do campo, visto a partir da voz de alguns de seus protagonistas, bem como rever os mecanismos políticos, sociais e educacionais que permitiram emergir os visíveis, mas ainda tênues, níveis de consolidação do campo da Educação Ambiental nos múltiplos espaços em que esteve presente, isso em seus quase 30 anos de existência.

O lançamento do livro mostrou sua utilidade para debater e problematizar as ações e projetos educativos que os autores empreenderam e aqueles que realizaram até aquele momento, em seus diferentes campos e realidades, uma vez que apresenta doze histórias que oferecem a possibilidade de fazer diversas reflexões sobre o trabalho pedagógico, revisando algumas características de suas biografias para conhecer suas perspectivas em relação aos futuros possíveis e construíveis para esse campo do conhecimento.

O que está consubstanciado no texto, sua validade e articulação com o campo da Educação Ambiental foi a semente que permitiu ao Centro de Educação Ambiental e Preservação do Patrimônio (CEAPP) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no Brasil, empreender um projeto para sua tradução para o português, na medida em que a circulação da obra em espanhol dificultou sua consulta para o contexto brasileiro. Embora deva ser verdade, isso não foi um obstáculo para que o texto fosse utilizado no Brasil, na medida em que houve manifestações de educadores ambientais no país, que utilizaram o livro dentro de seus programas acadêmicos, bem como no desenvolvimento de suas ações e projetos no campo social. Algumas dessas expressões foram publicadas na forma de resenhas²,

2 Ana Tereza Reis da Silva (2014). ORTEGA, Miguel Ángel Arias. A construção do

onde se destaca a importância do trabalho em suas atividades de Educação Ambiental.

A generosidade pessoal e institucional e os profícuos intercâmbios com a Dra. Marília Andrade Torales Campos, coordenadora do CEAPP-UFPR, possibilitaram a conclusão do processo de tradução da obra para o português, que foi fortalecido com uma ideia compartilhada de atualização do texto, à luz de quase dez anos de sua publicação. Este processo de atualização das entrevistas, foi feito por meio da introdução de alguma ideia, debate, dado ou informação que o entrevistado julgasse relevante sobre o que disseram em seu depoimento de uma década atrás ou algo que deixaram de dizer hoje sobre o que expressaram naquela entrevista inicial. Ao mesmo tempo, foi-lhes pedido que fizessem alguma referência aos desafios do campo da Educação Ambiental nos anos seguintes, isto no contexto do seu trabalho profissional, acadêmico, social ou de investigação.

As respostas a esse convite foram diversas e enriquecedoras para o trabalho, uma vez que ofereceram reflexões importantes sobre o papel desempenhado pelos processos educativos em relação ao ambiente na atualidade, bem como houve reconfigurações quase completas do que foi expresso na entrevista, que evidenciam novos posicionamentos, tensões e reflexões sobre esse momento histórico em torno da Educação Ambiental.

Com as reflexões, análises e perspectivas que acompanham a atualização do texto, o leitor poderá apreciar dois momentos do livro e o pensamento de seus protagonistas, que busca contribuir para a análise, reflexão e debate acerca da consti-

campo da Educação Ambiental: análises, biografias e futuros possíveis. Guadalajara-Jalisco: Editorial Universitaria, 2012. Educar em Revista, n. 3, 2014, pp. 165-168 Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155032909011>

tuição do campo da Educação Ambiental, suas perspectivas de futuro e os enormes desafios que se avizinham nos próximos anos. Gostaria de agradecer a Alicia de Alba, Edgar González, Enrique Leff, Javier Benayas, Javier Reyes, José Antonio Caride, José Gutiérrez, Lucie Sauvé, María Novo, Pablo Ángel Meira, Rafael Tonatiuh Ramírez e Salvador Morelos, por sua generosidade, reflexões e propostas no campo da Educação Ambiental, sem eles, produção acadêmica e análise constante, esta publicação não teria sido possível.

Um reconhecimento especial vai para Sayri Karp Mitastein, da Editora Universidade de Guadalajara, pela autorização para a tradução do livro para o português. Meu reconhecimento e admiração por seu excepcional trabalho editorial.

Um agradecimento especial e profundo à Dra. Marília Andrade Torales Campos pelo seu valioso apoio e enorme profissionalismo que permitiu a tradução para a língua portuguesa, a sua intervenção tem vindo a definir para que o livro tenha hoje uma maior validade.

Miguel Ángel Arias Ortega
Coyoacán, Cidade do México, Outono de 2023.

Histórias e memória do campo da Educação Ambiental: Lições de Macondo

Marília Andrade Torales Campos

** Tradução e atualização do livro para edição em língua portuguesa*

Em seu premiado e reconhecido romance “Cem anos de solidão”, Gabriel García Márquez narra, com talentosíssimo cuidado literário, a história de uma família e de um pequeno vilarejo identificado, de forma fictícia, como Macondo. A história da família Buendía, contada pela riqueza da imaginação e da perspicácia do autor, permite adentrar em um universo em que a *memória* emerge e toma relevo como peça quase central do entramado que constitui o argumento. Perdê-la, no caso da história daquele vilarejo, significa muito mais do que o simples desaparecimento de algo, pois mais do que isso, sugere a perda do próprio sentido da existência. Ao perder ou desconsiderar a *história* e a *memória*, qualquer coletivo corre o risco de comprometer a continuidade de seu processo existencial.

Se na narrativa de Gabriel García Márquez a memória (ou a perda dela) foi um ponto de ruptura e deterioro da trajetória de um coletivo, se poderia transpor essa experiência para outros campos e pensar no quanto a valorização do percurso histórico das pessoas é capaz de guardar elementos constitutivos de um processo coletivo e dinâmico, como foi e ainda é, a construção do campo da Educação Ambiental. Assim, importa sublinhar a importância do livro produzido por Miguel Ángel

Arias Ortega, tendo em vista tratar-se de um registro de alto valor para o campo da Educação Ambiental, considerando que aqui se estabelece um diálogo com pessoas-chave para a construção deste campo. Outros protagonistas desta construção também poderiam ter participado deste conjunto de entrevistas, pois certamente foram elos fundamentais na emergência de um campo teórico e prático, ancorado em um esforço inter e multidisciplinar de compreensão da realidade. Por isso, registra-se aqui nosso reconhecimento ao trabalho e ao esforço de tantos e tantas pessoas que contribuíram e contribuem cotidianamente na construção do campo da Educação Ambiental.

A tradução deste livro para a língua portuguesa se constituiu em um desafio assumido pelo reconhecimento do valor da obra para o campo da Educação Ambiental. O registro histórico feito por Miguel Ángel permite conhecer e revisar a trajetória de construção de um campo de natureza teórica e prática no contexto ibero-americano a partir das interpretações e falas dos(as) entrevistados(as). Em seu conjunto, o texto permite analisar os principais aspectos que conformam a diversidade de abordagem que compõem o campo da Educação Ambiental, ora tomado como em processo de construção, ora tomado como experiência consolidada.

A edição do livro em língua portuguesa traz não somente uma versão traduzida do texto, senão que trata de uma versão atualizada por todos os(as) entrevistados(as). Neste processo generoso de revisão, cada um deles teve a oportunidade de rever seus posicionamentos, ampliar suas ideias, atualizar suas interpretações e principalmente rememorar suas vivências e reafirmar seus posicionamentos como protagonistas do campo da Educação Ambiental. Neste sentido, vale ressaltar que todos os novos **acréscimos ao texto**, que só estão presentes na versão do

livro em língua portuguesa, foram destacados com letras em *itálico* para que o leitor possa identificá-los.

Ao longo de todas as entrevistas, os/as leitores/as poderão analisar diferentes perspectivas e interpretações feitas a partir da experiência que cada um dos/as participantes vivenciou ao longo de décadas de trabalho, em que a Educação Ambiental esteve presente como objeto de estudo, de pesquisa, de formação ou de intervenção. A maturidade e o compromisso que permeia todas as falas, denotam um olhar sensível para pensar a sociedade e seus processos, para refletir sobre a dinâmica civilizatória que levou a humanidade a um contexto de crise (ou policrise) que envolve questões profundas que problematizam a relação entre as sociedades e a natureza.

Neste momento, em que as mudanças climáticas geram incertezas sobre a continuidade das condições de vida em todo planeta, repensar o campo da Educação Ambiental é oportuno e necessário. Assim como em Macondo, a humanidade não pode correr o risco de perder sua memória ou desconsiderar os erros e acertos de sua trajetória. Portanto, resgatar a posição dos participantes a construção do campo da Educação Ambiental no início dos anos 2010 e agora, provocá-los/as a rever seus posicionamentos e atualizar suas interpretações não apenas enriquece a Educação Ambiental na garantia da preservação de sua memória, mas permite um enriquecimento de sua história e de sua existência, pois, por mais que um campo de conhecimentos se consolide, sempre estará em construção e metamorfose, assim como qualquer outra existência.

Assim, destaca-se que o livro traz importantes contribuições para o trabalho desenvolvido por pesquisadores e educadores que atuam em contextos lusófonos, tendo em vista que as questões abordadas são de dimensões planetárias e que deman-

dam a integração de comunidades que desenvolvem seu labor em diferentes territórios, sob o prisma de diferentes culturas e condições de vida, compondo um cenário diverso e de múltiplos matizes. A leitura do texto em língua portuguesa poderá apoiar o debate em outros contextos linguísticos e ampliar o processo de construção e de reconstrução do campo da Educação Ambiental.

Por fim, como não poderia deixar de ser, é importante reafirmar a gratidão pelas contribuições de Alicia de Alba, Édgar González, Enrique Leff, Javier Benayas, Javier Reyes, José Antonio Caride, José Gutiérrez, Lucie Sauvé, María Novo, Pablo Meira, Rafael Tonatiuh Ramírez e Salvador Morelos, pois sem eles e suas histórias de vida, a produção, tradução e atualização desta obra, não seria possível. Também manifestar a gratidão a Miguel Ángel Arias Ortega, pela generosidade de permitir a tradução de seu texto e promover o seu processo de atualização.

Boa leitura!

Pedaços do futuro

Entrevista com Alicia de Alba Ceballos

Alicia de Alba Ceballos possui pós-doutorado em Filosofia Política pela Universidade de Essex, Inglaterra, com Ernesto Laclau. Doutora em Filosofia e Ciências da Educação pela UNED (Madri-Espanha) e com estudos de doutorado na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Formada e mestre em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Literatura da UNAM. Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores (SNI) e da Academia Mexicana de Ciências (AMC). Pesquisadora do Instituto de Pesquisa Universitária e Educação (IISUE) da UNAM. Diretora do Programa de Pesquisa: Educação: debates e imaginário social, que articula os seminários de pesquisa: Curriculum e Século XXI; Teoria e Educação e Educação Ambiental para a Sustentabilidade e dirige o acervo editorial de mesmo nome. Tem sido convidada por universidades na Argentina, Costa Rica, Colômbia, Equador, Canadá, Estados Unidos, Espanha, Austrália, Inglaterra e Alemanha. Seus textos foram traduzidos para inglês, alemão e português. Possui publicações e trabalhos recentes: La polémica Habermas – Foucault. Trazos hacia lo educativo (2010); Environmental education research in Latin America an the Caribbean: Twelve theses on its constitution” in Environmental Education (2008); Curriculum – sociedad, el peso de la incertidumbre, la fuerza de la imaginación (2007). Suas linhas de pesquisa e projetos são: Teoria e educação; Política, cultura, meio ambiente e educação; Teoria e Currículo. Cultura, identidade, contornos sociais e horizontes futuros. E-mail: dealba98@yahoo.com.

Hoje, os problemas ambientais continuam, as leituras dos mais otimistas e pessimistas chegam a um ponto comum: os problemas ambientais ainda estão presentes, e alguns destes problemas até pioraram. Diante de tal panorama, o que nos faltou no campo da Educação Ambiental para oferecer maiores contribuições que nos permitam enfrentar esses problemas com melhores possibilidades de transformação?

Esta é uma pergunta muito complicada: o que nos faltou no campo da Educação Ambiental? Penso que uma possibilidade para começar a formular alguns elementos de uma resposta a isto é ir à educação em geral, à educação como tal, e depois de analisá-la, voltar à Educação Ambiental. O que nos faltou na educação?

No mundo em que vivemos, a questão ambiental é uma das mais fortes e complexas que a humanidade já enfrentou, conforme já assinalei em algumas obras. A questão ambiental é uma e a questão nuclear é outra (como acabamos de ver no Japão, agora com o terremoto, o tsunami e os danos às usinas nucleares em 2011). Estes dois aspectos põem em perigo a existência da humanidade no planeta, de outras espécies, da vida na Terra e do próprio planeta. Então esta pergunta me leva a outra: O que faltou na educação para termos um mundo como o que temos?

A Terra é um paraíso, é um lugar lindo e é o que temos. Não temos certeza de que exista outro lugar no universo como a Terra, nem sabemos com total certeza se existe algo além da morte. O que temos é este planeta, que eu insisto, é um paraíso. Então, o que aconteceu com nossa educação? Essa deve ser nossa primeira pergunta.

Voltando ao tempo em que decidi dedicar-me à educação, quando tinha muitos outros interesses, estudei arquitetura, fiz parte de meu segundo curso em filosofia, mas a razão pela qual

me dediquei à educação tem a ver com o fato de que é através da educação que os sujeitos humanos, as pessoas, são constituídos. Do meu ponto de vista, é a educação que configura as pessoas, portanto, este é o ponto mais delicado e a partir do qual se precisa trabalhar. Quase toda atividade humana envolve uma atividade educativa, ou seja, a educação atravessa tudo, como disse Paulo Freire (2010), educando-educador e educador-educando. Também como Gramsci (1981) assinalou, a educação não ocorre somente da geração adulta para a jovem, como apontou Durkheim (1974), porém ocorre de forma multidirecional, das elites para seus seguidores, dos pais para as crianças, das crianças para os pais, dos professores para os alunos, dos alunos para os professores, em suma, parece-me que a educação é um processo muito importante, sendo preciso retomar à questão de saber o que é educação e o que implica formar seres humanos.

Na Educação Ambiental temos hoje outras questões, outros temas, outros interesses, tais como a questão da interculturalidade, de gênero etc. Mas um aspecto fundamental, tanto na educação em geral quanto na Educação Ambiental, é a questão da relação. Enquanto continuarmos trabalhando com educadores ambientais por um lado, a perspectiva de gênero por outro, a diversidade cultural por outro etc., será difícil gerar mudanças. Esta falta de relação é altamente criticada no nível epistemológico, no nível das ciências, ou seja, o fato de serem mantidas em compartimentos estanques, separados. Levanta-se a questão de como lidar com estas novas preocupações, estes problemas emergentes que estamos enfrentando na atualidade, neste século XXI, e, portanto, uma questão que me parece ser muito importante é a relação.

Conforme o acima exposto, foi dito que toda educação deveria se tornar Educação Ambiental, e que esta última deveria ser novamente chamada de educação e não deveria ter que ser

chamada de ambiental, e concordo plenamente com isto. Precisamos trabalhar muito mais profundamente no que é educação, porque se olharmos para nossas práticas educacionais veremos que, na grande maioria, tanto nas práticas familiares, culturais e educacionais escolares, como em todas as esferas sociais, existe a crença de que o professor que está ocupando o lugar do conhecimento deve saber e quem ocupa a posição de aluno, filho ou filha não sabe. Isto é paradoxal e complexo, porque sem dúvida haverá coisas que ele ou ela sabe e coisas que ele ou ela não sabe, assim como haverá coisas que as crianças sabem e que os pais não sabem. Além disso, neste momento histórico é possível ver muito claramente como podemos aprender com crianças muito pequenas, aprender como elas estão se alfabetizando hoje, e isto em relação a como nós mesmos nos alfabetizamos. Esta distinção é essencial para se ter em mente.

Em uma ocasião, no Estado de Zacatecas (México), um professor me disse que queria analisar o uso de telefones celulares por crianças da escola primária, ao que eu lhe disse: você vai analisar isso? E perguntei: você entende como as crianças da escola primária usam telefones celulares? Por que você não analisa primeiro, estuda o fenômeno, tenta entender o que eles estão fazendo? Devemos nos perguntar por que temos esta arrogância de pensar sobre este tipo de fenômeno, quando só começamos a usar telefones celulares há cerca de 20 anos, mas as crianças e os jovens — de determinada idade, nasceram quando já existiam telefones celulares, quando já existiam computadores, quando já existiam novas tecnologias de informação, comunicação e conhecimento, e é por isso que nós, de gerações anteriores ousamos propor determinados tipos de pesquisa, especialmente aquelas relacionadas à investigação do outro, em vez de tentar compreendê-las, entendê-las, entrar em conversa

com elas. Portanto, na educação devemos realizar uma pesquisa profunda, onde se retome este aspecto fundamental que salientei de Freire e Gramsci, o educador é educando e o educando é educador ao mesmo tempo, e isto é verdade, e podemos ver isto se nos revermos, revermos nossas próprias vidas, percebermos que em alguns momentos fomos educadores e ao mesmo tempo educandos. Assim, um aspecto relevante no campo da Educação Ambiental é continuar com o desenvolvimento de conceptualizações sobre a educação, o que é muito importante.

O outro aspecto é a questão da relação que mencionei, e um terceiro - e tenho certeza de que são muitos - é a questão da incorporação da Educação Ambiental em cada um de nós. Portanto, é essencial que incorporem aspectos ontológicos - vocês sabem que eu amo a questão ontológica - epistemológicos, teóricos, mas também aspectos mais pragmáticos da vida cotidiana, pois é necessário ter o ambiente em nossos ossos, ou seja, normalizá-lo em nós, torná-lo normal para cada um de nós. Ter uma visão diferente, uma atitude diferente, um comportamento diferente, uma perspectiva diferente, um olhar diferente, uma nova relação com a natureza, com o meio ambiente, que está em constante revisão. Isto tem a ver com um aspecto geracional. Tenho muita confiança nas gerações mais jovens, e é por isso que estou um pouco mais tranquila do que estava há alguns anos.

Escrevi sobre a crise estrutural generalizada e acredito que ainda estamos nessa fase ou situação, mas agora começo a ver muitos outros elementos de construção, de novas tramas ou estruturas sociais, novas formas de relacionamento, novas formas de vida, nos termos de Wittgenstein (1953), novos jogos de linguagem. Por exemplo, a relação que você tem hoje com seus filhos é uma relação diferente, o que me dá esperança, prazer,

porque vai gerar coisas novas no nível das pessoas, de seus filhos como cidadãos.

Também acredito que os adultos da minha idade ou próximos a ela deveriam aprender mais uns com os outros, especialmente neste momento histórico. Aprender sobre novas formas de relacionamento, ver como se desenvolve nossa relação com as diferentes gerações e a relação entre elas, e ver o tipo de relação que nós, como seres humanos, temos com a natureza, com o meio ambiente, com os problemas ambientais, com a crise ambiental. Trabalhar a partir do nível ontológico, que é muito importante, para o dia a dia, para a família, amigos, colegas e para si mesmo. Para algumas pessoas isso pode ser um absurdo, mas é importante dar um, dois ou três passos simples para começar a mudar nossa relação com a natureza.

Nesta primeira pergunta incluiria e destacaria que o que devemos fazer é abrir canais de comunicação, de diálogo, de circulação de informações entre os diferentes grupos e setores sociais e entre as diferentes gerações a respeito do problema da educação e da questão ambiental e da forma como podemos participar de sua melhoria. Destaco a importância da interlocução entre educadores ambientais. Por exemplo, seria interessante organizar um evento, mais um, sobre esta questão de repensar a educação desde diferentes ângulos, contextuais, conceituais, a partir de uma perspectiva geracional etc. Em todos estes anos, muito tem sido escrito e discutido com grande entusiasmo e perseverança, e em um evento deste tipo pudemos aproveitar o trabalho e as contribuições de colegas como Édgar González Gaudiano, Lucie Sauvé, Pedro Medellín, Luz María Nieto, Javier Benayas, Javier Reyes, Salvador Morelos, Enrique Leff, José Antonio Caride, Pablo Meira, entre os mais importantes, e outros, é claro, com seus pensamentos e contribuições.

Antecipo que esta questão da leitura e da interlocução entre os educadores ambientais é válida e pontual.

Em vários fóruns, publicações, espaços e intercâmbios com colegas no campo da Educação Ambiental faz-se referência, insistentemente, ao fato de que a EA é um campo em construção. Neste contexto, o que significa estar em construção, e se estamos neste processo, em que momento nos encontramos nesta construção?

Esta é outra questão muito difícil, este foi um tema que surgiu no seminário interinstitucional baseado no IISUE, alguns apontaram que sim, o campo da Educação Ambiental está em construção, mas outros argumentaram que ele já estava em processo de consolidação. A este respeito, farei uma ligação entre o campo da Educação Ambiental na construção-consolidação-interrogação e o conceito de crise estrutural generalizada. Desta última sabemos quando inicia e isso é conceitualizado por alguns autores, que trabalharam ela de uma forma ou de outra, mas o que não sabemos é quando ela termina. Você se lembra, por exemplo, de Hans Albert Steger, com quem aprendemos muito, e que apontou que uma mudança muito forte estava chegando, uma mudança épica, e que esta mudança seria marcada pela questão ambiental de uma forma definitiva. Concordo que qualquer mudança, qualquer modificação que ocorra hoje estará intimamente ligada ao meio ambiente e, se não estiver ligada ao meio ambiente, estará do lado da destruição do planeta.

Quando me refiro à questão da crise estrutural generalizada, assinalo que atualmente temos um sistema, uma configuração significativa, uma estrutura que está em processo de desestruturação. As estruturas se derrubam, caem, como tem acontecido ao longo da história, nas grandes épocas: a Idade

Média, a Idade Moderna. O que acontece entre uma época e outra marcada por uma forte estruturação? Ou seja, o que acontece naquele espaço, naquele momento em que uma grande civilização, uma cultura ou uma época está caindo, se desestruturando, erodindo, e a outra aparece. Os momentos da época - de forte estruturação - são bem estudados, mas o que acontece entre uma época e outra (estrutura) é pouco estudado.

Tivemos que viver nesta temporalidade, na qual as estruturas estão se desestruturando, ao invés de se estruturar, mas ao mesmo tempo novas tentativas de estruturas, configurações, o que chamei de *contornos sociais*, estão sendo formadas. Assim, neste sentido, a Educação Ambiental está em construção, está tentando se consolidar porque os contornos sociais aspiram, têm o desejo de se tornarem projeto(s), de terem maior peso no curso da sociedade e, ao mesmo tempo - em certo sentido - estão em consolidação. E onde podemos ver que o campo da Educação Ambiental está em consolidação, parece-me que pode ser visto mais claramente nas novas gerações que tiveram elementos, não apenas através da escola e da família, mas até mesmo através dos meios de comunicação de massa, sobre questões ambientais. A este respeito, existem aspectos que precisam ser melhor analisados, em particular sobre os casos em que os adultos sinalizam como seu filho ou filha ou neto ou neta - meninos ou meninas realmente pequenos - chamam fortemente sua atenção porque estão fazendo algo que é contra a natureza, ou que está contribuindo para a crise ambiental, em vez de tentar resolvê-la, para reduzi-la. É aí que está se consolidando, não creio que esteja se consolidando nas universidades, nem nos mestrados, nem nos doutorados - que são muito importantes - mas não está acontecendo lá.

Deveríamos olhar para estas novas gerações, desde os mais jovens até aqueles que as seguem, e nos perguntar que ideias elas estão incorporando, como estão incorporando novos valores e atitudes, que críticas elaboram em relação a realidade atual, que características elas têm e, é claro, ver os estilos de vida que adotam. Isto é algo muito importante, portanto, deveria ser tratado com maior clareza, na medida em que existem estilos de vida que ajudam, permitem, incentivam a mudar os padrões de consumo, ser mais conscientes dos problemas ambientais, realizar práticas diferentes em termos da relação sociedade-natureza, e estilos de vida que não o fazem. Aqui, por exemplo, seria algo semelhante a realizar pesquisas com grupos de crianças sobre questões ambientais, o que pensam, o que fazem, o que dizem a seus pais, avós, tios, tias, tios, amigos, e assim por diante.

Este processo é atravessado por uma questão ontológica, que denominei de horizonte semiótico ontológico (HOS), ou seja, cultura. Toda cultura é protegida e atravessada por um horizonte semiótico ontológico. No meu caso, é principalmente na cultura ocidental, na qual me formei, mas em um país como o México, somos formados na escola pela cultura ocidental (e em outras áreas também, como em muitos aspectos familiares, sociais etc.), mas somos influenciados - de muitas maneiras - pelas culturas originárias. Em diferentes comunidades e regiões do país, certas práticas sociais e culturais particulares são seguidas, e deveríamos saber e analisar que formas de vida estão favorecendo estes horizontes semióticos ontológicos na construção da Educação Ambiental, em sua consolidação, ou o que está acontecendo com a Educação Ambiental. Parece-me que esta discussão é importante, deve ser colocada sobre a mesa, mas devemos encontrar diferentes formas de investigação com forte apoio teórico-contextual, bem como empírico.

Você tem uma longa carreira no campo da Educação Ambiental, anos de trabalho e experiência que refletiram em sua participação ativa em vários espaços educacionais em geral e na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) em particular. A este respeito, pergunto quais os motivos que a levaram a permanecer no campo da Educação Ambiental?

Essa é uma pergunta muito bonita, por que eu fiquei? Porque considero que hoje ser um educador, ser um estudioso da educação, estar tentando ter práticas educacionais que formam relações mais saudáveis, melhores relações entre as pessoas, é ser um educador ambiental. Também, porque se você está interessado na educação e se você está interessado em um sentido mais emancipatório, você tem que estar na Educação Ambiental. Você não pode estar interessado na educação, nem do ponto de vista teórico nem prático, nem do lugar que ocupa na educação, se não tem interesse na Educação Ambiental. Em outras palavras, se você está na educação e não está na Educação Ambiental, isso significa que você não está na educação, mesmo se você pensa que está, mas não está, porque você não pode ter esta falta de atenção, esta falta de sensibilidade a uma realidade tão forte como aquela que estamos experimentando com todos os problemas ambientais.

Portanto, é necessário ter um conceito amplo de educação, que não se limite a uma simples transmissão da geração adulta para a geração jovem, pois sabemos que existem transmissões e redirecionamentos simbólicos, e o que está ocorrendo nos processos educacionais é a constituição e formação de subjetividades, identidades, sentimentos, posições etc., de modo que não se pode estar na educação neste momento histórico se não se está na Educação Ambiental.

Repito e enfatizo, na atualidade, se você está no campo da educação, se você está interessado na educação, se você está in-

interessado na formação do ser humano, seu presente, seu futuro, o seu próprio, o meu, se você está na educação, você também está na Educação Ambiental, e se você não está na Educação Ambiental você não está na educação, e sim está em uma questão fantasmagórica, onde você está bloqueando e excluindo a realidade e esta realidade muito forte que é a questão da crise ambiental. É estar vivendo como se a realidade não estivesse acontecendo. Há até cientistas que apontam que já basta tanto alarde sobre o meio ambiente e a Educação Ambiental, porque o que está acontecendo conosco são mudanças que ocorreram ao longo da história do planeta, e eles as explicam a partir da geologia - as eras geológicas - e de outras disciplinas. Entretanto, hoje estamos testemunhando como em nosso tempo histórico humano, em menos de um século, o planeta foi destruído muito mais do que em um número impressionante de anos anteriores, e há muitas pesquisas sobre o assunto, o que mostra a destruição do planeta pelas ações dos seres humanos.

Por que fiquei na Educação Ambiental? Porque sou apaixonada pela educação, porque vivo pela educação, porque quero fazer o melhor que puder neste mundo e assim, estar na educação significa estar na Educação Ambiental. Deixe-me insistir, não estar na Educação Ambiental é ter forclusão e obturação da realidade. Em breves palavras, vou ressaltar o que quero dizer com forclusão e obturação da realidade, que são dois conceitos lacanianos. A obturação é para cobrir, para obstruir algo que você está vendo e é melhor que você o encubra, por isso permanece bloqueado, isto em termos muito simples. A forclusão é mais complexa teoricamente falando, refere-se a um elemento da realidade que é nodal, básico (a um significante fundamental), que é expulso da própria realidade, ou seja, do universo simbólico do sujeito. É importante ter uma certa abordagem teórica do real, do imaginário e do simbólico, conceitos lacania-

nos indispensáveis - a fim de entender a partir de sua perspectiva - como o sujeito funciona, como nós seres humanos funcionamos e como é nossa psique.

Assim, o real é isto que acontece, que no momento em que acontece não podemos representá-lo, não podemos falar sobre ele, não podemos dar-lhe um nome, mas que, mesmo assim nos move, move tudo. O imaginário - tudo isso que estou tentando dizer em palavras muito simples - seria aquele esforço para começar a elaborar o que aconteceu, que pode ser em nível de instituição, grupo social, pessoa, sujeito (individual, família, comunidade, social). E o simbólico é aquilo que é realidade, quanto mais a realidade cartesiana, digamos, mais a razão cartesiana, aquilo sobre o qual posso falar, escrever, aquilo em relação ao qual posso dizer que concordo ou discordo. De tal forma, quando algo é excluído é que não se torna parte de sua realidade porque não está inscrito em seu subconsciente, porém é uma parte fundamental dessa realidade que existe, mas em sua própria construção do mundo, em sua própria elaboração do mundo, ele simplesmente não está lá, não existe, você não o vê, você nem sequer pode imaginá-lo, você nem sequer pode pensar nele porque está excluído, isto em termos muito simples. De tal forma que educadores, pessoas dedicadas à educação em qualquer nível, em qualquer campo, na própria sociedade - porque toda a sociedade é um educador - que não se assumem dentro do campo da Educação Ambiental, que não permanecem no campo da Educação Ambiental, não estão vendo a realidade. Para estas pessoas, grupos, setores, esta parte da realidade é invisível; eles têm forclusão e obturação à crise ambiental, suas implicações, nossos níveis de responsabilidade, que sabemos que são diferentes de acordo com o espaço e o nível que ocupamos e o que fazemos no mundo.

Atualmente, o campo da Educação Ambiental mostra vários sinais de desenvolvimento, trabalho, atividade, alguns otimistas e outros com grandes dúvidas. Neste contexto, que perguntas poderíamos fazer hoje no campo da Educação Ambiental?

Para responder a isto eu voltaria à nossa primeira pergunta, ou seja, para perguntar ao campo da Educação Ambiental o que se entende por educação e o que se entende por Educação Ambiental. Quanto trabalho está sendo feito na questão das subjetividades, e desde a formação das subjetividades e identidades, como trabalhar a questão emocional, a questão política, a questão acadêmica, todos os outros aspectos, mas partindo da questão do que é educar. Educar não é guerra, e digo isto categoricamente.

Estar na educação é estar fazendo algo juntos para alcançar um propósito, consciente ou inconscientemente, por identificação, por decisão, por escolha, mas é estar juntos, é estar juntos para alcançar algo. Educar é o encontro de diferenças no complexo campo de envio e reenvio simbólico, afetivo, intelectual, ético, estético etc. Portanto, temos que perguntar o que significa Educação Ambiental, desde Tbilisi e talvez até antes. O que se entende por educação como um conceito, como uma categoria, como uma prática? Como diria Nietzsche, a realidade, o mundo tem um fluxo tal que é muito difícil compreendê-lo, aprendê-lo, mas há esforços que podemos fazer com nossos conceitos, com nossas categorias, com nossas problemáticas, com nossas práticas, e é por isso que uma das questões mais importantes seria perguntar à Educação Ambiental o que ela entende por educação e por Educação Ambiental.

Sei que há muita coisa escrita sobre isso, há muitas concepções, mas me parece que elas deveriam ser revistas de outros ângulos. Neste momento histórico, precisamos de um pensa-

mento caótico em um certo sentido, que permita pensar através da paralogia, como trabalha Lyotard (1979) em *A Condição Pós-moderna*. Ou seja, reconhecer que estamos em uma forte pressão entre a globalização e a crise estrutural generalizada, que estamos em um mundo caótico em muitos aspectos. Mas temos que nos perguntar o que implica que o caos é propício ao pensamento e à ação paralógica, bem, implica que você pare e diga a lógica disso, eu não gosto disso, não me convence porque está levando em direção a um mundo cada vez pior, talvez não em todos os sentidos, mas em aspectos nodais que têm a ver com a vida das pessoas e do próprio planeta.

A este respeito, insisti e insisto que de uma estrutura para outra as coisas que acontecem no meio, há novas expressões, novas configurações, novos estilos, novas formas, mas há também uma insistência de que a estrutura, o sistema se perpetue, e por isso é importante parar e pensar onde esta lógica, esta lógica de desempenho, de fazer o “sistema” funcionar melhor e melhor, de ser cada vez mais competitivo, vai nos levar. É isso que queremos? - que o sistema atual funcione cada vez melhor? A educação baseada na escola agora se concentra nas competências. Temos que nos perguntar o que se entende por competências, claro que as pessoas têm, temos que ser competentes, claro que não é para ser contra a categoria de ser competente, mas o problema está na forma como esta questão tem sido tratada, porque parece que se trata de chegar a um determinado lugar, mas a questão seria: qual é esse lugar?

Outra questão no campo da Educação Ambiental é saber exatamente para onde queremos ir, e isto não é para encontrar respostas definitivas, porque quem teria coragem de dizer, vamos fazer o mundo desta maneira, mas para ter abordagens para onde queremos ir, e estas abordagens são dadas com sua própria vida. Em outras palavras, com seu modo de vida, você

está caminhando para o que quer, o que todos querem que o mundo seja, o ser - referido por Hugo Zemelman (1987) - o mundo que vai ser em um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito anos, e assim por diante. Então essa seria outra pergunta: onde queremos chegar? O que entendemos por educação, e então, o que devemos fazer para chegar onde queremos; embora possamos não ter clareza absoluta, mas temos uma ideia clara do que estamos vendo que queremos, por exemplo, ter outro tipo de relacionamento com as pessoas. Você é um pai jovem, tem uma relação diferente com seus filhos, diferente daquela que seus pais tinham com você, e você é claro sobre isso e está pensando em como realizá-la.

Em termos de Educação Ambiental, em seu ser de pai está seu ser de educador ambiental, portanto, por exemplo, existem alguns dos fios que nos dão algumas dicas de como fazê-lo. Podemos ver estes laços dentro da família, dentro das instituições, e a universidade certamente não é uma das melhores instituições para se ver isto, pois é uma instituição resistente à Educação Ambiental, com suas honrosas exceções, como a Universidad Autónoma de Madrid, onde você obteve o doutorado, ou a Universidad Autónoma de San Luis Potosí, apenas para mencionar dois casos próximos.

Outra coisa que temos que perguntar à Educação Ambiental é o que conseguimos. Penso que conseguimos muito, que também temos que nos reconhecer e reconhecer o que somos agora e o que éramos há cinco, dez ou quinze anos. Perguntar o que sou hoje como educador ambiental, o que consegui como educador e o que conseguimos como grupo, como sociedade, como grupos interessados em construir um mundo melhor, um México melhor. Neste ato de questionar a Educação Ambiental, devemos ter sempre em mente os dois maiores perigos que men-

cionei em várias ocasiões e em várias obras, as duas grandes ameaças à humanidade: a nuclear e a ambiental. Por isso é fundamental que praticamente qualquer contorno social, qualquer visão do mundo, qualquer figura mundial (Villoro, 1992) que se expresse, que se manifeste, deve incorporar o tema ambiental como um elemento nodal e imprescindível.

Estas são apenas algumas das perguntas que podemos formular ao campo, e certamente há muitas outras que poderíamos fazer.

Como você visualiza o futuro da Educação Ambiental?

Aqui vou citar quase literalmente a Edgar Morin em uma conferência que ele deu na UNAM alguns anos atrás, onde lhe foi feita uma pergunta semelhante, em relação ao futuro. Ele disse que se olharmos para todos os dados que temos, se olharmos para os dados concretos de tudo o que está acontecendo hoje, o que podemos dizer é que praticamente não há futuro. Não me lembro exatamente de suas palavras e não quero inventar, mas ele disse algo mais ou menos assim, mas também ressaltou que era um otimista radical, se ele não o disse com essas palavras, eu estou dizendo agora. Ele também disse que a humanidade, em outros momentos históricos, deu saltos qualitativos impressionantes, em momentos em que parecia que não havia solução para uma situação particular ou para um problema particular.

Neste sentido, há um livro de Luis Tamayo (2010), que é um filósofo mexicano, psicanalista, educador ambiental, que algumas pessoas classificam - dentro de posições ambientalistas - como um catastrofista sobre o futuro do meio ambiente, o que é parcialmente verdade, porque ele diz que não há saída. Mas ele também suscita algo muito interessante que eu vinculo

ao que Edgar Morin disse. Luis Tamayo diz que a pior guerra que nós, seres humanos, empreendemos, é a guerra contra a natureza, e que é uma guerra que definitivamente vamos perder, estamos perdendo e, portanto, em vez de pensar em termos de guerra, deveríamos pensar em como nos unir para lidar com o problema ambiental.

Neste momento lembro de Ernesto Laclau, a quem eu aprecio, estimo e admiro intelectualmente, um filósofo político importante com quem tive a oportunidade de fazer meu pós-doutorado na Universidade de Essex, Inglaterra, em 1998. Estou pensando especificamente em seu conceito de constituição da sociedade com base na relação amigo - inimigo, como a relação fundada e constitutiva de tudo o que é humano, da realidade, da sociedade. Esta posição é assumida, pelo menos por aquilo que considero ser o primeiro Laclau, o de *Hegemonia e Estratégia Socialista* (1985), porque no segundo Laclau, a partir de seu livro *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo* (1990), encontro outra posição a respeito da constituição ontológica da realidade, que até já discuti com ele, onde adverte que nem toda resposta discursiva a um deslocamento tem que ser política em princípio.³

A este respeito, Luis Tamayo diz que devemos - como ele interpretou - passar para outra etapa da humanidade, a etapa das relações humanas, na qual nos perguntemos por que vamos à guerra, por exemplo. Sobre isso, é preciso entender o que acontece e porque não há uma distribuição justa de bens, e, caso houvesse, não haveria bens para toda a humanidade. O problema não surge porque não há recursos suficientes, mas

3 Refiro-me à política no sentido de amigo - inimigo e, portanto, a relação máxima é a guerra e a destruição do inimigo, e então a política vem a mediar para que a destruição do inimigo não ocorra e certas negociações sejam alcançadas, para viver em sociedade e não em guerra.

porque alguns consomem quase todos eles. Refiro-me à famosa Taça de Champanhe de que falamos muitas vezes, onde uma porcentagem inferior a 20 por cento da humanidade consome mais de 80 por cento dos recursos, e 80 por cento da humanidade consome menos de 20 por cento dos recursos. Este fato tem a ver com guerras, com um poder totalmente doente que Luis Tamayo trabalha neste livro, então me parece que hoje é um momento em que, como diz Edgar Morin, devemos dar saltos qualitativos, mas também devemos nos perguntar quem vai dar estes saltos qualitativos. A resposta é que eu não sei quem será o homem ou a mulher corajosa que dirá que o mundo daqui a quinze anos será de uma certa maneira.

Nietzsche era um visionário, afirmou que o tempo em que viveria duraria no máximo mais cem anos, e hoje estamos a pouco mais de cem anos e parece que uma transformação está iminente. Agora, se olhamos a partir de uma concepção mais tradicional do que é ser um cientista, descobriremos que não há saída. Não vou lhe dar nomes porque são pessoas que você conhece. Neste lugar onde estamos conduzindo esta entrevista, esta conversa, houve pessoas com nível de doutorado que choraram porque dizem que estamos vivendo o fim da humanidade e não há saída, e afirmam que isto é dito por cientistas em tal e tal campo e em tal e tal lugar, e se não é tornado público é porque não querem causar maior desordem, maior angústia nas pessoas.

Neste livro, Luis Tamayo aborda esta questão de modo muito pessimista. Sua postura ambientalista é catastrófica, mas, ao mesmo tempo, oferece uma proposta que ele chama de *Ecosofia Psicanalítica*, onde ele destaca, por um lado, a guerra do Ecocídio que temos travado e, por outro, a importância do amor pela natureza e tudo o que significa amá-la, o amor entre os seres humanos; no final, o livro termina com perguntas

muito práticas. Eu não estive em sua casa, mas ele aponta que só precisa de três ou quatro substâncias para manter sua casa limpa, que são sabão neutro, vinagre e bicarbonato. Com eles você pode usar a máquina de lavar roupa, manter o chão limpo, lavar a louça, enfim, fazer toda a limpeza da casa apenas com estas três substâncias que não são poluentes. Não as incorporei realmente, mas, por exemplo, se estes tipos de questões são verdadeiras, se há pessoas que vivem assim em uma cidade e mantêm sua casa limpa com três substâncias sem abrir mão da máquina de lavar roupa, do forno de micro-ondas, do liquidificador etc., pode-se ver uma espécie de otimismo do futuro e é nesse sentido que me considero uma pessoa radical-otimista e, a partir disso, considero que temos que dar saltos qualitativos nos diferentes espaços e níveis da sociedade e, embora ainda não sejam visíveis como gostaríamos, eles estão ocorrendo. E como disse Galileu Galilei “... e ainda assim se move”.

Hoje nos encontramos em um momento de desestruturação-estruturação e é isso que estamos começando a apreciar, a ver. O que estamos vendo são peças do futuro embutidas no presente. Sempre fui admiradora do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que pode ter mil falhas, mas é um grupo, uma “guerrilha” que desde 1994 tem constituído um novo modo de vida (Wittgenstein, 1953), um contorno social (De Alba, 2007), *uma figura do mundo* (Villoro, 1992).

O movimento zapatista implica um *pensamento paralógico* (Lyotard, 1979), que não é compreendido pela lógica “normal”, que não o entende, mas há grupos e pessoas no México e além de suas fronteiras que o entenderam ou estão começando a entendê-lo. Assim, de uma forma ou de outra, o movimento zapatista é um *pedacinho do futuro otimista*.

Voltando ao livro de Luis Tamayo, embora seja catastrófico no início, ele nos dá a possibilidade de construir um *pedacinho*

do futuro em sua própria casa, como já assinalei, por exemplo, com a limpeza da casa e outras questões que ele trabalha neste livro. Embora este autor seja um especialista em muitas coisas, um homem muito educado, você não o vê diferente de você ou de mim, mas parece que em sua vida e em seu contexto ele fez mudanças importantes em relação ao meio ambiente, ou seja, o futuro que vejo para a Educação Ambiental eu o vejo como um fator de pedaços de futuros otimistas.

Em 2022, Alicia de Alba Ceballos acrescentou as seguintes reflexões a sua entrevista:

Em 2022, eu adicionaria às minhas respostas de 2011 uma categoria que tem sido muito produtiva para pensar e trabalhar no campo da educação e pedagogia em geral, e da Educação Ambiental em particular: o Horizonte Ontológico Semiótico (HOS).

Um horizonte ontológico semiótico é o lugar imaginário, simbólico, inter-simbólico, ontológico, semiótico, epistêmico, teórico, valorativo, estético, ético, histórico e cronotrópico, a partir do qual se constrói, compreende, analisa e considera um campo, um problema ou uma questão, ou seja, a própria realidade. No HOS, constrói-se o sistema de sentidos e significados, no qual se posicionam as condições possíveis para o olhar (Pérez Arenas, 2008) e dos campos discursivos sobre as formas de vida (Wittgenstein, 1953) de uma comunidade e de seus membros, constituindo-se: 1) os estilos de inteligibilidade; 2) as formas de percepção; 3) a expressão e o manejo da sensibilidade; 4) a expressão e o manejo das emoções e da emotividade; 5) a inscrição na natureza; 6) as formas e estilos de construção e

definição estrutural de papéis, lugares e espaços na comunidade e na população; 7) a construção, memória e celebração de momentos de procedência (narrativas míticas constitutivas) e o acunhamento e incorporação de momentos de emergência: as crenças; 8) construção e dinâmicas dos rituais nodais do horizonte ontológico semiótico (HOS). Esses são seus oito elementos constitutivos.

Nesta linha de pensamento, e destacando a quinta dimensão da categoria HOS, inicialmente se pensou, se construiu, se produziu como inscrição na natureza. No entanto, ao longo dos anos, meses, dias, chegamos a compreender que isso depende em grande medida de com quem estabelecemos a relação de comunicação e a relação pedagógica para falar deste elemento constitutivo do HOS, que tem a ver com a forma como fomos inscritos na natureza ou como fomos semeados na natureza ou como não fomos inscritos ou semeados na natureza. Isso é algo que deveria impactar, na minha perspectiva, as pesquisas no campo da Educação Ambiental e na Educação Ambiental em termos gerais, porque não se pode falar da mesma maneira para todas as populações das diferentes regiões do México, da América Latina e do mundo. Deixo isso enunciado por causa da questão da diversidade. Ou seja, como e a partir de quando nos constituímos como sujeitos e na construção de nossa subjetividade em íntima relação constante com o HOS, em relação inextricável com a família, com a comunidade e com a natureza ou não com a natureza. Essa é a questão importante deste quinto elemento constitutivo do HOS. O que é a natureza para mim? Na pesquisa que fizemos na segunda metade da década de 80 e no início da década de 90, sobre a questão ambiental nos livros didáticos da escola primária no México (de Alba, et al, 1993), já víamos várias maneiras de nos relacionar com a natureza e

ainda usávamos este significante que é um verbo, claro, relacionar, se relacionar com, e agora consideramos que é importante se somos parte da natureza ou em que grau de separação podemos nos localizar em nossa relação com a natureza. Então, se resalta a importância de mudar os termos, os significantes e as palavras para ser inscrito ou para ser semeado na natureza. Este é um dos elementos constitutivos do horizonte ontológico semi-ótico. E é este elemento constitutivo do HOS que considero que deveria ser trabalhado na Educação Ambiental profundamente, com seriedade, com pesquisas em equipes com diferentes membros em termos de idade, pertencimento, sexo, HOS. Por outro lado, é preciso fazer exercícios autobiográficos em que possamos nos dar um espaço de reflexão para nos compreender, para ver como nos situamos em relação a como temos sido e como temos experimentado e vivido nosso ser com a natureza, nosso ser como parte da natureza ou nosso ser estranho à natureza e em que grau.

Referências

- Arias Ortega, M. Á. y González Gaudiano, E. (2009). “La educación ambiental institucionalizada: actos fallidos y horizontes de posibilidad “en *Perfiles Educativos*. México, tercera época, volumen XXXI, número 124, Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación-Universidad Nacional Autónoma de México (IISUE-UNAM), pp. 58-68.
- Arias Ortega, M. Á. y González Gaudiano, E. (2011). *Educación ambiental y sociedad civil en México: análisis de sus propuestas pedagógicas*. Madrid, Tesis de Doctorado. Universidad Autónoma de Madrid, España.
- De Alba, A. (2002). *Currículum universitario: académicos y futuro*. México, Plaza y Valdes.

- De Alba, A. (2007). *Currículo – sociedade. O peso da incerteza, a força da imaginação*. México, IISUE-UNAM, Plaza y Valdés. (Educação).
- De Alba, A. (2018). “Horizonte ontológico semiótico, ambiente y educación”, en Felipe Reyes Escutia (coord.), *Construir un NosOtros con la tierra. Voces latinoamericanas por la descolonización del pensamiento y la acción ambientales*. México, Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas/Editorial Itaca, pp. 213-235.
- Durkheim, E. (1974). *Educación y sociología*. Tr. por Idea Vilariño. Buenos Aires, Schapire, 1924 Primera Edición. (Colección Tauro).
- Freire, P. (2010). *Pedagogía del oprimido*. México, Siglo XXI Editores. Cuarta Reimpresión 2005.
- Freire, P. (2002). *Pedagogía de la esperanza: un reencuentro con la pedagogía del oprimido*. México, Siglo XIX.
- Gramsci, A. (1981). *La alternativa pedagógica*. Barcelona, Editorial Fontamara. (Colección Ensayo contemporáneo).
- Gutiérrez Pérez, J. (1995). *La educación ambiental. Fundamentos teóricos, propuestas de transversalidad y orientaciones curriculares*. Madrid, La Muralla.
- Gutiérrez Pérez, J. y Calvo, S. (2007). *El espejismo de la educación ambiental*. Madrid, Morata.
- Laclau, E. (1990). *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1993.
- Laclau, E. y Chantal, M. (1985). *Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia*. Madrid, Siglo XXI, 1987.
- Liotard, J.-F. (1979). *La condición posmoderna: Informe sobre el saber*. Madrid, Cátedra, 1994.
- Pérez Arenas, D. (2008). *Desestructuración de la identidad social de las Maestrías en educación: desplazamiento de la formación académica*. Tesis de doctorado en Pedagogía, UNAM, México.

- Tamayo, L. (2010). *La locura ecocida. Ecosofía psicoanalítica*. México, Fontamara.
- Villoro, L. (1992). *El pensamiento moderno. Filosofía del Renacimiento*. México, El Colegio Nacional - FCE. (Cuadernos de la Gaceta 82).
- Wittgenstein, L. (1988). *Investigaciones filosóficas*. México, Alianza IIF-UNAM, Edición, 1953.
- Zemelman, H. (1987). *El uso crítico de la teoría. En torno a las funciones analíticas de la totalidad*. México, Universidad de las Naciones Unidas-El Colegio de México.

Espaço de grandes desafios e intelectualmente atraente

Entrevista com Edgar González Gaudiano

Edgar González Gaudiano é doutor em Filosofia e Ciências da Educação. Atualmente é pesquisador do Instituto de Pesquisa em Educação da Universidad Veracruzana. Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores, Nível 3; do Conselho Mexicano de Pesquisa Educacional; da Academia Mexicana de Ciências e membro fundador da Academia Nacional de Educação Ambiental. Coordena a Cátedra UNESCO-UV “Cidadania, Educação e Sustentabilidade Ambiental do Desenvolvimento”. Publicou sete livros da sua autoria e dezessete livros coletivos, além de vários capítulos e artigos em livros publicados e revistas tanto no México como em outros países. Membro do Grupo de Referência da UNESCO para a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Em 2004 recebeu o Prêmio de Mérito Ecológico na categoria Setor Acadêmico e em 2007 o Prêmio UANL pela pesquisa em ciências humanas. Sua linha atual de pesquisa são as representações sociais da mudança climática. E-mail: egonzalezgaudiano@gmail.com.

No momento, os problemas ambientais não só continuam, como também estão aumentando. Tanto as leituras mais otimistas quanto as mais pessimistas atingem um ponto comum: os problemas ambientais continuam. Diante de tal panorama, o que nos faltou no campo da Educação Ambiental

para dar uma maior contribuição, a fim de enfrentar este tipo de problema com melhores possibilidades de transformação y esperança?

Em primeiro lugar, deve-se dizer que os problemas ambientais não podem ser resolvidos apenas com a Educação Ambiental, por melhor que seja. Nenhum problema social pode ser resolvido a partir de uma perspectiva exclusivamente pedagógica. Penso que seria justo reconhecer isto porque, caso contrário, estaríamos sobrecarregando a Educação Ambiental com níveis de responsabilidade que não correspondem a ela. Os problemas ambientais continuam a aumentar porque ainda existe um estilo de vida baseado em processos que têm a ver tanto com o uso intensivo dos recursos naturais quanto com o abandono das políticas ambientais desde os anos 90, particularmente desde a reunião do Rio de Janeiro em 1992. Portanto, não se pode dizer que, como os problemas ambientais estão aumentando, a Educação Ambiental tem que fazer mais para dar uma melhor contribuição.

Tem que se fazer mais, mas não devemos esperar que isso resolva os problemas. O caminho para soluções tem múltiplas mediações entre a proposta pedagógica e a resposta social.

Em vários fóruns, publicações, espaços e intercâmbios com colegas no campo da Educação Ambiental faz-se referência, insistentemente, ao fato de que o campo está em construção, mas o que significa estar em construção? E se estamos neste processo, em que ponto desta construção estamos?

Em uma de minhas publicações comentei sobre este processo de construção, pois os amigos brasileiros questionam muito que um campo que já tem 20 anos não pode continuar sendo considerado em construção. A este respeito, observo que um processo de construção, antes de tudo, não depende dos anos,

mas, e isto é o que eu digo em meu livro, do posicionamento que o campo tem na corrente principal de atividade. Neste caso, tanto no campo da educação quanto no campo do meio ambiente. A partir disto, deve-se dizer que 30 anos após a Conferência de Tbilisi, em 1977, o campo da Educação Ambiental ainda está em construção, em parte porque sua posição dentro das políticas ambientais e das políticas educacionais ainda é subordinada. Em outras palavras, ele ainda ocupa uma posição bastante marginal e isto torna o campo muito mais suscetível a mudanças por fatores externos do que outros campos que são mais consolidados, mais sedimentados. Deixe-me explicar. A política ambiental em nível internacional é altamente dinâmica, altamente fugaz, volátil; ela muda com praticamente todas as reuniões internacionais. Vemos isso no momento com as questões relativas à mudança climática, biodiversidade, processos de desertificação, a capa de ozônio estratosférica. Não apenas a política está mudando, mas muitas novas descobertas estão sendo desenvolvidas que revolucionam, às vezes radicalmente, as informações disponíveis sobre problemas ambientais, e é óbvio que a Educação Ambiental é afetada por estes processos. Este não é o caso nos campos mais estáveis da educação, por exemplo, nos processos curriculares, nos processos históricos da educação, para citar apenas alguns.

Entretanto, pessoalmente não considero errado que nosso campo esteja em construção; de fato, parece-me que, de uma forma ou de outra e em diferentes graus, todo o campo social deve ser considerado em construção permanente. Que a Educação Ambiental continue sendo caracterizada como em construção eu não vejo como um defeito, mas sim como uma virtude do próprio campo. O fato de ser um campo altamente dinâmico exige que aqueles de nós que estamos nele estejam em constante atualização e nos informando sobre estes avanços. Portanto, a

questão de estar ou não em construção, como já assinalei, tem muitos matizes, mas eu não vejo isso como um problema.

Você tem uma longa trajetória no campo da Educação Ambiental, anos de trabalho e experiência que se manifestaram em sua participação ativa no campo em geral e em diferentes universidades em particular, bem como no setor público, tanto no contexto mexicano como no ibero-americano. A este respeito, pergunto-lhe, não tanto em termos de por que você não saiu do campo da Educação Ambiental, mas por que você permaneceu no campo da Educação Ambiental?

Esta é uma pergunta que eu acho que deve ser respondida de forma estritamente individual, porque as trajetórias ou itinerários daqueles que fazemos parte do campo da Educação Ambiental neste momento têm histórias diferentes. No meu caso particular, poderia dizer que achei o campo da Educação Ambiental não só importante e relevante para o presente e para o futuro, mas especialmente sedutor, academicamente falando. Sempre me senti atraído por novos desafios. Eu havia trabalhado primeiro com crianças infratoras e com educação indígena bicultural, e foi justamente por causa dessa busca que vim para o campo da Educação Ambiental, o que me fascinou, pois encontrei a oportunidade de trabalhar em uma perspectiva multidisciplinar. Em primeiro lugar, porque isto foi muito bem articulado com minha própria formação, com minha própria história de vida; porque eu tinha uma formação em Química e outra em Pedagogia, e o campo da Educação Ambiental me deu a oportunidade de poder usar estas duas formações.

Em segundo lugar, e além do estritamente pessoal, o tema do multi e interdisciplinar e depois com a abordagem de sistemas complexos pareceu-me que contribuiu para uma nova

forma de pensar sobre o papel do conhecimento na compreensão da realidade. Neste sentido, a Educação Ambiental e as questões ambientais, assim como todas aquelas de alta complexidade epistemológica e científica, estão imersas neste debate. Por um lado, foi a questão pessoal e, por outro, a abordagem interdisciplinar e complexa que me atraiu. Quando comecei a entrar no estudo das questões ambientais e a entender como isso é relevante para nossas vidas e como pouco está sendo feito em todos os sentidos para enfrentá-las, isso me fez ver um campo que tinha grande potencial, e ainda tem. Isso me fez assumir um compromisso de vida, porque apesar de ser difícil estar aqui, esse era meu desejo e aqui passei a maior parte de minha vida profissional e aqui vou terminar minha carreira profissional também.

Permaneci por todas estas razões e permaneço no campo pelas mesmas razões, embora as razões específicas também tenham mudado. Em algum momento tive muito interesse em ver o que poderia ser feito na administração pública, mas agora não estou mais interessado. Atualmente estou mais interessado em trabalhar nas áreas de pesquisa e formação, e nem mesmo em uma perspectiva nacional. Neste momento de minha vida, estou cada vez mais interessado nos problemas regionais e locais, porque me parece que é aqui que devem ser feitos os maiores esforços, e é a isto que me dedico.

O campo da Educação Ambiental apresenta diferentes níveis de desenvolvimento, de trabalho, de atividade etc., neste marco, quais são as perguntas que poderíamos fazer ao campo da Educação Ambiental hoje?

Não sei se podem ser feitas perguntas sobre o campo como tal, já que as perguntas têm mais a ver com os problemas que o campo quer resolver, quer enfrentar. Nesse sentido, devemos

começar perguntando por que as pessoas não mudam suas atitudes e padrões de comportamento em relação a problemas simples, que exigem menos esforço, mas que mesmo assim, permanecem inalterados. Estou me referindo a questões relacionadas à economia de água, manejo de resíduos, uso de automóveis, energia. A este respeito, acredito que algumas pessoas não estão suficientemente conscientes dos problemas ambientais e suas implicações. Mas, me indago sobre a atitude daqueles que estão conscientes dos problemas e de suas consequências, não apenas para suas próprias vidas, mas para as vidas de seus filhos e para o futuro de todos.

A questão é: o que estamos fazendo de errado? O que não estamos fazendo bem? Como precisamos mudar as estratégias pedagógicas em uma época de transições muito drásticas na vida de todos os seres humanos? Por exemplo, com a questão das tecnologias de comunicação e informação, como podemos utilizar melhor as redes sociais, como podemos alcançar melhor as pessoas cujos interesses são agora tão instáveis, tão nômades? Os adolescentes de hoje estão envolvidos em muitas questões muito fugazes, muito voláteis, eles podem estar comprometidos com a proteção animal em um dia, com os direitos humanos no dia seguinte e com a astronomia no terceiro dia. Assim são. Portanto, a Educação Ambiental teria que ter uma ideia melhor de como se conectar com estes processos comunicacionais, porque estes processos estão aqui para ficar. Estas são as perguntas que eu me colocaria e não para pretender - agora com as Tecnologias de Informação e Comunicação TIC's - resolver os problemas complexos de nossa vida atual. Isso seria ingênuo e contraditório com a resposta à primeira pergunta, mas para ver como podemos contribuir melhor.

O contexto histórico atual revela à humanidade uma diversidade de desafios, problemas e grandes dificuldades, que devem ser analisados, compreendidos e orientados para a construção de um futuro mais promissor para todos os seres humanos. Neste cenário, como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Eu não sei. Parece-me complexa essa resposta. Estamos conseguindo superar o obstáculo representado pelo surgimento da educação para o desenvolvimento sustentável, e a Educação Ambiental vem se reposicionando em diferentes espaços. Entretanto, como toda a estrutura da política ambiental está tão enfraquecida, obviamente este enfraquecimento também afeta o campo da Educação Ambiental. Portanto, o futuro está associado com o futuro da política ambiental e, a menos que haja um colapso que mude muito radicalmente a trajetória do que está sendo feito no momento em termos internacionais, ainda vamos enfrentar muitos problemas antes que a realidade comece a melhorar em termos de política ambiental. Vemos isso aqui em Veracruz, onde a questão econômica continuou a se impor e se tornou esmagadora, como as questões da mineração a céu aberto, as questões da extração florestal excessiva e descontrolada, a questão da água; estamos em uma situação muito ruim em muitas áreas. O governo está de braços cruzados diante dos poderes fáticos da economia e, nesse quadro, o meio ambiente é visto como um obstáculo. Assim, querer fazer Educação Ambiental para que as pessoas tomem consciência e se comprometam a mudar seus hábitos pessoais, seu modo de vida, enquanto veem que as autoridades e os grandes interesses continuam a fazer o que querem em relação ao meio ambiente, é percebido por alguns como algo contraditório, ilusório e pretensioso. Assim, a única possibilidade de a Educação Ambiental responder

a estas tendências é tornar-se muito mais política do que ela é, e é aqui que está seu melhor horizonte do futuro.

Dez anos depois, o que você acrescentaria ou retiraria dessa entrevista, a partir da forma como percebe o campo da Educação Ambiental hoje? Neste momento histórico, quais seriam as suas perspectivas para o futuro do campo da Educação Ambiental?

Dez anos depois: rumo a outra gramática e outra língua

Seria fácil dizer, neste exercício de atualização de uma visão particular do campo da Educação Ambiental expressa há dez anos, que os problemas colocados naquela época se agravaram e entraram em perigosas encruzilhadas, ameaçando as condições de vida que existem hoje. Embora assim seja, escrevo no momento em que o mundo passa por uma terrível crise hídrica; uma guerra entre a Rússia e a Ucrânia que teve um impacto negativo nos recorrentes problemas econômicos, energéticos, alimentares e geopolíticos; uma tensão entre os Estados Unidos e a China que interrompeu a cooperação sobre mudanças climáticas por causa da visita de um parlamentar a Taiwan; uma pandemia calamitosa inacabada e o alerta de novas doenças zoonóticas emergentes resultantes da devastação persistente do ambiente selvagem; uma fase terminal do capitalismo com uma voracidade criminosa congênita; entre muitas outras características nefastas que se somam e contribuem para o reaparecimento de ideologias de extrema-direita que obscurecem ainda mais as possibilidades do futuro e até de silenciamento de vozes e manutenção dos precários direitos tão duramente conquistados nas últimas décadas (respeito às identidades de gênero,

lutas contra o racismo, as desigualdades sociais e a escravidão moderna, etc.).

O que podemos fazer diante desses cenários como educadores ambientais? Na entrevista respondida há dez anos, insisti em apontar a necessidade de aumentar a dimensão política do nosso trabalho. Isso é ainda mais imperativo do que era naquela época. Mas, a dimensão política passa por uma necessária reconceituação, tendo em vista a magnitude e a complexidade da realidade que enfrentamos, marcada pelo individualismo pueril a todo custo, da pós-verdade intrusiva como dispositivo de controle social e da proliferação de versões midiáticas dos problemas reduzidos a reality shows, como bem expressou Adam McKay em seu filme Don't look up.

Essa politização, aliada a uma maior dose de emocionalidade, pode nos levar a um horizonte diferente de inteligibilidade para a análise dos temas atuais relacionados a Educação Ambiental. Ou melhor, para a compreensão das subjetividades com as quais temos que interagir para restaurar coletivamente as condições de vida perdidas ao longo do processo de 'desenvolvimento civilizatório', não apenas para nos sentirmos novamente parte do ambiente natural, mas para assumirmos as profundezas de nossa humanidade, sem deixar de ser o que somos.

Para um pensar-sentir diferente sobre o que enfrentamos e enfrentaremos nessa trajetória civilizatória colapsista temos que construir outra gramática e outra linguagem, que nos permita, além de nos comunicar, trocar disposições afetivas e questões ontológicas, a fim de configurar novos significados sobre a existência e a realidade.

Já não somos tão inexperientes. Os educadores ambientais têm conhecimentos suficientes para construir novos discursos, pois felizmente carregam traços culturais resistentes aos ultrajes

desenvolvimentistas e aos muitos outros indícios construídos nos interstícios indóceis da diversidade social existente.

Nesse território da Educação Ambiental – da educação propriamente dita – que ainda não descobrimos por completo é, o que talvez, devêssemos proclamar como horizonte utópico para começarmos a caminhar juntos em direção a ele e no caminho agitado recuperarmos a esperança do sujeito ecológico.

Campo controverso e em incessante construção

Entrevista com Enrique Leff Zimmerman

Enrique Leff é Sociólogo ambiental. Doutor em Economia do Desenvolvimento em Paris, França, em 1975. Pesquisador do Instituto de Pesquisa Social (IISU-NAM). Professor de pós-graduação na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais (UNAM). Foi coordenador da Rede de Formação Ambiental para América Latina e Caribe no Programa Ambiental das Nações Unidas de setembro de 1986 a maio de 2008. Editor da Coleção Latino-Americana de Pensamento Ambiental do Programa Ambiental das Nações Unidas e Coordenador do Programa Ambiental das Nações Unidas no México durante o período de janeiro de 2007 a maio de 2008. Autor de mais de 20 livros e 150 artigos publicados no México, Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, EUA, Canadá, Inglaterra, Itália, Alemanha, Holanda. Suas linhas de trabalho e pesquisa: epistemologia e filosofia ambiental; economia ecológica, ecologia política e sociologia ambiental; educação e formação ambiental. E-mail: enrique.leff@yahoo.com

Neste momento histórico, os problemas ambientais continuam, ainda se mantêm presentes, as leituras dos mais otimistas e pessimistas atingem um ponto comum, o problema ambiental não foi resolvido e em alguns pontos se agudizou. Diante de tal panorama, o que nos faltou no campo da Edu-

cação Ambiental para dar uma maior contribuição para enfrentar este tipo de problema?

O que tem faltado no campo da educação, eu diria, é semelhante ao que tem faltado em todos os campos institucionalmente estabelecidos, como o campo da economia ou da política, ou seja, instituímos, através da modernidade, uma certa racionalidade para a qual o meio ambiente é estranho, e esta é a causa que tem levado ao transbordamento de seus efeitos negativos, do que chamamos de meio ambiente e problemas ambientais.

Todas as instituições - científicas, educacionais, políticas, econômicas e culturais em geral - são blocos de racionalidade muito fechados, pouco maleáveis ou flexíveis, relutantes em se abrir ao meio ambiente, e muitas vezes negam a existência de problemas ambientais. Entretanto, há um consenso crescente de que o problema ambiental é causado pela racionalidade da sociedade industrializada, capitalista e moderna. Mas a consciência disto não torna as instituições mais flexíveis. No entanto, a instituição educacional é um espaço que tem sua própria rigidez, talvez não tão fortificada quanto aquelas construídas em algumas outras disciplinas científicas, mas mostra uma grande rigidez diante desta questão.

No campo da educação existem alguns problemas burocráticos, sindicais, éticos, da vocação do próprio educador, mas também deve ser dito que a instituição educativa tem sido funcional a essa racionalidade - lembre-se da caracterização que Althusser fazia da instituição educativa como o aparato ideológico do Estado, que estabelece suas prioridades em termos sociais. Isto nos dá um exemplo de como a educação é aberta e como o campo educacional é sensível às questões ambientais.

Os maiores avanços na política educacional foram feitos a partir dos principais acordos internacionais, de “educação para todos”, com os quais estão sendo feitos progressos na ampliação da cobertura educacional como um direito humano e um propósito político-social da democracia; e a isto se acrescenta agora a equidade de gênero dentro dos *Objetivos do Milênio*. É aqui que se concentram as prioridades: no direito à educação para todos, em todos os níveis. Entretanto, foi também em Joanesburgo que foi feito o acordo para realizar uma Década de Educação para o Desenvolvimento Sustentável, um conceito que falseia a natureza radical da Educação Ambiental a fim de refuncionalizá-la para o absurdo do desenvolvimento sustentável dentro da mesma racionalidade que gerou - e continua a gerar - a crise ambiental. Em termos muito gerais, esta é a dificuldade que enfrenta a construção do campo da Educação Ambiental. E isto se reflete não apenas nas políticas educativas, mas no movimento social para a educação em geral. Assim, embora a comunidade educativa tenha uma presença muito grande na América Latina, devemos nos perguntar quantos ambientalistas ou educadores ambientais existem dentro da comunidade educativa, que é uma comunidade muito politizada, muito combativa, mas onde as questões ambientais ainda são vistas como algo, se não marginal, pelo menos não uma prioridade.

Assim, como geralmente acontece em nossas sociedades, tem sido muito difícil tomar consciência sobre a radicalidade da crise ambiental, pois isto implica uma transformação dos paradigmas do conhecimento, dos métodos de ensino e do conteúdo, ou seja, é uma mudança não só de paradigma, mas da maneira de ser, do modo de pensar, de agir, de sentir e de viver a vida em todos os seus sentidos. Essa falta de flexibilidade no campo educacional foi o que dificultou a abertura de espaços

nas universidades para sua própria transformação e para torná-las universidades focadas na construção da sustentabilidade e não apenas - como infelizmente aconteceu - para acrescentar alguns espaços mínimos e marginais para as questões ambientais serem tratadas. Em resumo, este é, em termos gerais, o maior obstáculo em termos de educação e de Educação Ambiental em particular.

Em vários fóruns, publicações, espaços, mesmo em intercâmbios com colegas ligados ao campo da educação e do meio ambiente, têm acontecido insistentes referências ao fato de que o campo da Educação Ambiental está em construção. Neste contexto, o que significa estar em construção, e se estamos neste processo, em que fase desta construção estamos?

Toda a discursividade da sustentabilidade está cheia de slogans, de frases mais ou menos genéricas e muitas vezes vazias, como se dissesse que o campo da Educação Ambiental está em construção. Tudo está em construção, mesmo a modernidade e o progresso, desde que não entrem em sua fase de desconstrução. Todos os campos ambientais estão em construção, porque o ambiente é uma irrupção em nossa cultura, em nossa civilização, porque implica a construção do novo, do que não é construído, de um caminho que não é predeterminado pelos paradigmas estabelecidos, o que significa que há algo em processo, no processo de ser construído, de ser investigado até sabermos exatamente o que é a transformação civilizatória e suas implicações. Em que ponto estamos? É muito difícil colocar uma escala, mas eu diria que se você levar em conta o grau de conscientização que foi adquirido na comunidade de educadores ambientais na América Latina eu diria que a conscien-

tização é bastante madura, sofisticada e crítica, mas estamos falando apenas deste grupo de educadores. Todos continuamos pensando que isto não acabou, que ainda estamos refletindo e tentando trazer nosso pensamento para abrir novas pedagogias e novos espaços institucionalizados para a Educação Ambiental, como o mestrado em Educação Ambiental na Universidade Autônoma da Cidade do México (UACM), que é um caso muito típico destas procuras. Assim, ao experimentar os problemas que surgem diariamente, é possível conhecer a enorme dificuldade de integrar em um currículo, os problemas de método e os desafios em termos de novas práticas educacionais.

No campo da Educação Ambiental, no campo da educação ecológica ou educação para a sustentabilidade, ou só da sustentabilidade, existem noções muito diferentes do que é Educação Ambiental, pois a forma de abordá-la como uma educação crítica leva a reformular e repensar o processo educacional.

Outra noção que sustenta um discurso é aquela em que se insiste que a Educação Ambiental é um currículo para o desenvolvimento sustentável, no qual vale a pena combinar alguns cursos de ecologia com alguns cursos de economia neoliberal, por exemplo. É por isso que é difícil colocar uma medida no momento em que nos encontramos nesta construção, que não é comparável, por exemplo, à construção de um edifício, onde se pode calcular que faltam tantos meses e tantos dias para terminá-lo, onde se pode dizer que 60 ou 70% dele foi construído.

Isto é muito difícil de dizer no campo da Educação Ambiental porque é um campo muito polêmico, onde muitas coisas estão sendo feitas que não vão na direção da radicalidade da Educação Ambiental, onde não há como se esgotar o assunto, nem pode ser reduzido à introdução de uma dimensão ambiental no campo educacional como se esta dimensão já estivesse pré-desenhada.

Assim, a questão da construção do campo da Educação Ambiental é um desafio teórico e prático para os educadores, especialmente para aqueles que adotam o *slogan* de que é um campo em construção. Por outro lado, para os *Bourdianos* e pós-modernos, que falam de campos e de realidades construídas, ou para aqueles que continuam a falar da transversalidade da Educação Ambiental, eu perguntaria: O que significa tal transversalidade? Com que espada você cruza o corpo da educação? Como se houvesse uma ponta de lança afiada e com ela você estivesse abrindo o pacote de cada um dos cursos e inserindo a dimensão ambiental neles, como se fosse um conhecimento claramente definido e construído. Devemos ter cuidado com aqueles *slogans* que facilmente geram consenso, que parecem noções inovadoras para tantos educadores ambientais, e que eu pessoalmente penso que caem num discurso confuso e vazio. Mas se o que entendemos como construção é algo que ainda não está estabelecido e que estamos inventando, que estamos pensando, que estamos vendo como é feito, estamos de fato em um processo de construção no campo da Educação Ambiental.

Você tem uma longa trajetória no campo da educação, do meio ambiente em geral, trabalhou por muitos anos, tem muita experiência e participou de diferentes reuniões no mundo sobre o assunto. A este respeito, pergunto-lhe, mas não em termos de porque você não saiu do campo da Educação Ambiental ou do meio ambiente, mas por que você permaneceu no campo ambiental.

Penso que, embora existam muitos sinais de transformação civilizatória que respondem a problemas muito agudos na história da sociedade, a questão ambiental é, se não a questão mais crítica, talvez o ponto mais crítico da insustentabilidade do mundo em que vivemos. Hoje podemos compreender muito

mais facilmente que a civilização humana requer processos democráticos no campo político, mas é muito difícil compreender os limites da ideologia do progresso ilimitado, do crescimento econômico ilimitado, ou seja, a contradição entre a economia e a sustentabilidade ecológica, para não mencionar a sustentabilidade socioambiental em termos muito mais amplos e complexos. Isto levanta questões fundamentais sobre a gênese destes processos, sobre o fracasso histórico na construção das sociedades humanas, da cultura humana, do processo civilizatório. Talvez tenha sido este tipo de reflexão que me levou a ficar preso a este assunto enigmático e inesgotável, o que sempre nos leva a abrir novas janelas de pensamento, devido à natureza infinita destas questões e à complexidade do próprio problema.

Há também um aspecto interessante em minha vida a respeito de como fui iniciado e permaneci atuando no campo da Educação Ambiental. Fui aprovado para meu doutorado no exato momento em que esta discussão irrompeu e pude vivenciar este debate desde o início, quando transcorria a cúpula de Estocolmo em 1972. Naquela época eu estava acompanhando seminários com Ignacy Sachs, em Paris, e isso me conectou com as discussões em torno a problemática ambiental. Foi daí que derivaram meus interesses filosóficos e sociais, quando tudo estava muito latente em mim, quando eu era jovem. Talvez, se a questão ambiental não tivesse irrompido naquele período, eu teria direcionado meus interesses para outros tipos de problemas sociais. Naquele momento de condensação e inflamação de minhas paixões juvenis, o atrativo de minha vocação epistemológica era o ambiente. O problema das mudanças de paradigma e as articulações das ciências me permitiram orientar e canalizar minhas preocupações filosóficas e sociais, que, posteriormente, foram enriquecidas com novas indagações teóricas e filosóficas

no campo da economia ecológica, da ecologia política e da filosofia ambiental, cuja trajetória tentei captar em minhas *Aventuras de la epistemología ambiental*.⁴

Em relação à minha conexão com o campo da Educação Ambiental e porque tenho continuado neste campo, ela está relacionada a outras circunstâncias da minha vida pessoal. Meus primeiros textos, em meados dos anos setenta, me levaram a conectar-me, através das experiências que mencionei, com um grupo de jovens profissionais latino-americanos - naquela época éramos todos jovens - que refletiam sobre várias questões relacionadas ao meio ambiente.

Naquele contexto, um acordo institucional foi fundamental para acelerar as sinergias de um intercâmbio muito produtivo para os momentos iniciais do debate ambiental. Refiro-me à fundação do Centro Internacional de Formação em Ciências Ambientais (CIFCA), um projeto do governo espanhol com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), de 1976. A prioridade dada à Educação Ambiental desde a Cúpula de Estocolmo e reafirmada na Conferência de Tbilisi, em 1977, teve seus primeiros efeitos ali. Esta é a origem de muitos destes processos, pois foi declarado em seus acordos que, para tratar de questões ambientais, a educação era essencial. A Conferência de Tbilisi foi organizada pela UNESCO e, logicamente, teve que confrontar as questões de ciência e educação. Isto levou à reunião de Belgrado em 1975, e depois à reunião de Tbilisi em 1977, que fundou o campo da Educação Ambiental e que precedeu os debates em novos campos disciplinares, tais como economia, ecologia, direito e sociologia ambiental ou qualquer outra disciplina ecológica ou ambiental.

4 Leff, Enrique (2006) *Aventuras de la epistemología ambiental*. México, Siglo XXI Editores.

A educação tomou a iniciativa, estabeleceu-se como o primeiro campo com a qualificação ambiental e, como consequência disso, em 1976, antes da reunião de Tbilisi, foi criado o CIFCA, que foi um grande atrativo para todos aqueles que naquela época, na Espanha, mas sobretudo na América Latina, estavam trabalhando no assunto. Foi a partir destas reuniões e seminários na CIFCA e na América Latina que nasceu a ideia de criar uma Rede de Formação Ambiental para a América Latina e o Caribe e, como consequência, em 1981 foi aprovada a ideia de estabelecer esta Rede no PNUMA, dentro de seu escritório regional para a América Latina, e o projeto foi iniciado em 1982. Este projeto foi iniciado por dois colegas e queridos amigos: Hector Sejenovich e Augusto Angel Maya. De 1986 a 2008 fui responsável por ele, coordenando este programa por 22 anos, o que me levou a trabalhar com o campo da Educação Ambiental, que também faz parte da resposta ao porquê de ter dado tanta importância para a educação em minha carreira profissional.

O campo da Educação Ambiental mostra hoje diversos sinais de desenvolvimento, de trabalho, de atividade, alguns com grandes projeções e outros com enormes dúvidas. Neste contexto, quais são as perguntas que poderíamos fazer ao campo hoje?

As questões continuam e continuarão sendo aquelas relacionadas à concepção do campo educativo como um campo para a formação de mentalidades, valores, modos de pensar, formas de ser, na perspectiva da construção de formas de vida sustentável. O que este campo exige é chegar às raízes de tudo o que precisa ser modificado em nossa maneira de estar no mun-

do, de nos posicionarmos no mundo, de entender o mundo, de agir no mundo. Ou seja, toda essa problemática nos leva a questionar a filosofia existencial do ser no mundo, forjada em acordo com os códigos genéticos culturais que trazemos inscritos em nossas mentes e corpos, que são transmitidos no sistema educacional, que moldam as pessoas ao longo de suas vidas e, sobretudo, no modo em que cada ser se constitui, pois se trata de um sistema que nos absorve desde o momento em que começamos a falar, pensar e mover-nos no mundo.

Portanto, a Educação Ambiental deve questionar e investigar como as questões ambientais são abordadas, como são transmitidas e como novas formas de estar no mundo são construídas sem a imposição uma ideia preconcebida. Isto deve levar a questionar tanto os métodos pedagógicos quanto o conteúdo educacional; questionar como isto é trabalhado, que é nada mais e nada menos do que mudar a maneira de ser.

O desafio é enorme em termos de estruturas curriculares, pois não é apenas a combinação de disciplinas a serem ensinadas ou seus conteúdos, mas também a forma pela qual a cidadania, as leis da matéria, a matemática, a própria vida, são ensinadas em uma conexão muito mais sensível com o mundo. Como se rompe com todos esses princípios de individualidade ou interesse no imperativo do progresso em direção à crise ambiental? Ou seja, como desconstruir as raízes de tudo o que promove a economia de mercado, egoísmo extremo, interesse de curto prazo, falta de visão no futuro? Como ensinar o pensamento complexo? Como preparar as pessoas para o que está surgindo agora como cultura ou civilização de risco? Quando o risco é quase conatural com a presença de tudo o que existe, onde o denominador comum é que tudo se transforma, tudo está sujeito a mudanças catastróficas, a questão é como aprender a viver nessas novas lógicas de vida, com essas coisas que

são muito mais complexas do que esses programas que agora estão tentando se estabelecer na mitigação do risco ou no propósito obtuso de desenvolvimento sustentável preso por uma racionalidade insustentável.

Ao indagar-nos sobre nossa existência no mundo nos aproximamos das formas tradicionais pelas quais as pessoas aprenderam a viver dentro do cosmos e do ecossistema, a viver em solidariedade com a natureza, com seus deuses, com os outros. Em outras palavras, esse tipo de aprendizagem nos situa no mundo das incertezas que, obviamente, nos leva a uma concepção mais modesta da vida, menos egocêntrica, menos pretensiosa, menos ambiciosa, que tenta romper com tudo o que gerou a crise ambiental, que se baseia em grande parte no interesse imediato, pessoal e de curto prazo.

Estes são os maiores desafios, ou seja, usar os conhecimentos para fazer com que os professores sejam mais comprometidos, mais coordenados, mais organizados em tudo isso, pois muito do que é ensinado é transmitido mais por osmose ou por contato, por vezes, entre os próprios professores. Quantos de nós não sentimos que somos moldados, muito mais pela forma de ser de um professor, do que apenas pelo conteúdo de seu ensino? Isto cria desafios muito grandes para todos os educadores, no sentido que eu lhes apontei.

Finalmente, como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Eu vislumbro o futuro da Educação Ambiental em termos de um processo de transformação social. Isto implica que a Educação Ambiental deve deixar de ser uma mera disciplina, um claustro de educadores fechados sobre si mesmos, um cam-

po especializado. A Educação Ambiental, devido ao seu caráter crítico e aberto a compreender as transformações do mundo, deve permear todas as dimensões do campo educativo. Como dizem muitos educadores ambientais, a educação ou é ambiental ou não é. Devemos aspirar a ter uma Educação Ambiental que se esforce pela conjugação e pelo diálogo de saberes, no fortalecimento da relação entre cultura e natureza, pois do contrário será uma educação limitada, uma educação que apenas prepara as pessoas para continuar vivendo na perspectiva de um progresso insustentável.

Vislumbro que o campo da Educação Ambiental deveria estar lançando sementes ao campo da educação como um todo. Essa seria minha visão ou o meu desejo em relação à mudança que o campo da EA deveria sofrer. Para isso, a Educação Ambiental deve continuar sendo crítica; crítica na linha do pensamento ambiental latino-americano, que estou convencido de ser o pensamento mais complexo, mais radical com as perspectivas mais transformadoras, e que não deve se limitar a uma educação ecológica que esteja em conformidade com as instituições e os paradigmas da irracionalidade já estabelecida. Não gostaria de ver uma Educação Ambiental meramente sistêmica e ajustada ao sistema, o que hoje é chamado de educação para o desenvolvimento sustentável, que é, quanto mais não seja, uma educação meramente funcional e acrítica. Se pensar é a única maneira de questionar o sistema-mundo e abrir novos canais para a vida, a educação deve ser o processo de transformar mentalidades e atitudes a fim de criar e construir um mundo sustentável.

Dez anos depois, o que você acrescentaria ou retiraria dessa entrevista, a

partir da forma como percebe o campo da Educação Ambiental hoje? Neste momento histórico, quais seriam as suas perspectivas para o futuro do campo da Educação Ambiental?

Li novamente este texto de mais de uma década atrás e, é verdade que eu poderia “refinar” ou dizer melhor o que afirmo ali, mas não há nada que eu eliminaria. Não há nada radicalmente novo que eu acrescentaria, a não ser acentuar a radicalidade da crise socioambiental e a falta de um campo suficientemente consolidado de Educação Ambiental crítica, capaz de abrir uma vanguarda transformadora do sistema educacional para preparar as novas gerações para um mundo incerto, ameaçado pelo colapso ecológico, pela injustiça ambiental, pela insegurança e pela insustentabilidade da vida.

O grande desafio de integrar a teoria educativa e a teoria ambiental

Entrevista com Javier Reyes Ruiz

Javier Reyes Ruiz é Doutor em Ciências Sociais, com especialização em antropologia social. Mestre em Educação, com especialização em educação de adultos. Licenciado em Ciências da Comunicação. Desde 1986 é pesquisador e promotor do Centro de Estudos Sociais e Ecológicos, Associação Civil. Desde 2002 é professor-investigador do programa de Mestrado em Educação Ambiental da Universidade de Guadalajara. Autor de livros, materiais educativos e de cerca de 70 artigos publicados em revistas e livros coletivos sobre temas relacionados com o desenvolvimento e a promoção rural, e a Educação Ambiental. Palestrante e professor em eventos nacionais e latino-americanos, bem como em várias universidades do México. Atualmente é membro do Conselho Nacional de Educação Ambiental, do Sistema Nacional de Pesquisadores e da Academia Nacional de Educação Ambiental (ANEA). Foi assessor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Foi Coordenador e co-coordenador da Estratégia de Educação Ambiental para o Lago de Pátzcuaro; da Estratégia de Educação, Comunicação e Informação Ambiental do Estado Michoacán; da Estratégia de Educação Ambiental para a Sustentabilidade no México, entre outras. Uma de suas linhas de

investigação é: Comunicação e Tecnologias de Informação para a Educação Ambiental. E-mail: reyesruiz7@hotmail.com

Hoje, os problemas ambientais continuam, eles continuam presentes, eles estão aqui, as leituras dos mais otimistas e pessimistas atingem um ponto comum: os problemas ambientais continuam a piorar. Diante de tal panorama, o que nos faltou no campo da EA para enfrentar este tipo de problema com maiores possibilidades de transformação social? O que nos faltou no campo?

Caberia no indagar sobre quanto tempo e quantos recursos financeiros e humanos os governos aplicaram, ou quanto recurso foi aplicado pelas poderosas empresas transnacionais da agricultura e os influentes organismos internacionais para impor uma revolução verde, empregando, dentre outros instrumentos, sua proposta educativa: o extensionismo. Apesar de toda sua maquinaria não tiveram logros imediatos, e nem me atreveria a afirmar que o balanço, em termos educativos seja melhor do que aquele alcançado pela Educação Ambiental, considerando a marginalidade que tem caracterizado este campo. Com isso quero dizer que quando o financiamento e as pessoas envolvidas são poucos, o tempo se converte em um fator central para avaliar os impactos. As fortes limitações que vive a Educação Ambiental apontam que não temos tido tempo suficiente para obter mais logros. Séculos ou longas décadas, dependendo de como você define os critérios, foram necessários para se impor o modelo de desenvolvimento predominante como o regente tirano da vida social. A construção de uma alternativa, em boa medida realizada a contravento, capaz de fazer um diagnóstico preciso, de recuperar o bem, de dismantelar o indesejável e de reinventar as bases do futuro e da esperança, não pode ser feita

em poucos anos e alguns minutos mais. Portanto, questionar insidiosamente o ambientalismo, e com ele a Educação Ambiental, por não ter sido capaz de teoricamente projetar e operar (num exercício de práxis impecável) uma profunda mudança civilizacional em menos de meio século, e jogar toda a inércia contra ele, parece-me, além de injusto, um tanto perverso *e desprende um cheiro de falta de lealdade, dolo ou, quando se faz a crítica desde dentro, de autoflagelação.*

Isto não é para ignorar o fato de que temos sido muito limitados em parar e reverter os danos ambientais, mas procurar colocar as coisas em uma dimensão que não nos faça sentir que falhamos ou somos incompetentes. Embora seja verdade que precisamos de mais velocidade, também é verdade que é muito cedo para que alguém passe para o ambientalismo as contas da EA carregadas de desqualificação radical. Reitero que nos faltou tempo, mas não me agarro a isso como única explicação para impactos insuficientes, pois fazê-lo equivaleria a combater a perversidade com mísseis da candidez.

Nem estratégias, nem ritmos, nem imaginação e criatividade, muito menos coragem política e risco teórico têm estado presentes na *Educação Ambiental (toda prática social sofre de períodos de sonolência), mas não seria possível asseverar que na relativamente limitada existência da EA, que a falta de tempo explica tudo. No entanto, o aspecto temporal tampouco pode ser desconsiderado, ainda que estejamos em um mundo que exige que as mudanças aconteçam em um estalar de dedos. Obviamente, não é o mesmo posicionar uma marca de produtos ou expandir uma tecnologia que realizar uma mudança civilizatória como a que propõe a Educação Ambiental.*

Mas, apesar das muitas limitações e erros frequentes, uma coisa que não podemos subestimar é o impacto de ter espa-

lhado a preocupação ambiental entre as pessoas, que, mesmo com atitudes e comportamentos impregnados de contradições, já reconhecem como um dos problemas centrais deste momento da história a deterioração da natureza e a importância da ação humana sobre ela. *Sem dúvida, a preocupação com o meio ambiente não se converteu em uma prioridade, sobre tudo para aqueles que tem em suas mãos o poder de decisão e os recursos econômicos, mas os princípios do ambientalismo e da Educação Ambiental têm circulado desde muitas décadas como um sopro de ar que passa por diversos estratos da sociedade, as vezes para assentar os indivíduos e grupos sociais, mas também para alimentar discursos carregados de hipocrisia e falsidade insuperáveis, sobretudo daqueles que amam a natureza fazendo imparáveis viagens de avião e consumindo produtos de luxo.*

Em vários fóruns, publicações, espaços de intercâmbio com colegas no campo da Educação Ambiental, tem havido insistentes referências ao fato de que o campo da Educação Ambiental está em construção. Neste contexto, o que significa estar em construção? E se estamos neste processo, em que momento estamos nesta construção?

Creio que, em termos gerais, estamos passando por um limiar que nos leva da situação de um campo emergente em construção para uma existência autônoma com um bom nível de maturidade. Não há nenhuma garantia, é claro, de que a passagem deste limite será rápida e bem-sucedida. *Por exemplo, o campo educativo que não consegue fortalecer e dar identidade própria a sua proposta pedagógica, denota que, todavia, existem desafios que requerem intensificar esforços de trabalho sério e continuado.*

Muito vai depender de como se resolverá uma forte tensão entre aqueles que estão inclinados a uma Educação Ambiental combativamente ativa, marcada pela prática e pela busca de soluções para problemas ambientais específicos, e aqueles que estão mais preocupados com a urgência de construir um campo de conhecimento. O primeiro polo, que é o que predominou, deseja que a EA seja um campo dinâmico, com um amplo campo de ação, com um setor voluntário comprometido e organizado de forma flexível, que não pertença a organismos verticais, com uma identidade cidadã diversa, mas compartilhando alguns elementos ideológicos comuns.

Por outro lado, há a necessidade de priorizar o fundamento de uma visão teórica global que esteja em diálogo com outras *tendências conceituais* e com as realidades educacionais atuais, que promova a geração de discursos *acadêmicos*, de especialistas e atores profissionalizados e de uma sólida trajetória de pesquisa que favoreça que a EA seja respeitada em termos acadêmicos por outras áreas do conhecimento e *por outras correntes educativas*. Se aqueles que abraçam um ou outro polo podem estabelecer pontes de diálogo e enriquecimento mútuo, muito menos tímidos do que o que prevaleceu até agora, não é difícil pensar que logo teremos um campo com sinais evidentes de consolidação, *ainda que a construção se mantenha como uma intenção permanente de fortalecimento em espiral*. O desafio, então, é *lograr uma postura que se aproxime de outras perspectivas e interaja com elas, mesmo considerando as diferenças em relação as formas de interpretar a realidade*.

Por outro lado, cruzar o limite acima mencionado com bons resultados também tem a ver com alcançar uma fusão que gera um novo produto, misturado com a teoria ambiental e a teoria educativa. Esta mistura, que em grande parte é o núcleo

rígido da Educação Ambiental, não me parece suficientemente madura, mas vejo surgir uma nova geração de educadores ambientais que será capaz de quebrar a inércia e sacudir a estagnação teórica e prática. Os últimos eventos nacionais sobre EA no México nos permitiram ver um número considerável de jovens, cujas ideias e ações certamente levarão à renovação e consolidação da Educação Ambiental num futuro próximo.

Agora, minha leitura otimista não é tão ingênua quanto parece, não deixo de reconhecer que há um caráter errático na educação, não apenas na Educação Ambiental, mas em toda a educação, especialmente aquela que é realizada pelo aparato educacional; mas acredito que não há opção, todo educador deve assumir uma perspectiva positiva em relação ao que está por vir, pois é necessário manter a convicção de que há saídas em vários cantos do labirinto.

Se a Educação Ambiental já é um campo consolidado ou não, pode ser motivo de muita controvérsia, no entanto, não penso que deva ser essa a preocupação central dos educadores ambientais diante da realidade. Ademais, se não temos a medida exata do que é desejado, é difícil responder de maneira categórica se a consolidação do campo foi alcançada ou não. Mais que dedicar muito tempo a esta pergunta, seria preciso fazer uma aproximação a outros campos de conhecimento, aos movimentos sociais, a diferentes expressões artísticas, entre outras opções, para manter uma linha de construção consistente, que permita o diálogo para sabermos em que ponto de avanço estamos ou nos sentimos.

Você tem uma longa trajetória no campo da EA, anos de trabalho e experiência que se refletiram em sua participação ativa no campo em geral e no

setor acadêmico e social em particular. A este respeito, eu lhe pergunto, não somente o porquê de não ter saído do campo da EA, mas sim, por que você permaneceu no campo?

Com certa frequência recordo como cheguei ao campo da Educação Ambiental. Naquela época eu estava trabalhando como promotor de processos de desenvolvimento regional em Pátzcuaro, Michoacán. Então, a convite de Edgar González Gaudiano, comecei a participar de eventos sobre Educação Ambiental e encontrei discursos que me pareceram frescos e de um entusiasmo contagiante. Também encontrei pessoas com as quais tive uma rápida empatia e pude construir pontes emocionais e de pensamento que me permitiram definir minha identidade no campo da Educação Ambiental, pois elas me ofereceram proximidade pessoal e profissional em torno ao processo que estavam construindo. A educação popular, na qual eu estava ideologicamente situado na época, estava passando por um processo de reconceitualização daquilo que quicá, acredito, não conseguiu emergir com muito sucesso. Por isso, mesmo reconhecendo que sempre consegui manter um princípio essencial, ou seja, que o pedagógico se converta em político e o político em pedagógico, foi perdendo força. Naquela época, no final dos anos 80 e início dos anos 90, uma força não desprezível estava sendo gerada no movimento ambiental com presença nacional e local, e isto abriu um terreno muito favorável para o desenvolvimento profissional e a canalização de preocupações pessoais, o que logo me deu paixão e raízes e, então, comecei a me assumir como educador ambiental.

Entretanto, desde o início entendi que nem todos os membros de um campo têm que cumprir as mesmas funções. No meu caso, encontrei uma que tem sido um desafio permanen-

te: desempenhar o papel de uma espécie de articulador entre o pensamento teórico daqueles que analisam e que pensam de forma profunda e complexa sobre a realidade e daqueles que estão envolvidos nos processos práticos de desenvolvimento ou em atividades práticas ligadas ao meio ambiente. *Todo educador necessita atuar lado a lado com outros educadores, e isto me fez estabelecer conexões com muitos grupos e pessoas.* Este trabalho, que obviamente não é feito somente por mim, mas por muitos outros que certamente o fazem melhor, gerou satisfações pessoais e profissionais que continuam a me manter ligado a este campo. Por exemplo, trabalhar com promotores ou líderes comunitários para enriquecer suas perspectivas com base em minhas leituras e análises da literatura teórica sobre desenvolvimento, meio ambiente e educação, foi para mim um desafio profissional tão atraente quanto propor aos intelectuais preocupações conceituais ligadas aos problemas concretos daqueles que realizam o trabalho prático de Educação Ambiental, principalmente através de diálogos em eventos acadêmicos. *Da mesma forma, fui me aproximando do pensamento teórico ao conhecer alguns autores que me deram importantes aportes para compreender o campo ambiental e educativo, principalmente por meio da leitura de suas publicações e dos diálogos em eventos científicos e acadêmicos.*

Sua pergunta também me leva a enfatizar que não é fácil ficar e trabalhar em uma função social como a Educação Ambiental, especialmente em um contexto político onde o apoio é escasso e obtê-lo requer mil procedimentos burocráticos, além do baixo reconhecimento social, e é por isso que é admirável que continuemos a encontrar pessoas comprometidas ou interessadas em se tornarem *educadores ou educadoras ambientais.*

O campo da Educação Ambiental hoje mostra diferentes graus de desenvolvimento, trabalho e atividade, alguns com grandes projeções e outros com enormes dúvidas. Neste contexto, que perguntas poderíamos fazer ao campo da EA?

Sua pergunta é realmente um boomerang, porque as perguntas que fazemos ao campo da Educação Ambiental voltam a nós para serem respondidas por aqueles que nos sentimos parte dele. Há questões que têm mais a ver com o contexto externo ao qual a Educação Ambiental se relaciona, por exemplo:

- *Embora não exista uma genealogia única, quais são os elementos que conferem à Educação Ambiental a sua identidade pedagógica? Quais são os princípios que distinguem a EA de outras correntes educativas?*

- *Como compatibilizar um discurso de austeridade e de consumo moderado, sem ficar para trás no uso de tecnologias de rápida obsolescência que podem ser centrais para a difusão do pensamento ambiental entre a população?*

- *Que estratégias e táticas podem ser adotadas para garantir que a Educação Ambiental se articule com as esferas da política e dos movimentos sociais, a fim de construir uma cultura ambiental sólida?*

- *O que significa dizer que a Educação Ambiental deve crescer e quais seriam os critérios e indicadores centrais para avaliar esse crescimento?*

- *Quais são as prioridades que devemos compartilhar para garantir a vitalidade do campo e sua ampla visibilidade social?*

- *Para além da arte e dos movimentos socioambientais, em que outros elementos a Educação Ambien-*

tal podem se apoiar para ser revitalizada e nutrida de frescor?

Certamente são muitas as perguntas que podem ser embriões de reflexões futuras, que marcam o rumo do pensamento, que delineiam as bordas de melhores respostas ao contexto em que vivemos, por isso é difícil formulá-las, porque é preciso percorrer diferentes caminhos teóricos trilhados pela Educação Ambiental para delinear possíveis formas de respondê-las.

Como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Apesar do fato de que somos muito propensos a nos culpar com frequência, por vezes, a rasgar as vestiduras, a empregar uma autocrítica mordaz, da qual às vezes abusamos, prevejo um futuro promissor para a Educação Ambiental. Talvez mude seu nome, *talvez se deixe de citar, quiçá se perca parte da institucionalidade alcançada*, mas o espírito me parece que irá permanecer, fundamentalmente *porque sem ela será difícil salvar os próximos caminhos do tempo.*

Hoje temos o que não existia há 50 anos. Naquela época não existíamos como educadores ou educadoras ambientais. Compartilhamos uma atmosfera cheia de vida, muito mais do que trajeto sombrio. Não vejo que o campo da Educação Ambiental não seguirá se expandindo e se fortalecendo em projetos e ações, eventos e publicações, iniciativas globais e locais, grupos e pessoas ativamente comprometidas. Os jovens que agora se juntam à Educação Ambiental têm capacidades com as quais muitos de nós que viram este campo começar não contávamos; sua imaginação e capacidade para usar a tecnologia, seu es-

pírito menos solene ou fatalista, mais impulsivo e turbulento, certamente virão a valer na urgência de repensar esta corrente educativa.

Por exemplo, hoje existem movimentos socioambientais que estão abrindo espaços e propondo diversos temas para o debate público; com frequência não se limitam a resolver um problema concreto, senão que saem a defender a vida, o direito a não se aplastado pela lógica monolítica e tirana do sistema urbano-agroindustrial, a aspirar ter um ritmo ou uma velocidade diferente desfrutar ou viver no mundo. Nestes movimentos, muito do que é dito e feito está totalmente impregnado de um discurso ambiental que tem sido produto de processos educativos. Como muitos outros, estes movimentos estão contagiando diversos grupos sociais com novas práticas, o que inevitavelmente nos obriga a imaginar como os processos educacionais devem ser reconfigurados para torná-los mais adequados para uma sociedade diferente.

Acredito na capacidade humana de reinvenção, e gosto mais quando ela está enraizada na atitude daqueles que estão contagiados pela alegria e a partir dela inventam mundos, só para mais tarde colapsá-los por ironia, para serem forçados a inventar novos. Estou convencido de que o futuro da Educação Ambiental será melhor se ela alcançar um triângulo apaixonado, uma relação orgânica, com subversão e esperança. É claro que muitas vezes eu me dou o direito ao pessimismo, ao amargo destilado, porque o otimismo transbordante (mais digno da literatura de autoaperfeiçoamento) é tão chato quanto o pessimismo que adota uma visão frígida da vida. Não sei, talvez ao nos deixarmos levar por um certo humor de bipolaridade consigamos melhores condições para prever as batidas futuras do coração. *Mesmo que hoje não saibamos bem como dissipar*

a bruma, considero que os vagões da utopia são maiores do que os vagões da nostalgia e que muitas vozes divergentes podem desenhar juntas um mesmo sonho.

Não vejo o mundo sem a Educação Ambiental ou sem a sustentabilidade

Entrevista com Rafael Tonatiuh Ramírez Beltrán

Rafael Tonatiuh Ramírez Beltrán é Doutor em Administração Pública (Universidade Anáhuac). Mestre em Ciências Ambientais (Instituto Politécnico Nacional). Licenciado em Sociologia (Universidade Autônoma Metropolitana). Psicólogo Educativo (Escola Normal Superior do México). Professor Normalista (Benemérita Escola Nacional de Mestres). Lecionou na Educação Superior em Instituições como o Instituto Politécnico Nacional, a Universidade Pedagógica Nacional, a Universidade Anáhuac, a Universidade Tecnológica do México e a Universidade de Guadalajara (da qual é Conselheiro Acadêmico Externo). Fundou e coordenou diversos Programas Acadêmicos de Educação Ambiental (Cursos, Diplomados, Especialidades e Mestrados). Publicou múltiplos livros sobre educação, cinema e Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável. Criou o conceito e atuou nos Colóquios Nacionais de Estudantes e Graduados dos Programas Acadêmicos de Educação Ambiental no México. Foi Diretor de Área de Educação Ambiental na Secretaria do Meio Ambiente, Recursos Naturais e Pesca. Codiretor da Revista Educativa virtual Pálido.de luz. Docente-Pesquisador e Coordenador Acadêmico. Suas linhas de pesquisa são: Educação Ambiental na Administração Pública; Políticas Públicas Nacionais de Educação Ambiental; Estratégias Didáticas

e Educação Ambiental; Intervenção e Comunicação Ambiental para a Mudança Climática; e Cinema e Educação. E-mail: rtramirez095@yahoo.com.mx y <http://palido.deluz.mx/>

Hoje, os problemas ambientais continuam, eles ainda estão presentes e alguns deles aumentaram, apesar das várias medidas adotadas. Neste sentido, o que falta à Educação Ambiental para dar melhores respostas a estes problemas?

Faltam-nos rever vários aspectos importantes, o primeiro seria a própria consolidação do campo. O campo da Educação Ambiental - que é um lugar comum entre nós - tem estado em construção, não apenas em relação a sua constituição teórica, pois necessariamente está, e sempre esteve, ancorado (*nos termos que aponta Lucie Sauvé*) à realidade. Esse duplo movimento assinala que, por um lado estamos tentando sistematizar, produzir conceitos, categorias, premissas e antecedentes teóricos, e por outro, estamos sendo confrontados com uma realidade na qual empreendemos ações sociais com o desejo de intervir, de transformar e de modificar. Portanto, coloco este como o primeiro ponto problemático nisso, porque estamos construindo a teoria, mas ao mesmo tempo estamos tentando ver os problemas, abordá-los, compreendê-los e fazê-los entender.

O segundo ponto que eu nomearia seriam os âmbitos de intervenção, ou seja, a Educação Ambiental formal, *informal* e não formal, pois cada um deles tem características diferentes. Temos sistemas educativos obsoletos, temos sistemas educativos nos quais tem havido muito pouca preocupação - no caso mexicano - de formar professores em geral e de formá-los, particularmente, no que se refere a EA. O que temos feito no Pro-

grama Acadêmico do Mestrado em Educação Ambiental (UPN-095) é um mínimo de trabalho, pois embora seja verdade que já temos *dezoito gerações*, a realidade é que às vezes somos incapazes de lidar com pedidos nacionais de palestras, workshops e seminários com professores.

No México, estamos tentando atuar em diferentes partes do país, mas, apesar do importante impacto dessas ações, estes ainda são mínimos diante da complexidade dos problemas. Não somos os únicos, há muitos educadores ambientais que trabalham em diferentes áreas, como por exemplo, aqueles que atuam em ambientes não formais. Mas aqui está o paradoxo, pois muitos profissionais não possuem formação no campo da EA e, mesmo assim vão à prática, à ação imediata, acreditando que a Educação Ambiental se resume a compostagem, reciclagem, separação de lixo etc.

Há um campo que me interessa muito, um pouco do que Edgar González desenvolveu em sua palestra principal no II Congresso Nacional de Pesquisa em Educação Ambiental em Puebla (2011), que tem a ver com a esfera informal, em particular com a mídia. A mídia em geral é dominada, monopolizada em grande parte, é manipulada e manipula, e não tem interesse na Educação Ambiental. Os meios de comunicação, *em sua maioria monopólicos*, difundem padrões de consumo *relacionados a um determinado modelo de sociedade*. São impulsionados pela rentabilidade, *sendo comandados por emissoras, indústrias ou empresas que nelas anunciam ou mesmo, das quais são proprietários*. Em certa medida, os anunciantes impõem, *em diferentes sentidos*, o conteúdo *a ser exibido*. A hipótese para mim é muito clara: não há interesse em promover uma EA que vá contra os interesses deste modelo que está por trás e *sustenta a mídia*, que basicamente tem a ver com vendas

e comercialização de mercadorias e produtos. O máximo que as demandas da mídia conseguiram (que nunca foram muitas) é um pouco com o que está acontecendo agora, ou seja, lutar pela possibilidade de ter novos canais de televisão e não se preocupar seriamente com questões ambientais, até mesmo com a difusão de problemas especificamente ambientais, como o caso dos reatores nucleares no Japão, pois não há grande interesse em lidar com as essas questões.

Como podemos ver, em todos os três ambientes educacionais - formal, não formal e informal - existem problemas de comunicação e problemas de conteúdo e estratégia que são sérios.

Tem sido dito até o cansaço que o campo da Educação Ambiental está em construção, mas se está em construção, o que significa que esteja em construção? E se estamos nesse processo, em que ponto dessa construção estaríamos?

A diversidade de *atores e ações relacionadas* com a Educação Ambiental está se tornando impossível de documentar. A construção avança, mas é uma grande diáspora e há o risco de que o campo fique desfigurado de tal forma que não nos encontremos mais como educadores ambientais, *acabando por perder nossa identidade*. Há momentos, no caso mexicano, que eu acho que nos faltou um Congresso Nacional de Educação Ambiental para estabelecer mais seriamente sobre o quê e onde, em que, como e para que propósito a Educação Ambiental deve ser realizada e para se chegar a acordos gerais como, por exemplo, o pacto de Moncloa, na Espanha. Vou citar outro exemplo mais específico para o campo, o Livro Branco sobre Educação Ambiental na Espanha, que é um acerto de contas sobre o mí-

nimo que todo educador ambiental deve saber, mas também expressa o que os educadores ambientais geralmente concordam.

Não creio que tenhamos sido capazes de chegar a este tipo de acordo e houve tudo, desde questões de personalidade, por que não o dizer, inveja, concentração de poder, egoísmo, egocentrismo, individualismo, busca de prestígio e recursos, desqualificações, falta de formação e rigor e a incapacidade de consolidar sinergias entre colegas. Existem, de fato, muitos problemas entre os educadores ambientais, mas não houve um acordo sobre o que concordamos de forma mínima.

Também deveríamos estabelecer formas mais eficazes de comunicação. Gostaríamos de compartilhar com educadores ambientais no México o que temos feito em Huatulco, na costa de Oaxaca⁵, ou o que temos feito na cidade de Reynosa, Tamaulipas⁶, recentemente, para que todos tenhamos uma referência geral do que está sendo feito em outros lugares e contextos no campo da Educação Ambiental. Digo isto porque não temos sequer uma visão geral de como o campo avançou na pesquisa concreta em EA.

Da mesma forma, devemos ter um Estado da Arte de práticas, ações, equipamentos e conhecimentos em Educação Ambiental em diferentes áreas e regiões do país, o que é um grande problema para o campo, pois não sabemos muito sobre estas práticas e sobre o trabalho e as realizações dos educadores am-

5 Faz-se referência ao Diplomado em Educação Ambiental e Sustentabilidade desenhado e coordenado pela Universidad de la Sustentabilidad, A.C., com diferentes grupos e setores ambientais que trabalham na região.

6 A Universidade Nacional Pedagógica. A Unidade 285, Reynosa, Tamaulipas, incorporou a dimensão ambiental em seus programas de pós-graduação: Mestrado em Inovação Educacional e Mestrado em Educação Básica, como resultado do processo de intercâmbio acadêmico com o Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Nacional Pedagógica. Unidade 095 Azcapotzalco.

bientais neste país para, por exemplo, retomar casos de sucesso e evitar a repetição de contratempos.

Assim, pareceu-me uma desculpa fácil dizer que o campo da Educação Ambiental está em construção e, portanto, tudo vale, tudo é permitido; temos sido muito permissivos conosco mesmos. Ao mesmo tempo em que temos sido muito críticos, temos tido pouco rigor. Este rigor se refere a uma concepção de ciência interdisciplinar que permeia a Educação Ambiental, de modo que esta concepção deve ter mais a ver com a construção permanente do que com uma coisa acabada.

Mas se sairmos de nosso campo, perceberemos que, de qualquer forma, as ciências estão sempre em constante dinâmica, há avanços da física, da biologia e da energia nuclear, suponho, mas ainda assim as coisas permanecem estabelecidas, ou seja, permanecem como estados muito bem definidos; sempre em condições de serem refutados, mas estabelecidos. Não há fronteira onde se possa dizer que é daqui que começo a abrir o campo da Educação Ambiental e meu objetivo é chegar até aqui, não está prefigurado, mesmo o que sempre questioneei, que não estamos nem mesmo nas esferas difíceis da ciência ou da interdisciplinaridade em nível planetário, discutindo fortemente o que a EA deveria ser em termos teóricos para deixar esta desculpa barata de que estamos em processo de construção.

Você tem uma longa história no campo da Educação Ambiental, por isso, gostaria de lhe perguntar, porque você permaneceu neste campo, o que o campo lhe ofereceu?

A primeira coisa que me surpreende em relação a isto é minha formação como cientista ambiental no Proyecto Interdis-

ciplinar de Medio Ambiente y Desarrollo Integrado (PIMADI) do Centro Interdisciplinario de Investigaciones y Estudios Sobre Medio Ambiente y Desarrollo (CIEMAD). Mesmo com tudo que se poderia dizer sobre PIMADI-CIEMAD, acho que gerou uma grande expectativa, pois oferecia uma formação diferente no Instituto Politécnico Nacional, ainda no início dos anos noventa do século XX.

Naquele momento, o CIEMAD estava tentando formar pessoas na área de ciências ambientais, integrando variáveis como o conceito de desenvolvimento. Sou particularmente atraído por esta última palavra, dado que sou sociólogo. A análise do desenvolvimento social, como possibilidade de modificação da realidade é uma obsessão para mim. Este interesse ainda continua no trabalho que realizo no Mestrado em Educação Ambiental, ou seja, me interessa por abordar a questão do desenvolvimento, não apenas do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade, mas também, do crescimento, consumo, distribuição, pobreza e a *história da América Latina e seus fatores culturais*, a partir da dura ciência da economia. Essa é uma das coisas que me levou a permanecer na Educação Ambiental, mesmo percebendo que minha formação em ciências sociais poderia estar mais relacionada com o meio ambiente. *Essa foi minha base formativa original para entender a realidade interdisciplinarmente.*

Outro aspecto que influenciou minha permanência no campo da Educação Ambiental foi ter vivido uma crise pessoal em relação ao trabalho que realizava. Embora eu estivesse muito confiante sendo professor, embora eu goste muito de ser professor, eu não estava apenas nesse âmbito, pois eu também me sentia muito confortável como sociólogo. Depois de ter tentado vários caminhos, lembro perfeitamente que quando o Muro de

Berlim estava caindo em 1989, eu estava com os colegas da sexta geração do programa de mestrado PIMADI-CIEMAD. Estávamos bêbados de coragem com o que estava acontecendo, porque sonhávamos com uma utopia diferente, e o mais próximo disso era o socialismo real, mesmo com todos os problemas que ele tinha, e nós sabíamos disso. Naquele momento, estávamos vendo que essa utopia estava se desmoronando, então começamos a refletir sobre a possibilidade de construir uma utopia alternativa, e era exatamente isso que estávamos estudando. Isso fez com que me *comprometesse* ainda mais com a EA e comigo mesmo.

Mais tarde, quando li alguns artigos sobre Educação Ambiental em um jornal de educação e quando decidi fazer pesquisas sobre EA para meu mestrado, foi outro momento em que disse “aqui é de onde eu venho”. Assim, percebi que a Educação Ambiental tem algo de sociologia, de meio ambiente, de educação, de antropologia, de biologia, de ecologia, enfim, tudo junto. É nesta complexidade que estou dedicado hoje.

Outro aspecto que me liga à Educação Ambiental é uma crise que tive depois de deixar a SEMARNAP⁷. Naquela época me perguntei qual era a única coisa boa que tinha feito na vida, e a única coisa boa, em termos profissionais, era a formação de professores em Educação Ambiental, porque até então o Mestrado em Educação Ambiental que coordenei estava em muito mau estado, sem direção e praticamente à beira do fechamento. Assumimos a tarefa de reativá-lo e isso, sem dúvida, me liga e me compromete com este campo.

Além de tudo isso, há um compromisso honesto e profissional, porque a Educação Ambiental é um campo do qual se

⁷ *Secretaria do Meio Ambiente, Recursos Naturais e Pesca do Governo Federal do México.*

pode viver, do qual se pode comer, o qual se deve defender, com o qual se deve resistir etc., e isso me agrada. É um campo em que tive a oportunidade de trabalhar com pessoas boas que são muito honestas, trabalhadoras, brilhantes, preparadas, capazes e confiantes por estar no campo, e isso me dá um feedback constante.

Unido a isto, me interessa por tudo que está relacionado a formação, ou seja, se eu tivesse sido apenas um educador ambiental teórico, não seria capaz de me alimentar no diálogo e na partilha com os outros. O que me nutre é a possibilidade de me enriquecer com outras pessoas que também estão no campo da EA. É esta amálgama ou estrutura geral, que me satisfaz muito, porque se trabalha com amigos, se faz o bem a outras pessoas *que acabam se contagiando por* abrir-se a outras possibilidades e entrar em um campo de conhecimentos, no qual muitas delas acabam permanecendo. Por isso, estou seguro da necessidade urgente de educar as pessoas, especialmente em relação a Educação Ambiental. Sou apaixonado por este campo, portanto, não consigo me ver fora dele.

No âmbito do trabalho acadêmico, mesmo que fechassem o programa de pós-graduação em que atuo, eu tentaria trabalhar em outro programa ou iria para algum lugar que pudesse dar continuidade aos meus estudos e pesquisas em Educação Ambiental. Estou muito convencido do campo e acho que sobre a pergunta que você me fez uma vez: *o que você vai deixar na vida?* Acho que será um pequeno vínculo com a Educação Ambiental. Ou seja, gosto de literatura, cinema, arte, mas o que vamos deixar, tenho certeza absoluta, são as relações com um bando de malucos que tentaram abrir uma brecha para a Educação Ambiental na formação de professores *em nível de pós-graduação*. Isto é o que vamos deixar, é aquilo pelo qual seremos lembrados, bom ou ruim.

Que perguntas você faria ou devemos fazer ao campo da Educação Ambiental hoje?

Eu faria muitas perguntas ao campo da Educação Ambiental, a primeira é porque, apesar de ser um campo que tem todos os elementos para ser uma alternativa para uma sociedade diferente, não é. Não vejo o mundo futuro sem sustentabilidade, não posso vê-lo sem ela. Se você me perguntar como será o futuro do mundo eu não sei, mas penso que não pode ser um mundo centrado em uma sociedade de mercado, de consumismo, de hedonismo ou de individualismo.

Mas, também me pergunto como educador ambiental todos os dias se estou certo, e todos os dias tenho que me convencer de que estou certo. Por exemplo, um médico está convicto de sua função, ou seja, o médico vem ao hospital e opera, dá um comprimido, cura e está seguro de que isto aliviará o resfriado de alguém. Nós, educadores ambientais atuamos em um campo em que existem muitas dúvidas, sobre várias coisas, ou seja, temos incertezas sobre as instituições, o sistema, o mercado, a ideologia dominante, dentre outras.

Neste contexto, me pergunto todos os dias sobre até onde vamos conseguir resistir na tentativa de reverter os problemas. No entanto, estou convencido de que se existir um mundo além do ano 2040, ele deve necessariamente ser um mundo sustentável. Há uma onda importante rumo à sustentabilidade, um movimento para além do discurso em diferentes lugares. Discursos que falam sobre sustentabilidade e tentam apontar alternativas práticas, mas que nem sempre são capazes de materializar-se.

Outra questão que me faço diariamente é até onde podemos resistir. Por isso, nunca me recuso a participar dos debates sobre Educação Ambiental, porque acredito no vínculo, somos

um coletivo e somos uma pequena parte de uma cadeia frágil, muito frágil, devido a tudo que está acontecendo. Mesmo assim, eu me convenço todos os dias a continuar e a insistir, a pegar os pedaços, sem deixar de reconhecer que nem todas as minhas práticas são sustentáveis, acho importante estar ali tentando abrir as consciências, abrir perspectivas, abrir os olhos, os cérebros, as sensibilidades, compartilhar. Se eu não estivesse convencido disso, eu certamente não estaria aqui.

Eu também lhe perguntaria - no caso mexicano - por que temos sido tão míopes em não ser irmãos. Haveria muito mais poder no campo se trabalhássemos em sinergia e não de uma forma egoísta. Vejo muito egoísmo no campo. Precisamos nos abrir mais, nos abrir em termos de partilha, colegialidade, integração, não sendo apenas uma associação, mas muitas associações, muitos eventos, sem inveja e fortalecendo-nos, na medida em que nos falte desejo, determinação ou força. Nos Colóquios Nacionais de Estudantes e Graduados em Educação Ambiental estamos tentando abrir o campo para fazê-lo maior, ou seja, fazer do campo um festival de solidariedade. Às vezes pensamos que a EA é apenas uma pessoa ou um grupo de notáveis neste país, e isso não pode ser o caso, não podemos colocar isso em alguém, nem em mim, nem em ninguém.

Outra pergunta que eu faria é, porque pessoas tão capazes que passaram pelas salas de aula e tem uma boa formação, não têm empregos no campo da Educação Ambiental?

Essas pessoas não encontram trabalho em instituições como o World Wildlife Fund (WWF) ou em qualquer organização ambiental nos três níveis de governo ou em instituições privadas. São pessoas jovens e que possuem boa formação.

Eu poderia citar o exemplo do estudante Armando Zamora, um sujeito que está crescendo, que enfrenta os desafios do campo diariamente em uma escola secundária, com tudo que isso implica, porém não encontra trabalho no campo da Educação Ambiental. Seria possível citar mais dez nomes das muitas gerações de Mestres em Educação Ambiental (UPN-095) ou de algum outro mestrado, que se você os colocasse no lugar certo no campo, poderiam promover um impacto importante, socialmente falando. É por isso que me pergunto por que muitas vezes somos tão fechados, tão reativos, por vezes tão apegados aos ditames institucionais e não ao que podemos fazer a partir de baixo, coletivamente.

Como você vê o futuro da Educação Ambiental?

Vejo o futuro da Educação Ambiental com otimismo. Estou muito otimista. Esta é uma discussão que estou tendo com Nancy Benítez⁸. Vejo a Educação Ambiental como uma diáspora que não vai parar, que vai continuar crescendo. Quando vou a eventos ou congressos de educação ou de comunicação ambiental, percebo a emergência de diferentes dimensões dentro do campo. Vejo que estão surgindo especialistas em diversos temas, tais como as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade, a água, a proteção e recuperação de espécies animais ou vegetais e pessoas que trabalham em projetos voltados a formação de professores.

A este respeito, fiquei surpreso ao ver em um livro de Educação Ambiental⁹, tantas experiências novas que nasceram nes-

⁸ Diretora da Unidade 095 da Universidade Nacional Pedagógica.

⁹ Se faz referência ao texto: Educación ambiental en la formación docente en Méxi-

te campo. Propostas tão diferentes, tão distintas e com perspectivas inovadoras. Quando lemos autores como Javier Reyes de Pátzcuaro, ou outras pessoas como nós, que escrevem a partir da formação de professores, é possível perceber a grande diversidade de abordagens e temas que estão sendo tratados a partir da Educação Ambiental.

Outro aspecto importante que vejo hoje é que os jovens, especialmente aqueles que participam dos congressos de EA, estão tendo experiências que os fazem acreditar e construir propostas diferentes. O que me preocupa nesta diáspora é que o foco está perdido. Acho que os objetivos deveriam estar mais claros para se pensar as bases, as fundações, as engrenagens para uma civilização diferente, mais justa, mais equitativa, que cuida e preserva os recursos naturais, e que também é mil outras coisas.

Como dizem alguns slogans, “agora ainda é o momento” para poder mudar as coisas. Então, deveríamos estar pensando seriamente em pessoas com menos de 30 anos de idade para nos substituir, e deveríamos apoiar isto diariamente, para preparar a próxima geração de educadores ambientais. Precisamos “adotar” um educador ambiental para formar, como disse Edgar González Gaudiano. Talvez isso nos leve a ser uma espécie de Pigmaleão, mas precisamos ter o cuidado de não nos vangloriar no espelho do outro, mas deixá-lo crescer e se desenvolver.

Aprendi muito com esta geração de alunos do Mestrado em Educação Ambiental (UPN-095), particularmente em termos de prática de ensino. Acho que este é o nosso nicho, por isso, temos que nos preocupar em dar-lhes visibilidade. O Jornal

co: resistencia y esperanza, coordinado por Armando Meixueiro, Rafael Tonatiuh y Juana Ruiz, 2009. Universidad Pedagógica Nacional.

Eletrônico: *Pálido Punto de Luz*¹⁰ poderia ser um exemplo de espaço para dar visibilidade a estas experiências. Digo isto com orgulho, mas também com humildade, porque estou certo de que este é um meio que pode nos ajudar a sermos mais visíveis.

Um dado que confirma esta percepção é o número de visitas que a revista registrou em sua página eletrônica. Foram identificados mais de 100 acessos somente no Uruguai (*dado de 2012, momento em que entrevista foi realizada*). Outro indicador desse impacto é a divulgação que os educadores ambientais fazem em diferentes países, como foi feito, por exemplo, por Hernán Sorhuet, que enviou e distribuiu o link da revista em outras partes do mundo. Assim, nestas dinâmicas, a revista conseguiu chegar aos cinco continentes, utilizando diferentes estratégias de comunicação para ampliar sua visibilidade.

Estes são alguns caminhos possíveis, mas há necessidade de ampliar as sinergias em termos de comunicação e de abertura para outros contextos em outras latitudes. Acredito que a pesquisa em Educação Ambiental é importante, mas devemos considerá-la como uma das dimensões do campo, pois existem outras estratégias e possibilidades de intervenção, ou seja, há muitas ações que podem ser feitas dentro da Educação Ambiental. Aprendi isso com o cinema, porque no início pensava que o importante no cinema era quem fazia os filmes, mas não, o importante no cinema é quem faz o filme, mas também quem o vê e quem comenta o filme, quem o distribui, quem o promove *para que usem os conteúdos*, etc., e isso é o que é importante. Há aqueles que devem gerar conhecimento em Educação Ambiental e aqueles que devem documentar e aqueles que devem aplicar e gerar conhecimento a partir da base. Todos eles são importantes.

10 Ver: <http://pálido.deluz.mx/> e <https://pálido.deluz.com.mx/>

Atualização e avanços no campo da Educação Ambiental

*O Dr. Miguel Ángel Arias Ortega me informou que o livro *A construção do campo da Educação Ambiental: análises, biografias e futuros possíveis* será republicado em língua portuguesa e me pediu a gentileza de revisá-lo e acrescentar o que considero pertinente.*

Pretendo dividir esta breve atualização do campo da Educação Ambiental em cinco seções, que, a meu ver, evoluíram no México, no passado recente, a saber: a) a presença na mídia e nas redes sociais; b) a comunidade dos educadores ambientais; c) Os Colóquios e Congressos Nacionais; d) o longo caminho para a sustentabilidade, e; e) o desenvolvimento de indicadores científicos da área.

Na entrevista, não vejo o mundo futuro sem Educação Ambiental ou sustentabilidade - que já tem mais de uma década - em tom de reclamação e tristeza apontamos a pouca importância que a mídia deu às questões ambientais. Temos que reconhecer o progresso das últimas duas décadas, impulsionado por uma sociedade civil que a partir da rua ou das redes sociais se tornou mais ativa, participativa e crítica, sem que isso signifique de forma alguma maturidade ou consolidação democrática. A verdade é que, praticamente, não existe nenhum meio (jornal, rádio, televisão, cinema ou plataforma ou rede sociodigital) em que não exista diariamente algum conteúdo sobre temática ambiental. Também é verdade que estes conteúdos continuam a ser marginais e superficiais, mas a presença é cada vez melhor e tende a ser cada dia mais profunda.

Algo que tem caracterizado a comunidade dos educadores ambientais no México é a sua dispersão, em três sentidos: geográfico, temático e individual. São pontos fracos e pontos fortes

de diferentes formas: estamos espalhados pelo país, preocupamo-nos com diferentes formas e conteúdos e quase em regra solitários. Nisto, acredito que o progresso sindical e militante tem ocorrido de diversas formas: através de redes de educadores ambientais, através da consolidação – apesar da ameaça constante – de programas acadêmicos de pós-graduação; pelo apoio institucional e não oficial entre os próprios educadores ambientais; por algumas ancoragens em organizações internacionais, nacionais e do terceiro setor. Também pela trajetória da Academia Nacional de Educação Ambiental (ANEA), que é um espaço no qual convergem diferentes formas e militâncias da área em nosso país nos últimos tempos, expressando publicamente opiniões de forma fundamentada e crítica.

A ANEA também demonstrou ter capacidade de gestão. Outra demanda atendida nos últimos tempos é a organização e realização dos três Congressos Nacionais de Educação Ambiental e Sustentabilidade (Chiapas, 2016; Quintana Roo, 2018, e Jalisco, 2022) com mais de mil participantes, cada um deles.

Da mesma forma, como poucos campos científicos em nosso país - nos quais o trabalho acadêmico se confunde com feudos -, três Programas Acadêmicos de Pós-Graduação em Educação Ambiental (Universidade Pedagógica Nacional, Universidade de Guadalajara e Universidade Autônoma da Cidade do México) Eles demonstraram abertura organizando semestralmente, desde 1997, o Colóquio Nacional de Estudantes e Egressos dos Programas Acadêmicos em Educação Ambiental, sendo o sétimo realizado em plena pandemia (2020-2021) e virtualmente (2021). Os Colóquios são espaços de encontro e troca de intervenções e pesquisas em condições de horizontalidade e gozo acadêmico.

A sustentabilidade cresceu em conceitos, significados, usos, práticas e ferramentas. Antes, embora de forma incipiente, pen-

sávamos nele mais como um ideal do que como um debate e desenho e elaboração permanentes. Hoje é um campo de batalha com ideologias que dele se afastam ou retornam a partir de outras perspectivas. Que tem riscos, mas também oportunidades, apenas destacamos um entre muitos: as políticas públicas foram incluídas de maneira inevitável nos últimos tempos, muitas vezes associadas à Educação Ambiental.

Por fim, a Educação Ambiental como campo científico e prática educativa foi formalizando seus avanços, procurando não ficar de fora das regras de regulamentação da ciência: com evidente produtividade nas publicações de livros e capítulos de livros; com artigos e sites científicos e populares; com conferências, workshops e webinars; com avanços na integração com outras disciplinas e conhecimentos; com a estreita articulação com as práticas artísticas; com proximidade com outros educadores ambientais de diferentes latitudes na forma de estadias ou intercâmbios acadêmicos; com um trabalho comunitário melhor sistematizado.

Nas cinco vertentes da atualização há progressos inegáveis, mas ainda há um longo caminho a percorrer e, como se pode verificar, continuarão a convergir, a cruzar-se e a sustentar a Educação Ambiental cada vez mais indispensável no nosso país.

Um espaço de construção pedagógica nos limites

Entrevista com Salvador Morelos Ochoa

Salvador Morelos Ochoa é licenciado em biologia pelo Instituto Politécnico Nacional e Mestre em Educação Ambiental pela Universidade de Guadalajara (México). Desempenhou diversos cargos na Administração Pública a nível Federal, Estadual e Municipal vinculados à educação em geral e à Educação Ambiental em particular. Atualmente é o Coordenador Geral do Centro de Educação e Capacitação para o Desenvolvimento Sustentável da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Naturais (SEMARNAT/México). Recebeu o Prêmio Nacional de Mérito Ecológico 2005 por seu trabalho em comunicação e Educação Ambiental. Suas linhas de trabalho e pesquisa são: Educação de Adultos e Educação Ambiental. E-mail: salvador.morelos@semarnat.gob.mx

O que nos faltou no campo da Educação Ambiental para atuar com maiores possibilidades de transformação e geração de esperança?

A questão é muito aberta e é difícil especificar, mas eu diria que há vários aspectos que precisamos abordar, um dos quais tem a ver com um melhor diagnóstico das oportunidades de intervenção em diferentes âmbitos a partir de uma perspectiva

educativa. Ao longo dos anos, no trabalho de Educação Ambiental tem havido uma construção conceitual e metodológica geral, mas nos faltou uma estratégia que nos permitisse ter um impacto maior sobre certos grupos e setores sociais e sobre certos atores ou oportunidades; nos faltou um foco. Em primeiro lugar, propomos uma EA generalizada, pois, embora no discurso reconheçamos que a Educação Ambiental terá que ser adaptada ao tipo de grupo alvo e ao problema, na prática isso não foi construído.

Por exemplo, falamos de formação de professores, mas qual seria o foco prioritário de atenção para conseguir um efeito multiplicador e uma formação mais específica para estes profissionais? Refiro-me não apenas a aspectos instrumentais como o perfil dos formadores ou a formação acadêmica dos próprios professores, mas também problematizo sobre quem é responsável por essa formação, considerando a importância dos aspectos políticos deste tema.

Portanto, em geral, para conseguir uma maior influência, um maior impacto na Educação Ambiental, precisamos nos concentrar para melhor definir nossos atores sociais, os sujeitos do trabalho de formação, aqueles que podem influenciar a população, porque esta é uma de nossas maiores carências.

No setor rural, precisamos identificar quais são os atores que podem desencadear mudanças, aqueles que podem modificar o uso dos recursos naturais ou os padrões de uso atuais e aqueles que podem incorporar critérios de sustentabilidade.

Nas instituições de ensino superior, dada sua atomização, é difícil identificar o ator político que pode ser o detonador para alcançar um foco que permita generalização. Esta amplitude, em termos do tipo de destinatários, tem sido um problema, porque não conseguimos identificar corretamente o público-alvo

das ações de Educação Ambiental. Como diz o ditado, *quem tudo quer, tudo perde*. Neste sentido, entendemos que não há nenhuma abordagem com a qual possamos dizer que estas são as questões prioritárias, portanto, em primeiro lugar valeria reconhecer as especificidades das questões. É preciso defini-las, em princípio, com base nos interesses da população, não nos diagnósticos técnicos que podem ser feitos ao seu redor. E, em outro sentido, seria preciso definir quais são os sujeitos sociais com os quais temos que trabalhar para conseguir um efeito sobre a população em geral.

O mesmo enfoque deve ser dado ao trabalho, e se no discurso dizemos que na Educação Ambiental partimos de uma abordagem construtivista, na realidade esse enfoque não permeou realmente nem a educação escolar, nem a educação *não formal*, nem a construção de instrumentos de comunicação ambiental, pois continuamos a ver um esquema no qual partimos do geral para o particular, do distante para o próximo, do abstrato para o concreto.

Nem mesmo na elaboração de materiais didáticos, nem no processo de formação, nem na concepção de programa de formação “viremos a página” e identificamos as necessidades específicas de aprendizagem de cada um, de cada um dos grupos-alvo, sejam eles promotores rurais, professores, formadores de professores, membros de ONGs ou público em geral, respeitando seus interesses e suas necessidades.

Por outro lado, quando partimos da ideia do que um educador ambiental deve saber e quando definimos esses conhecimentos e habilidades em termos das diferentes atividades que eles desempenham e seu papel na sociedade como responsável pelo desenvolvimento de um processo viável de intervenção educacional ou de intervenção ambiental, é aí que reside o pro-

blema, pois não partimos das necessidades de aprendizagem do sujeito ao qual seu trabalho é dirigido. Por exemplo, se eu vou oferecer formação a um guia para uma área natural protegida, onde tenho que levar em conta que tipo de serviços oferece, o que esse guia deve saber, qual é sua função em relação aos visitantes e aos habitantes da área natural, então não definimos exatamente quais são as competências. Neste sentido, as informações que fornecemos são de natureza muito geral e a pessoa que estamos formando não consegue desenvolver um processo mais eficaz e eficiente, o que eu acho que é uma questão a ser tratada.

Por outro lado, pelo fato de que os processos educativos são lentos e que as mudanças e problemas ambientais estão ocorrendo em uma velocidade vertiginosa, acabamos reagindo com atraso. Quando há 25 ou 30 anos atrás começamos a falar de Educação Ambiental aqui no México, os problemas ambientais eram diferentes. Hoje, as questões são as mesmas e em outros casos não, mas a magnitude destes problemas, a complexidade das questões ecológicas, sociais e econômicas é tal que eu não sinto que nós, educadores ambientais, estejamos atualmente respondendo a estes desafios. Um exemplo muito concreto é a questão da mudança climática, que é um tópico onde ainda não encontrei muitos educadores ambientais que a questionam como uma questão central, e que, ao invés disso, partem de uma *racionalidade* meio ideológica no sentido de discutir as abordagens com as quais os governos lidam com a mudança climática ou o ponto de vista de opções de solução que são propostas a partir de diferentes modelos econômicos.

Portanto, apesar de fazermos fortes críticas, não há opções concretas para resolver o problema da mudança climática para o cidadão comum. Existem apenas prescrições de comportamentos, tais como aquelas orientações dadas para apagar as

luzes, economizar água etc. Esses encaminhamentos, por certo, não são capazes de resolver os grandes problemas ambientais. Concordo que aí reside parte do problema, mas, por outro lado, não há proposta que nos permita responder se realmente entendemos o fenômeno, e além do discurso também nos perguntamos se realmente temos uma estratégia didática, pedagógica, epistemológica que trate desse problema.

Um problema da magnitude da mudança climática, constitui-se necessariamente como um problema global que envolve outros, transformando-os e, portanto, não pode passar despercebido da perspectiva educativa, porque também envolve aspectos importantes relacionados a difusão da informação técnica sobre as propostas de mitigação e, em menor medida, as propostas de adaptação. Tal realidade nos impõe muitos desafios, porque temos diversas populações em áreas de risco e não estamos desenvolvendo nenhum programa suficientemente eficaz para elas.

Atualmente, é possível ver tragédias nas quais um fenômeno ambiental destrói várias populações, e o campo científico não é capaz de explicar como ocorre o problema ou desenvolver medidas preventivas para que as pessoas entendam o fenômeno e compreendam que terão que se adaptar a uma nova realidade. Portanto, devemos prevenir situações de contingência e estabelecer estratégias de médio prazo que permitam a realocação e, em última instância, salvar vidas humanas. Isto porque muitas vezes estamos na explicação técnica do que está acontecendo, do problema em si, do fenômeno, mas as pessoas que estão nas barrancas, aquelas que estão nas margens dos rios, aquelas que estão na costa, não lhes estamos dando os instrumentos para enfrentar esta situação, nem tampouco nós que estamos na cidade.

Temos um viés muito científico nas análises dos pesquisadores que nos dificulta; quando escuto os especialistas do Painel

Internacional, até mesmo nosso próprio ganhador do Prêmio Nobel¹¹ falar e dizer que um fenômeno específico, um furacão, uma seca etc., não podem estar diretamente ligados à mudança climática, eles estão dizendo algo verdadeiro, mas ao mesmo tempo falso, porque a mudança climática é entendida como algo que vai acontecer e só depois seus efeitos virão. Mas isto não é verdade, a mudança climática é um problema gradual e global que estamos vivenciando, e todos os fenômenos que estão acontecendo hoje são influenciados por esta mudança. Uma coisa é entendê-lo como causa e efeito direto, isto é, quando dizemos que um determinado ciclone é um produto da mudança climática, e outra coisa é apontar que este ciclone não teria as mesmas características se tivesse ocorrido em uma situação que não fosse a mudança climática.

Dou isto como exemplo porque a própria abordagem que temos que adotar como educadores ambientais para problemas emergentes não está sendo discutida adequadamente, nem estamos discutindo as abordagens com as quais vamos enfrentar os desafios existentes. Sempre foi dito que a educação é um processo social coletivo, que o importante é construir a cidadania ambiental, e ao longo destes anos vimos o cidadão individual, Miguel Ángel, Salvador, Juana, e os concebemos como indivíduos, e a partir desta perspectiva como indivíduos tentamos encorajá-los a contribuir para a solução do problema; tentamos fazê-los questionar a si mesmos sobre como podem se conscientizar e como podem intervir para resolver o problema.

11 O cientista mexicano Dr. Mario Molina recebeu o Prêmio Nobel de Química de 1995 em reconhecimento a suas pesquisas sobre o buraco de ozônio e as ameaças por ele representadas. O prêmio também foi concedido a seu amigo e colaborador, o químico Sherwood Rowland, da Universidade da Califórnia, que junto com ele foi o arquiteto destas descobertas, e a Paul Crutzen do Instituto Dinamarquês Max Planck de Química em Mainz, Alemanha.

É esta abordagem individual, a conscientização individual que não deve ser subestimada, pois tem sido completamente insuficiente em todos estes anos. A este respeito, não houve contrapartida em termos de como educar este indivíduo para que ele ou ela também entenda que não é um cidadão individual, mas um cidadão coletivo, para que ele ou ela também realize Educação Ambiental com uma abordagem coletiva, onde a primeira coisa que lhe interessa é se conectar com outros cidadãos e se organizar para lidar com o problema. Assim, o foco no coletivo deve ser primordial, para que nada mais seja perguntado, sobre o que o campo pode fazer, a escola como comunidade educativa, o grupo de professores, o sindicato, o grupo de trabalhadores, os grupos sociais, o que o bairro pode fazer, o que o bloco pode fazer, só individualmente. Precisamos de uma Educação Ambiental com abordagem coletiva, e no discurso falamos muito sobre isso, mas na prática não implementamos mecanismos que nos permitam alcançar, *não só a conscientização individual, mas também a conscientização coletiva e a organização da sociedade para enfrentar as problemáticas ambientais.*

Na minha opinião, no final de 2022, a Educação Ambiental registrou alguns progressos na definição dos destinatários, nas abordagens com que são formados e no desenvolvimento de materiais didáticos mais relevantes, mas em geral ainda há muito a dever. no que diz respeito ao tratamento dado aos problemas ambientais que agora se apresentam numa situação mais grave, que se manifesta, por exemplo, em quatro problemas críticos cuja magnitude não é suficientemente compreendida pela população em geral, e que se encontra ainda abordada de forma incipiente tanto em educação formal em diferentes níveis educativos, e na educação não formal, e estes problemas são: alterações climáticas, desmatamento, perda de biodiversidade e problemas hídricos.

No que diz respeito às alterações climáticas, embora haja maior convicção da sua existência e conhecimento das suas causas, muito pouco progresso tem sido feito na construção de padrões comportamentais coletivos e processos de gestão comunitária que permitam o desenvolvimento de capacidades de mitigação e adaptação e resiliência. No que diz respeito ao desmatamento, é impressionante a diminuição da cobertura vegetal, que se manifesta numa enorme perda de selvas, florestas temperadas e matagais semiáridos, e na sua substituição por sistemas de produção agrícola e pecuária, o que tem provocado uma grande diminuição não só dos recursos naturais, mas também dos serviços ambientais que estes ecossistemas proporcionavam, e a resposta a este problema geralmente continua sem ir além da promoção de campanhas de reflorestação mal sucedidas. A perda de biodiversidade tem dimensões ainda não quantificáveis, e a crise que pode causar é uma “espada de Dâmocles”, um perigo desastroso e iminente cujas consequências a maioria da população não consegue imaginar, e quanto à crise hídrica global, agora é um problema global que afeta de diferentes maneiras as áreas rurais e urbanas, que às vezes gera manifestações massivas, muitas vezes por falta de recursos, mas que continua sem abordar os problemas subjacentes que o causam e que geralmente são pouco compreendidos pela população.

Penso ainda que há um elemento fundamental que deixamos de lado na Educação Ambiental, que é a sua dimensão política, referindo-se à construção de processos que levam à organização, ao empoderamento das comunidades e à ação para resolver os problemas ambientais que afetam diretamente, contextualizado nos problemas globais que enfrentamos.

O que significa dizer que a Educação Ambiental é um campo em construção? E, se estamos neste processo, em que momento ou etapa nos encontramos?

É uma boa questão, porque teríamos que definir o que queremos dizer com “em construção”. Em primeiro lugar não é uma construção unidirecional, uma vez que existem diferentes atores, com diferentes abordagens, de diferentes tendências que procuram desenvolver diversas propostas. Sendo assim, se voltarmos às origens da educação para a conservação, algumas das quais estão atualmente em desuso, desde o ensino das Ciências Naturais se tem construído algumas propostas. Mas, em boa medida, esses processos de construção não têm tido um espaço que permita intercâmbios criativos e sinergias capazes de constituir um caldeirão de culturas para integrar de melhor maneiras as diversas contribuições que emergem no campo.

A Educação Ambiental está em construção? Sim e não. Se tem estado em construção todos estes anos é porque há um esforço permanente de um grupo de pessoas que têm insistido a partir das suas diferentes perspectivas na construção de um campo; quando falamos de construção, falamos de um propósito, de uma intencionalidade, porque qualquer outra coisa é “vara de cego”, que não constrói nada. No entanto, não tem havido um processo de construção coletiva, mas sim construtores proeminentes da Educação Ambiental no meio acadêmico, pesquisadores que desenvolveram uma perspectiva teórica. Por outro lado, há uma construção paralela a partir da base, e, desde meu ponto de vista, há um divórcio significativo entre estes dois processos de construção do campo da Educação Ambiental.

As esferas de atuação de cada um dos educadores ambientais significaram que a construção está finalmente circunscrita

- como é de esperar - às áreas prioritárias do âmbito universitário. Se analisarmos os produtos, as suas publicações, as ações que realizam, logicamente veremos que estão intimamente relacionados com as funções básicas da universidade. Entretanto, existem outros órgãos educacionais, como os centros de educação e cultura ambiental, organizações da sociedade civil, as experiências de Educação Ambiental com adultos desenvolvidas pela INEA¹², que podem ser considerados processos de construção paralelos. O problema é que não houve diálogo entre os diferentes caminhos e isto impediu-nos de aprender com o que os outros fazem. É um pouco como quando os cavalos puxam a carroça e têm os olhos tapados para que possam ver que é sempre o mesmo caminho. No final, todos estão a construir na mesma linha, mas o problema surge quando não estão integrados ao todo, porque não conseguem ver o que está a sua volta.

A Educação Ambiental é um espaço de construção pedagógica nos limites, nos limites da educação escolar, da educação não formal e, por isso, pode construir novos paradigmas porque não está tão *atrelada* com o que o *status quo* destes âmbitos de intervenção. Para alguns autores, isso é um movimento de contracultura ou contracorrente, mas o problema é como estamos capitalizando este processo, sem negar que há muitos avanços na reflexão teórica, na metodologia, e também há muitas contribuições provenientes da práxis, que não foram suficientemente consideradas ou sistematizadas.

Neste sentido, é importante pensar como a Educação Ambiental está no meio de um cenário de crise, pois a própria Educação Ambiental está em crise. Assim, se estamos no meio da crise, porque não acho que a Educação Ambiental não esteja

12 Instituto Nacional de Educação de Adultos (INEA) do Governo Mexicano.

em crise, e por uma verdade de *Perogrullo*¹³, ou seja, não pode ser que tudo esteja em crise e a Educação Ambiental não. Não pode ser que se existem crises de todo tipo e em todas as instituições, a Educação Ambiental seja pura e cristalina, ileso a estas crises. Logo, por essa lógica, a Educação Ambiental está em crise. No entanto, é justamente o grupo de educadores ambientais, em suas experiências educativas de diversas naturezas, que nos permitirá encontrar alternativas para resolver essa crise. A EA pode contribuir muito para a resolução positiva da crise, na medida em que também reflita sobre quais são os parâmetros que a estruturam, quais são as respostas e quais são os resultados daquilo que se está fazendo hoje.

Ao longo dos anos houve um progresso significativo nas instituições de ensino superior. Por exemplo, há 30 anos, se você fosse a uma instituição para falar sobre Educação Ambiental, formação ambiental, parecia que você estava falando uma língua diferente, mas hoje em dia esta realidade mudou. Existem cerca de 60 instituições de ensino superior que têm sistemas de gestão ambiental; existem cerca de 40 instituições de ensino superior que têm seus programas ambientais universitários com características diferentes; existem várias instituições que estão incorporando sistemas de gestão ambiental e melhorando o desempenho ambiental de suas instalações. Existem construções de campus universitários “verdes”, “edifícios inteligentes”, bibliotecas com células solares, em suma, fala-se agora em incorporar a Educação Ambiental nos currículos, o que era impensável há 30 anos.

Por exemplo, no Sistema Nacional de Educação da ordem tecnológica, todos os cursos de graduação neste setor incluem o desenvolvimento sustentável; quão bom ou quão ruim é, com

13 Segundo a Real Academia de Língua Espanhola a palavra *Perogrullo*, faz referência a uma personagem fictícia que apresenta coisas óbvias.

que viés, isso é outra questão, mas todos eles o incluem; seja um graduado em administração de empresas, um contador ou um engenheiro, todos eles incluem o desenvolvimento sustentável e há uma incorporação nacional disto desde o bacharelado, sobretudo no sistema tecnológico, que em minha opinião é o que mais tem progredido. No sistema tecnológico temos 3 módulos chamados ciência, tecnologia, sociedade e valores, que incorporam um módulo específico sobre desenvolvimento sustentável e outras questões de Educação Ambiental no bacharelado. Em suma, existem outros caminhos que foram seguidos no nível secundário superior nos Colégios de Ciências e Humanidades (CCH), nos cursos preparatórios para o ingresso na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e nas outras universidades, às vezes com um espaço curricular específico, às vezes com uma incorporação mais transversal, mas há 30 anos não havia tal coisa, e hoje há um progresso significativo.

Na educação básica, por exemplo, percebo algo que a sociedade mexicana parece ainda não ter se atentado. Houve uma revisão curricular e a partir do próximo ano letivo 2011-2012, haverá a incorporação da Educação Ambiental para a sustentabilidade em um novo currículo de 12 anos para a educação básica, que abrangerá os níveis pré-escolar, básico e secundário. Não haverá três currículos, mas apenas um único para a educação básica, e nele haverá programas nos quais a Educação Ambiental para a sustentabilidade foi incorporada, basicamente em cinco áreas do conhecimento: História, Geografia, Ciências Naturais, Civismo e Ética e Espanhol. Este foi um longo processo, que se constitui em uma contribuição central do setor ambiental e do setor educacional na administração de *Felipe Calderón (Presidente do México de 2006 a 2012)*.

No processo de elaboração do projeto, foi realizada uma aplicação piloto em cinco mil escolas. Foi feita uma avaliação

do processo, a publicação dos materiais desenvolvidos e a testagem dos livros didáticos. Quanto será alcançado, quem sabe? Quando tivermos o produto seremos capazes de fazer uma avaliação como um conjunto, para avaliar quanto foi alcançado ou não com a transversalidade.

Este é um avanço significativo, pois não havia espaços curriculares para a Educação Ambiental, mas agora teremos dois espaços claros. Um se chama “*El libro de mi tierra*” para o terceiro ano da escola primária, que será adotado em cada uma das entidades federativas. Outro será uma disciplina oficial no primeiro ano do Ensino Médio. Existem 16 disciplinas diferentes que tratarão da Educação Ambiental para a sustentabilidade. Parece haver aqui uma contradição, pois se estamos tentando incorporar a Educação Ambiental de forma transversal, por que existe um espaço curricular? Pessoalmente, não vejo as coisas dessa maneira, porque pode ser uma oportunidade de trazer para o nível local tudo o que é dito em termos gerais no currículo.

Com isto vem uma tarefa importante para o próximo ano letivo, que será rever os perfis dos graduados novamente, pois hoje existem perfis de graduados para cada um dos níveis; rever o currículo final, rever os programas de estudo, depois rever os livros didáticos, para depois vir a tarefa fundamental de formar os professores. Há um atraso imensurável, evidentemente houve processos de formação de professores, mas eles têm sido insuficientes e continuarão a ser insuficientes. Tanto quanto sei, apenas o estado de *Nuevo León* (México) está modificando sua proposta nas Escolas de Formação de Professores para incorporar a Educação Ambiental para a sustentabilidade. O mesmo não está acontecendo nos demais Estados. Portanto, há ainda muitas coisas para se falar como obstáculos na construção do campo da Educação Ambiental.

Outra questão importante é a pesquisa, já que um campo não pode ser desenvolvido do ponto de vista conceitual e metodológico se não formar especialistas no assunto, para sistematizar e analisar os resultados do que está sendo feito. Neste sentido, é triste a história dos estudos de pós-graduação em Educação Ambiental. De uma época de formação de graduados, passamos a um período de formação de mestres, mas o número de mestrados está diminuindo e são instáveis. Não temos sido capazes de consolidar um processo de formação em nível de mestrado, e obviamente o desafio é estruturar um doutorado em Educação Ambiental. A este respeito, vale lembrar que propusemos um doutorado interinstitucional em Educação Ambiental, mas não houve condições institucionais para concretizar a proposta.

Outro elemento fundamental para a construção do campo da Educação Ambiental é a questão da qualidade, um dos desafios para pensar as estratégias para a implementação da Educação Ambiental para a sustentabilidade é estabelecer processos de profissionalização, que tem a ver com o que foi apontado anteriormente, ou seja, e necessidade revisar os processos de avaliação, credenciamento ou certificação dos serviços em Educação Ambiental.

Quais serão as conquistas atuais desta administração? Uma delas é apresentar um modelo de gestão ambiental escolar como um modelo integral que permite a avaliação do desempenho ambiental das escolas em que um dos eixos é a Educação Ambiental. O modelo de avaliação e credenciamento de centros de EA permite a criação de um centro de Educação Ambiental não formal, na medida em que, com base em sua vocação, seus objetivos, sua visão, sua estrutura, seja possível avaliar a qualidade de seus serviços. Além disso, permite que seja possível desenvolver programas de melhoria contínua ou programas de retroali-

mentação passíveis de serem implementados, porque se percebe muita improvisação e este tipo de mecanismos de avaliação e credenciamento pode dar um certo nível de certeza sobre como eles estão sendo desenvolvidos, porque de outra forma, como você os constrói?

No quadro da crise ambiental que enfrentamos, a Educação Ambiental é um campo que continua em construção a partir de diferentes perspectivas, do campo teórico e do campo da prática educativa; No entanto, nos últimos anos, no México, este processo foi profundamente afetado pela deterioração das instituições que vinham promovendo a política de Educação Ambiental. Um exemplo relevante disso é o impacto no Centro de Educação e Formação para o Desenvolvimento Sustentável (CECADESU), pertencente à Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Naturais, cuja estrutura, orçamento e programas de trabalho diminuíram acentuadamente nos últimos 10 anos, o que fez com que a instituição governamental que tinha maior influência nesta área fosse praticamente perdida no país, e que em diversos momentos foi referência em nível internacional; que, por exemplo, geraram programas que contribuíram para a qualidade dos serviços educacionais dos centros de educação e cultura ambiental, como o Modelo de Credenciamento desses Centros, que apoiou orçamentariamente programas de Educação Ambiental em todos os estados da República Mexicana, desenvolvido principalmente por instituições de ensino e organizações da sociedade civil, e promoviam diversos fóruns de troca de experiências, além de pesquisas e publicações especializadas em Educação Ambiental. Esta situação de perda de espaços de Educação Ambiental nos órgãos governamentais é semelhante a nível estadual, um exemplo é o governo do Estado de Aguascalientes, onde uma Direção Geral de Educação e Participação Ambiental foi reduzida a um Departamento de Cultura e Divulgação Ambiental. a perda da

estrutura e a mudança de nome são um exemplo claro da diminuição da importância do tema, apesar de no Plano Estadual de Desenvolvimento 2016-2022, o “Programa Estadual de Educação Ambiental para a Sustentabilidade”, uma coisa foi o discurso e outra foi a verdadeira política pública. Situações semelhantes surgem no desaparecimento dos programas de Educação Ambiental nas instituições de ensino superior, onde os programas de gestão ambiental até diminuíram.

Como continuar construindo o campo da Educação Ambiental em meio à destruição dos andaimes institucionais básicos? É uma pergunta que os educadores ambientais que sobrevivem aos cortes de pessoal e ao orçamento respondem diariamente.

Depois de cinquenta anos de Educação Ambiental, desde a Conferência de Estocolmo de 1972, é fundamental continuar a construção do campo da Educação Ambiental, reconhecendo os avanços e sucessos, mas também recuperando dos escombros os bons programas e projetos abandonados, a resposta ao enorme desafio que a humanidade enfrenta atualmente passa pelo fortalecimento da Educação Ambiental, e para isso é necessário que os órgãos mais sólidos academicamente na área, como a Academia Nacional de Educação Ambiental A.C., assumam sua liderança perante autoridades governamentais e acadêmicas, e exigem a avaliação de programas e projetos de Educação Ambiental, bem como a definição de políticas sobre o assunto, com base no que estabelece a legislação ambiental, e em um planejamento estratégico que comumente reconhece um papel relevante para a Educação Ambiental, mas que este não se concretiza nem estrutural nem orçamentalmente.

Esta não é, sem dúvida, uma tarefa simples, pois é justo reconhecer que esta indefinição da Educação Ambiental nas diferentes instituições ocorre no quadro da perda de relevância

da política ambiental nas administrações governamentais nos últimos anos, que deixou de lado até mesmo os compromissos internacionais estabelecidos.

O que te atrai no campo da Educação Ambiental? Por que você permaneceu nele?

Pessoalmente, sempre disse que sou mais um educador de adultos do que um educador ambiental, porque meu principal trabalho tem sido com pessoas adultas e com jovens. Para mim, a EA é um eixo fundamental de trabalho para a transformação da sociedade e tem muito a ver com o trabalho que permite às pessoas refletirem sobre suas condições de vida e a condição social em que se encontram. Tenho me mantido trabalhando na Educação Ambiental devido à minha preocupação com a educação, particularmente de jovens e adultos, uma preocupação que está relacionada ao interesse em recuperar o conhecimento das pessoas em relação ao uso dos recursos naturais.

Neste sentido, percebo que há uma sabedoria não apenas nos grupos étnicos indígenas, mas uma sabedoria popular de que nossa primeira função deve ser resgatar essas experiências, essa sabedoria construída ao longo dos anos, que é um instrumento fundamental para a transformação da sociedade. A educação em geral e a Educação Ambiental em particular são, realmente, instrumentos que podem contribuir para a transformação da sociedade; o problema fundamental está em como ter uma ação política maior, a partir da perspectiva da Educação Ambiental.

Um dos motivos que me fez permanecer no campo da Educação Ambiental é que me mantive em uma linha de trabalho mais ou menos constante, mas em áreas muito diversas. Trabalhei na área de EA em instituições de Ensino Médio e Ensino

Superior; em órgãos estaduais, municipais e federais; na mídia; com empresários, agricultores e povos indígenas. Esta diversidade de instituições e assuntos sociais e espaços de intervenção me deu uma possibilidade muito frutífera de desenvolvimento pessoal e profissional. Trabalhei com os mesmos temas com diferentes grupos ou aconselhando um círculo de estudos de adultos, ou tentando construir uma estratégia ou operando um programa governamental em diferentes níveis, e esta diversidade de esferas de ação, em torno de uma preocupação comum, foi, sem dúvida, o que eu acredito que me fez permanecer no campo. Além disso, acredito que estamos aqui neste mundo por algo, algo que o mundo espera que façamos, e que a razão de ser tem a ver com a educação do ponto de vista pessoal.

Trabalhei, em grande parte de minha carreira, no sistema de educação de adultos, inclusive por razões familiares. Meu pai não teve a oportunidade de frequentar a escola primária, ele terminou seus estudos em uma escola noturna para adultos, então eu sempre vi isso como um importante campo de trabalho, devido ao fato de estar ligado a preocupações pessoais de diferentes tipos.

O trabalho de planejamento curricular tem sido outro aspecto importante da minha vida, pois tem a ver com a possibilidade de formar outros. Há duas áreas de trabalho que sempre me interessaram muito; por um lado, a formação de educadores e, por outro lado, o desenvolvimento de materiais de natureza educativa. Não sou especialista em questões ecológicas ou ambientais, mas tenho tentado ser um tradutor, uma pessoa que procura tornar a comunicação dessas questões mais acessível às pessoas. Tenho sido mais um educador ambiental para a vida e para o trabalho, atuando em diferentes grupos e setores sociais.

Como todos os educadores ambientais, tive meus altos e baixos, minhas frustrações etc., mas sempre me convenci de que

a ação educativa é fundamental e que se não existe um projeto educativo para a construção de uma nova sociedade, com todas as contradições que isso implica, uma sociedade que está sendo construída, então devemos promover um processo de transformação e resistência, mas isso também deve ser um processo de construção. *Temos que imaginar uma sociedade que seja melhor e, para isso, temos que formar pessoas para essa sociedade, para a sociedade que queremos que ela seja.*

Diante da grave situação mundial que enfrentamos hoje, é fundamental que os educadores ambientais, de maneira individual ou coletiva, reflitam e analisem os resultados de seu trabalho, ponderando sobre suas conquistas e seus fracassos, bem como sobre suas possibilidades de contribuir para a consolidação do campo da Educação Ambiental, entendido como instrumento de gestão e de política pública para enfrentar os grandes desafios, como, por exemplo, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a Agenda 2030. Longe de abandonar o navio diante da situação crítica, hoje mais do que nunca, acredito que é essencial pensar a Educação Ambiental a partir das perspectivas e das estratégias e táticas de transformação social.

Que perguntas farias hoje ao campo da Educação Ambiental?

A questão mais importante é compreender como o campo da Educação Ambiental ajuda a transformar a situação global em que nos encontramos, auxiliando na construção de novas formas de organização das sociedades. São estas as questões que todos os educadores ambientais deveriam ter colocado há muito tempo, ou seja, *por que incorporo este conteúdo em um livro didático? Por que utilizo esta tecnologia alternativa? O que quero alcançar no indivíduo e na sociedade para contribuir para um novo modelo de*

organização social? Essas perguntas precisam ser feitas a partir de uma visão educativa integral, não fragmentada, pois, caso contrário, dificilmente poderemos contribuir com algo.

Por exemplo, existem problemas sobre resíduos, sobre água, sobre gestão da água, ou problemas sobre áreas verdes, e para eles desenvolvemos programas que, no final, fragmentam a realidade a partir da perspectiva temática, e isto não pode continuar, porque para qualquer cidadão ou para qualquer comunidade, seja uma escola, uma família ou um município, todos os problemas se apresentam integrados e ao mesmo tempo. Portanto, o grande desafio e a grande questão é como desenvolver um programa de Educação Ambiental em que o meio ambiente seja abordado a partir de uma visão integral, na qual não se possa deixar de tocar no assunto da água, assim como não é possível deixar de tocar no assunto dos resíduos sólidos e das áreas verdes de maneira interligada. Também não se poderia abordar essas questões, que têm a ver com a organização da própria sociedade e o uso do território, a apropriação dos recursos naturais e os direitos de cada um de nós, presentes e futuros. Estas seriam algumas das questões específicas que teríamos que colocar ao campo e buscar respostas.

Por outro lado, ao ir trabalhar com uma comunidade específica, seja ela uma família, um bairro, uma escola, preciso indagar por que estou educando com uma visão pedagógica, mas que também é uma abordagem política. É preciso refletir sobre o que quero construir com eles e como vou capacitá-los para que possam tomar o ambiente em suas próprias mãos e tirar proveito de tudo do qual fazem parte, bem como para que possam ter acesso à processo de tomada de decisões.

Este é o tipo de perguntas que devemos nos fazer agora: *como construir sociedades nas quais possamos responder às diferentes situações que se apresentam a nós hoje, como, por*

exemplo, problemas como a violência, a migração etc.? Precisamos nos perguntar como trabalhar com a Educação Ambiental em relação aos problemas globais e compreender o que deve ser mudado.

A este respeito, posso citar dois exemplos, um muito técnico, dizendo que este foi o ano em que houve o maior investimento no combate aos incêndios florestais no país. Por quê? Por causa da seca, por causa do aquecimento global, por causa do acúmulo de lenha, por causa do que você quiser, a verdade é que os incêndios hoje se comportam de maneira diferente do que há anos e de repente estamos diante de um incêndio e você vê que a parte superior da corrente de ar vai para um lado e para baixo, o fogo avança na direção oposta, e isto porque há um fenômeno de inversão térmica local, porque há uma alteração dos ciclos naturais. Diante disso, você olha para o fogo e a única coisa que você percebe é que ele quebrou todas as leis da física.

Você também pode ver como de repente se forma um turbilhão ou um tornado, o que faz com que as brasas saltem e isto causa ainda mais danos. Há lugares onde foram montadas barreiras contra incêndios de 30 metros, mas eram inúteis, porque o tornado levou as brasas para outro lugar após a barreira e o incêndio destruiu outras áreas. Este tipo de fenômeno rompe com a lógica.

O outro exemplo está nas áreas naturais protegidas, onde não se pode implementar programas, porque agora existem insumos para apoiar os agricultores nos serviços ambientais - não todos os recursos necessários - mas existem recursos para a produção orgânica, para o reflorestamento ou para diferentes aspectos, no entanto, o problema que você também observa é que não há mais jovens nessas comunidades, porque eles partiram como migrantes, e o *modus vivendi* é que há um pai, uma mãe que tem dois ou três filhos que vão para o norte e aqueles

que ficam para trás (pai e mãe) ficam esperando o dinheiro da remessa. Assim, quando são convidados a participar de um projeto fecundo ligado à produção orgânica de baunilha, simplesmente não participam, porque estão aguardando a chegada do cheque. Esta não é uma boa forma de abordar programas que pretendem ser bem-sucedidos.

Este tipo de problema e outros que mencionei, como a violência, são fenômenos muito sérios e não estamos lidando com eles adequadamente. Por exemplo, precisamos nos perguntar sobre que programa de Educação Ambiental temos voltado para os *ninis*¹⁴; e que programa ambiental desenvolvemos para o enorme número de jovens que estão no Ensino Médio e saem das escolas sem ter emprego. A questão também é como responder a isso, pois também temos que nos perguntar que programas de EA temos para as zonas onde há violência.

No ano passado fui dar conferências em *Ciudad Juárez*, *Ciudad Victoria* e *Monterrey*, cidades nas quais há problemas em relação ao tráfico e ao uso de drogas ilícitas. O grande desafio foi falar sobre como construímos esperanças em contextos tão adversos. Não é fácil apontar caminhos para a Educação Ambiental que permitam desenvolver capacidades de tolerância ante a frustração, ante a necessidade de formular questões orientadas pela alegria, pela celebração da vida, em vez de celebrar a morte ou a violência. Assim, considero que precisamos encontrar caminhos concretos, nos quais as ações se materializem para além do discurso.

Em outras palavras, valeria pensar sobre quais técnicas ou didáticas seriam capazes de nos devolver nossa humanidade neste momento, nos ajudando a construir novos projetos. Pen-

14 É feita referência aos adolescentes que não estudam nem trabalham, por múltiplas razões, e que hoje são chamados: Ninis.

sar em como podemos problematizar as questões ambientais junto a cidadania e indagar como isto pode nos ajudar a construir outros tipos de estruturas político-institucionais, porque muitas das que temos não funcionam. Além disso, outro desafio é refletir sobre o que pode ser feito através da Educação Ambiental para a sustentabilidade, ou seja, outra de nossas perguntas é como contribuímos para a sustentabilidade, a partir da sustentabilidade ambiental. Obviamente temos que trabalhar na sustentabilidade econômica, na sustentabilidade política, na sustentabilidade social e em todas as áreas ou dimensões da sustentabilidade, mas seria importante definir uma e pensar em como este eixo se articula com as outras dimensões.

Por último, eu acrescentaria a entrevista publicada em 2012, as seguintes questões que me parecem fundamentais para o campo da Educação Ambiental na atualidade:

- *Em que medida o projeto de Educação Ambiental do qual participo contribui para solucionar a problemática enfrentada pela comunidade com a qual trabalho?*

- *Como o processo de intervenção educativa que realizo contribui para a compreensão das causas profundas dos problemas ambientais, viabilizando enfrentá-lo ante a necessidade de construir uma sociedade justa e democrática?*

- *Quais são os aliados que temos e os inimigos que enfrentamos para alcançar a transformação que buscamos?*

Temos ferramentas conceituais e metodológicas sólidas, mas precisamos nos perguntar como podemos fazê-las promover a mobilização social que se faz necessária nas diferentes instituições e áreas da sociedade, para que mudanças possam ser feitas agora, quando estamos no limite em muitos dos problemas ambientais que enfrentamos.

Finalmente, como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Acredito que a Educação Ambiental está em um momento privilegiado, com seus melhores anos chegando, devido a todas as reflexões educacionais em voga, como a Educação para a Paz, para os Direitos Humanos ou outros. Encontro na EA uma visão de globalidade, de complexidade e de criticidade que falta em outros campos. Dada a magnitude dos problemas ambientais e a necessidade de construir respostas a curto prazo, penso que campos como o da Educação Ambiental, apesar de toda sua complexidade, têm muitas possibilidades de desenvolvimento para se tornar um importante eixo articulador com outras abordagens e tendências educacionais. Neste sentido, a EA desenvolveu uma massa crítica na sociedade em geral, pois se percebe que há uma maior sensibilidade a estas questões, há um terreno mais fértil. Na medida em que nos dedicamos profissionalmente à Educação Ambiental, somos capazes de encontrar os nichos de oportunidade para o desenvolvimento de uma proposta educacional alternativa, na qual existem muitas oportunidades de sucesso.

Neste sentido, percebo que não existem muitas opções para construir propostas do ponto de vista educacional tão ricas e tão transcendentais, quanto o campo da Educação Ambiental. Para isso, seria preciso considerar determinadas condições. A primeira é que os educadores ambientais sejam capazes de definir sua ação política na construção de políticas públicas, de tal forma que a sociedade civil tenha um impacto sobre as ações dos governos, pois esta é uma questão fundamental. Uma das tarefas que urge realizar é a construção de um capital social de educadores ambientais com intenção política, com influência em diferentes espaços, o que obviamente implicaria retomar al-

guns dos esforços de outrora, que por diferentes razões se perderam, como a formação de redes ou associações para atuar em órgãos consultivos de maior impacto. Este é um grande desafio a ser enfrentado, ou seja, construir junto à sociedade civil, uma proposta de política pública para o campo da Educação Ambiental.

Talvez tenha havido um salto qualitativo neste último sexênio, pois pela primeira vez a EA foi mencionada no Plano Nacional de Desenvolvimento do México, em um Programa Setorial de Meio Ambiente. Incrível, mas é a realidade, a EA nunca havia sido mencionada de maneira tão explícita, já que nenhuma página havia sido dedicada a este tema. Este foi o primeiro sexênio em que se tornou obrigatória a incorporação da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino. Foi o primeiro mandato de seis anos em que foi proposta a incorporação da EA não somente no nível básico. Porém, de forma contraditória, ao mesmo tempo, estamos diante de uma grande falta de recursos humanos nos diferentes órgãos do governo para concluir esta proposta.

Por exemplo, na Secretária Pública de Educação (SEP) do governo mexicano foi necessário modificar o conteúdo de cinco *áreas* de conhecimento para seis anos de estudo e não há recursos em tempo integral para realizar este trabalho. Neste sentido, a assessoria prestada pelo setor ambiental é insuficiente, e um grande desafio é construir uma área específica no SEP para lidar com a Educação Ambiental para a sustentabilidade.

Mas, acredito que existem boas bases e vejo um futuro promissor, considerando a situação crítica que temos. Não há muitas propostas de solução, uma proposta educativa fundamental é a EA, que não será deixada de lado porque a realidade não a deixará, e que em si mesma já é uma questão importante; há

quadros formados, há uma reflexão importante e talvez o gargalo esteja na articulação de esforços e no desenvolvimento de ações conjuntas que permitam a construção de políticas públicas nesta área.

Assim, se começarmos a ver o que temos que enfrentar na atual crise global, descobriremos que nossas deficiências são muitas, mas ninguém disse que a tarefa era fácil e a Educação Ambiental ainda é um campo em construção (hoje talvez em areia movediça), mas também é uma “Arca de Noé” que carrega as melhores mentes e corações para enfrentar os desafios, a partir da reconstrução da esperança de que outro mundo é possível.

Educação Ambiental como um ato político que exige responsabilidade social

Entrevista com Lucie Sauvé

Lucie Sauvé foi professora titular do Departamento de Didática da Universidade Québec em Montreal (UQAM). Diretora do Grupo de Pesquisa em Educação e Formação Ambiental e membro dos Institutos de Ciências Ambientais e de Saúde e Sociedade da UQAM. As suas principais linhas de investigação são a Educação Ambiental associada à educação científica, à educação para a saúde e ao desenvolvimento comunitário. Neste campo conta com diferentes projetos que integram a estudantes de mestrado e de doutorado. Dirigiu a revista de investigação, Éducation relative à l'environnement. Coordenou atividades de cooperação internacional, em particular o projeto “Ecodesenvolvimento comunitário e saúde ambiental na Bolívia” e o projeto EDAMAZ (Educação Ambiental na Amazônia), obtendo dois Prêmios de Excelência, um da Associação das Universidades e Colégios do Canadá e outro da Agência Canadense de Cooperação Internacional. Foi diretora e fundadora do Centre de recherche en éducation et formation relatives à l'environnement et à l'écocitoyennet na Université du Québec à Montréal. E-mail: sauve.lucie@uqam.ca

Hoje em dia, os problemas ambientais continuam, alguns se agravaram e outros estão tendo diferentes níveis de impacto, muitos deles em detrimento das condições de vida dos seres humanos e da própria natureza. Nesse sentido, o que nos tem faltado no campo da Educação Ambiental para oferecer maiores contribuições a essa problemática? O que também nos tem faltado para abordar de melhor maneira esse tipo de problemas e para oferecer diferentes resultados em relação a eles?

Nos últimos tempos estivemos aprendendo a fazer Educação Ambiental *fazendo-a, por meio das experiências que nos permitiram construir este campo*. Aprendemos a abrir diversas possibilidades filosóficas e pedagógicas para atender esta dimensão tão essencial da educação contemporânea. Mas que, no entanto, está tão pouco apoiada pelas estruturas formais das instituições. Infelizmente, o que mais aprendemos foi que não tivemos os êxitos que gostaríamos de ter tido.

Entre outros limites, em relação à rigidez da cultura e da “forma” escolar institucional, não entendemos suficientemente a educação como uma ação social e não aproveitamos bem o contexto socioecológico da própria vida para ancorar essa ação educativa; ou seja, ancorá-la nas realidades do contexto de proximidade ou em projetos concretos, nos quais a aprendizagem ganha mais significado e relevância.

Poderíamos identificar três etapas do processo de Educação Ambiental experiencial e reflexiva. A primeira etapa seria explorar o nosso entorno de vida, que nos convida a descobri-lo ou redescobrir, a observar e caracterizar este meio onde vivemos e do qual fazemos parte. Por meio de um itinerário ambiental, por exemplo, na escola, na cidade, no bairro, no contexto da vida cotidiana, podem-se formular diversas perguntas: de onde vem e para onde vai o rio? Por que esta cor da água? Que pássaros podem ser ouvidos? Por que esta empresa está aqui e o

que é produzido? Quem trabalha aqui? O que vendem nesta loja? De onde vêm os produtos, as roupas, por exemplo? De onde vem a comida do mercado? ... Esses tipos de perguntas podem nos levar a compreender nossa identidade como habitantes desse território compartilhado e nossa relação entre nós e com o conjunto dos seres vivos que enriquecem a biodiversidade do nosso ecossistema urbano, rural ou outro.

Uma segunda etapa pode ser na forma de *projetos de pesquisa* ou estudos de caso. A partir das *observações que surgem da exploração do ambiente, podem ser investigados diversos aspectos ou problemas (desde um ponto de vista histórico, geográfico, científico, cultural...)* para entender melhor a situação e *identificar possíveis vias de solução. Podem também ser avaliados projetos de ação social que já foram desenvolvidos ou que estão sendo desenvolvidos em relação a tais realidades (em nosso contexto ou em outros lugares), destacando o que foi realizado e aprendido através desses projetos, considerando seus desafios, seus sucessos e o que pode ser transferido para novos projetos. Em tais estudos de caso críticos, pode-se aprender, entre outras coisas, a buscar e analisar informações, a encontrar e entrevistar os atores, a identificar estratégias e processos de trabalho mais eficazes. Enfim esses relatos de experiência podem nos inspirar.*

E depois, a partir da exploração do meio ambiente e à luz das pesquisas e dos estudos de casos, vem a etapa de « *nosso* » projeto bem concreto para contribuir na resolução de um problema ou, em uma perspectiva proativa, para conceber e desenvolver uma iniciativa de *ecodesenvolvimento comunitário*. Por exemplo: *uma horta ou cozinha coletiva, um ateliê de recuperação e distribuição de roupas, um museu escolar de interpretação do bairro ou da cidade, a plantação de árvores, uma campanha ou marcha de denúncia da inação climática, a reivindicação de espaços verdes no bairro. Assim, ao longo do desenvolvendo de*

tais projetos, vividos coletivamente, adquire-se muito conhecimento, constroem-se competências, clarificam-se valores e experimenta-se a democracia.

Assim, essas três etapas encadeadas nos oferecem oportunidades para ancorar a aprendizagem na realidade. *Parece-me que esse tipo de pedagogia contextualizada, experiencial e crítica tem feito falta na construção do campo da Educação Ambiental.*

Outro problema que o campo da Educação Ambiental tem enfrentado é sua visão behaviorista, que a reduz à mudança de comportamentos individuais, *vistos como grãos de areia que se acumulam em uma duna para deter as ondas destrutivas, como também observa Edgar González Gaudiano, mas, sem levar em conta a necessidade de cimentar esses grãos com uma dimensão política. Claro, o comportamento pessoal é importante, no entanto, precisa ser coerente e constante, mas precisa ser questionado constantemente. É necessário problematizá-lo, considerá-lo como parte de uma dinâmica social; é preciso inscrever a conduta individual em um contexto de significação social e levá-la ao nível político. Aqui, político refere-se a uma ética da responsabilidade coletiva; refere-se fundamentalmente a cuidar juntos do que concerne a todos, democraticamente, com solidariedade. Mais além do ecocivismo que se manifesta por meio dos comportamentos, trata-se de desenvolver uma ecocidadania, formando cidadãos conscientes dos laços essenciais entre sociedade e natureza, informados sobre as realidades socioecológicas, críticos, competentes, criativos e comprometidos, capazes de participar nos debates públicos, na busca de soluções e na inovação ecossocial.*

Assim, do meu ponto de vista, esses são dois problemas importantes que limitam a Educação Ambiental: a falta de ancoragem da aprendizagem em nossos contextos de vida, nos quais podemos nos comprometer, e o enfoque behaviorista e individualista, sem acessar a dimensão política de nossa vida coletiva.

Tem-se falado até a exaustão que o campo da Educação Ambiental está em construção. O que significa essa construção? E, se estamos em construção, em que momento estamos? Ou, o que ainda nos falta construir?

Assim como a dimensão política é o cimento da ação individual e coletiva, a reflexividade é o cimento de nossas experiências pedagógicas. É necessário promover uma dinâmica de reflexão e discussão entre nós, professores, atores sociais do campo da Educação Ambiental e pesquisadores, porque a reflexividade crítica é algo muito exigente. Muitas vezes, por falta de condições institucionais facilitadoras, ficamos sozinhos diante de uma situação ou um desafio educativo, sem poder aproveitar a dinâmica que o trabalho coletivo traz, sem incentivo para compartilhar o que fazemos e colaborar.

No entanto, apesar das dificuldades, da falta de reconhecimento e apoio do contexto formal, continuamos construindo o campo da Educação Ambiental e desenvolve-se um pensamento ecopedagógico cada vez mais rico. Agora, por exemplo, graças às dinâmicas que favorecem a realização de encontros, colóquios, seminários, oficinas, publicação de revistas e outras publicações coletivas, parece-me que formamos cada vez mais uma família de pesquisadores e outros atores no campo da Educação Ambiental, enriquecendo o campo através de nossas diversas culturas e diferentes contextos e experiências de trabalho. Em particular, nos diversos âmbitos de ação educativa (formal e não formal), constrói-se uma visão mais rica da Educação Ambiental como responsabilidade social, como ato político. De fato, através dos espaços de intercâmbio que se abrem, formamos cada vez mais uma comunidade educativa. Isso não deve ser interpretado como uma redução a uma única visão compartilhada da Educação Ambiental, pois é uma forma de valorizar

a riqueza da diversidade dos fundamentos e das práticas através dos quais avançamos, crítica e construtivamente.

Por exemplo, embora a prescrição globalizante da educação para o desenvolvimento sustentável tenha nos mobilizado e continue a nos mobilizar para resistir ao projeto educativo mundial que tem por finalidade a continuidade do crescimento econômico (como está expresso na introdução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU), essa diversão neocolonialista do Ocidente do Norte tem contribuído para reforçar a necessidade de uma visão de uma Educação Ambiental integral.

Agora, no contexto dramático das mudanças climáticas e da perda de biodiversidade, diversos âmbitos de reflexão e ação (que já estiveram presentes no campo da Educação Ambiental) estão se tornando cada vez mais prioritárias. Em um nível fundamental, há o desafio da construção ou reconstrução de nossa identidade ecológica – a consciência ontológica de nossa pertença à teia da própria vida, a esta natureza que temos perturbado tanto; há também o reconhecimento da estreita inter-relação entre as realidades ecológicas e sociais e o desenvolvimento de uma cultura de cuidado, de ética e de ecojustiça; e finalmente, nesse sentido, deve-se promover a dimensão política da Educação Ambiental e formar uma ecocidadania – crítica, competente e comprometida.

Você tem uma longa trajetória no campo da Educação Ambiental, e isso tem sido marcado por sua participação em diversos espaços, sociais, políticos, institucionais e universitários. Por isso, eu te pergunto por que você permanece no campo da Educação ambiental?

Eu permaneci porque encontrei um sentido cada vez mais amplo para a ação educativa, e, com isso, agora não consigo separar a ação social da Educação Ambiental; *não consigo des-*

locar minha identidade ecocidadã de minha identidade profissional. Quando me envolvo em projetos de ação social, fora da universidade ou em suas margens, aproveito certamente o que aprendi no campo da Educação Ambiental para interagir com meus companheiros cidadãos; mas através da imersão social, aprendi muito sobre a própria Educação Ambiental (seus desafios, as possibilidades estratégicas, os modos de construção de conhecimento etc.). Não poderia abandonar essa postura de acompanhamento e imersão nas dinâmicas de aprendizado coletivo; não poderia me fechar na torre da academia para observar de longe e refletir teoricamente sobre a Educação Ambiental. Preciso vivê-la como um ator social e dentro da ação social.

Certamente, uma grande parte do meu trabalho universitário envolve formar educadores ambientais no contexto de programas acadêmicos. No entanto, um importante eixo transversal dessa formação é o acompanhamento de seus próprios projetos de intervenção/educação ecossocial em suas próprias realidades. Por meio desses projetos, a partir de uma postura coletiva de reflexão crítica, aprende-se cada vez mais sobre, por e para o ambiente, visando melhorar nossa relação com o mundo, assim como se aprende sobre, por e para a Educação Ambiental. Assim, continuo aprendendo por meio dos desafios e obstáculos apresentados nos projetos dos estudantes e de outros grupos que acompanho.

Que perguntas poderiam ser formuladas hoje ao campo da Educação Ambiental? Quais você acredita que sejam essas perguntas para este campo de conhecimento?

O movimento acadêmico e social da Educação Ambiental deve ganhar mais força, mais força coletiva. A tremenda ne-

cessidade de integrar a Educação Ambiental como dimensão essencial da educação escolar, de enriquecer a formação dos professores nesse sentido e de valorizar e apoiar as iniciativas de educação ecossocial por parte das diversas organizações não governamentais, que frequentemente trabalham sem recursos adequados.

Nesse sentido, como promover em nossos diversos contextos nacionais e institucionais a adoção de políticas públicas adequadas e estruturantes, favorecendo o engajamento dos diversos atores de nossa sociedade? Existem agora diversos exemplos inspiradores a esse respeito. Por exemplo, a República da Colômbia foi pioneira ao incluir na Constituição do país (1994) o direito de todos os cidadãos à Educação Ambiental. Foi desenvolvida uma Política Nacional de Educação Ambiental, associando os ministérios colombianos de educação e de meio ambiente para o desenvolvimento colaborativo da Educação Ambiental nos diversos âmbitos educativos e nas diversas regiões do país, criando pontes entre a educação escolar e a educação comunitária. Um dos princípios de trabalho é a co-formação dos atores em seus próprios contextos.

Também seria necessário celebrar e disseminar várias outras iniciativas nacionais no México, Brasil, Espanha, Argentina – com sua nova Lei de Educação Ambiental Integral... A análise das possibilidades e limitações, dos desafios associados à concepção, revisão e aplicação de políticas públicas em Educação Ambiental agora aparece como um campo de pesquisa muito importante. Um dos desafios dessas políticas é alcançar a colaboração dos diferentes setores de gestão pública no esforço global: certamente, os ministérios de educação e meio ambiente devem colaborar, mas também os ministérios responsáveis pela agricultura, saúde, “recursos naturais”, energia, cultura, orde-

namento territorial, urbanização, ... deveriam introduzir um eixo de Educação Ambiental em sua missão e suas estratégias, e convergir seus esforços para esse fim.

Como vislumbras o futuro do campo da Educação Ambiental? Em que direção estamos indo?

Vivemos em uma época muito perigosa, que traz muito medo e receio: catástrofes ambientais, escassez de água ou enchentes, aumento da fome, escassez de energias, zoonoses, epidemias... As próprias infraestruturas da vida estão colapsando, ao mesmo tempo, em que as tensões e rupturas sociais se exacerbam. Adaptar-se ao impossível ou migrar? Para onde? São os caminhos impostos a muitas populações, que não têm condições de escolha ou de decisão política. Claro, a Educação Ambiental deve enfrentar essa inquietação, acolher a ecoansiedade, abrir espaços para expressá-la, legitimá-la, reconhecendo que, se pode paralisar, também pode se transformar em uma alavanca para a ação.

Mais do que tudo, a Educação Ambiental deve responder ao clamor dos jovens que exigem o compromisso dos tomadores de decisão e que desejam participar na mobilização coletiva para evitar o pior, portanto, é preciso alimentar a coragem e a esperança, e reconstruir nossa relação com o mundo da vida. Os jovens não são “futuros cidadãos”, eles já são cidadãos do seu mundo.

Felizmente, há movimentos de denúncia e resistência para enfrentar os avanços desta economia predadora do bem comum, incluindo a saúde das populações. Tanto através das lutas para evitar a invasão de empresas contaminantes quanto nas

dinâmicas proativas dos projetos comunitários que inventam vias alternativas de viver juntos no território, os cidadãos mobilizados desenvolvem conhecimentos e competências. Além de seus logros concretos em nível social e ecológico (conquistas pontuais ou estruturais), os movimentos sociais são importantes caldeirões de aprendizado que contribuem para o desenvolvimento de uma cultura ambiental, de uma capacidade de agir, de uma ecocidadania. É importante conscientizar-se deste poder cidadão, ancorado na legitimidade de nossa resistência e na fertilidade de nossa criatividade coletiva.

Um objetivo importante da Educação Ambiental é evidenciar o papel essencial do compromisso cidadão na ação reflexiva, a nível individual, é claro, mas sobretudo a nível coletivo, pois favorece a convergência de conhecimentos, o debate crítico, o desenvolvimento de competência política e a construção da esperança. Nesse sentido, no contexto atual, que exige a mutação de nossas sociedades, a Educação Ambiental deveria convidar os jovens e outros grupos cidadãos a se comprometerem em projetos de ação que tenham significado para eles e acompanhá-los nesse caminho de aprendizado por meio da experiência reflexiva de contribuir para a transformação do mundo.

Não é uma estação a se chegar, mas o percurso que precisamos percorrer

Entrevista com Javier Benayas del Álamo

Javier Benayas del Álamo é doutor em Ecologia pela Faculdade de Ciências da Universidade Autônoma de Madri UAM (Espanha). É licenciado em Ciências Biológicas, com especialização em Biologia Ambiental. Professor Titular da Faculdade de Ciências da UAM. Atuou como Vice-Reitor de Campus e de Qualidade Ambiental da mesma universidade. Coordenou o Doutorado Inter-Universitário em Educação Ambiental com articulação de nove universidades espanholas. Possui diversos trabalhos publicados em relação às questões ambientais de modo geral e à Educação Ambiental em particular. Suas linhas de trabalho e pesquisa são: Avaliação de programas de Educação Ambiental; Gestão sustentável de Campus Universitários; Avaliação de impacto turístico e Gestão de visitantes em espaços naturais. E-mail: javier.benayas@uam.es

Hoje, os problemas ambientais continuam, eles continuam presentes, eles estão aqui. Tanto as leituras mais otimistas, quanto as mais pessimistas, atingem um ponto comum: os problemas ambientais continuam presentes e alguns deles até pioraram. Diante de tal panorama, o que nos faltou no campo da Educação Ambiental para oferecer contribuições com maiores possibilidades de transformação da realidade?

Fundamentalmente, considero que a educação era a arma que poderia nos fazer mudar o mundo, mas a educação, se não a unirmos com outras frentes, perde a possibilidade de transformação social. Se não conquistarmos para nossas causas as pessoas técnicas ou políticas responsáveis pela tomada de decisões na gestão de problemas ambientais ou territoriais, nossas ações são como a semente que não pode germinar e as mensagens permanecem totalmente vazias. A Educação Ambiental precisa de uma grande alteração em relação ao público-alvo. Convencer aqueles já convencidos de que o meio ambiente é importante é de pouca utilidade. O desafio é chegar aos não convencidos, aqueles setores sociais que são os principais responsáveis pelos problemas e, devido à ignorância, desinteresse ou motivação, não estão preocupados com as causas ambientais de seu comportamento ou decisões. Quanto maior for a capacidade de decisão do destinatário, maior será o sucesso de nossa intervenção.

Em vários fóruns, publicações, espaços de debate ou de intercâmbios com colegas no campo da Educação Ambiental, faz-se referência ao fato de que esse campo está em construção. Sendo assim, o que significa estar em construção? E se estivermos neste processo, em que fase desta construção estamos?

Tudo está em construção contínua, não entendo um campo que se propõe a atingir um objetivo e nada mais; percorrer uma estrada e parar no final, não. A vida, nosso mundo e nossa realidade são como um filme que está sempre em movimento, e a Educação Ambiental não é diferente, quanto mais nos aproximamos do fim dele, como a utopia, mais longe ele fica. En-

tretanto, pouco a pouco estamos percorrendo quilômetros. Eu não entendo a EA como uma estação a ser alcançada, pois para mim, se trata de uma viagem que fazemos em um trem vital, em que estamos passando por diversas estações.

Em cada etapa, em cada estação, há novos desafios a enfrentar, novas estratégias e novas soluções que devemos propor, portanto, a Educação Ambiental é mais um modo de vida, uma forma de enfrentar, profissional e dinamicamente, uma série de problemas futuros, onde devemos buscar e construir consenso para definir a melhor estratégia. Sou mais a favor da ação do que da conceptualização. A ação permite que se avance mesmo que haja erros em sua aplicação. A conceptualização muitas vezes leva a debates fechados que, como uma Torre de Babel, geram uma grande perda de tempo e impedem a ação até que se chegue a um consenso, o que às vezes é impossível.

Por exemplo, o debate entre a Educação Ambiental e a educação para o desenvolvimento sustentável, quanto tempo e energia foram desperdiçados neste confronto conceitual? Para mim, o importante não é a bandeira sob a qual lutamos, mas o fato de que podemos vencer batalhas diárias. Por esta razão, pessoalmente não estou preocupado de que a EA esteja em construção, porque é importante que ela esteja constantemente em construção. Diante de cada problema ou situação, são propostas estratégias diferentes, ao mesmo tempo, em que se atua, refletindo sobre os resultados obtidos, debatendo sobre alternativas e aprofundando contínua e dinamicamente a prática. Esta reflexão é o que nos permite reconceituar, aprender e avançar tanto pessoal quanto coletivamente. O caminho é feito caminhando e não argumentando sobre qual é a melhor direção a tomar em cada cruzamento sem optar por nenhum deles.

Você tem uma longa trajetória no campo da Educação Ambiental, pois foram anos de trabalho e muitas experiências que se refletiram em sua participação ativa no campo em geral e em sua universidade em particular, bem como no desenvolvimento de suas várias atividades acadêmicas e profissionais, tanto no contexto espanhol quanto no contexto latino-americano. A este respeito, pergunto por que você não deixou o campo da EA ou por que você permaneceu neste campo?

É uma excelente pergunta, que me fiz várias vezes. Quando terminei minha tese de doutorado acabei exausto e com pouca vontade de continuar trancado em um escritório trabalhando neste campo. Sou biólogo e gosto de estar em contato com a natureza, fazer trabalhos de campo, viajar. Naquela época, pensei seriamente em voltar a me concentrar na parte mais biológica de minha pesquisa, que nunca abandonei e que tenho mantido em paralelo.

Por que não sai do campo? Provavelmente porque havia uma demanda social e as pessoas me chamavam para me envolver em projetos práticos. As pessoas que me ouviam consideravam o que eu estava dizendo interessante e valioso, e isso reforçou meu envolvimento com a área. Fernando González Bernáldez, com quem iniciei meu trabalho na EA, deu uma contribuição muito significativa e inovadora a partir da ecologia para o campo da Educação Ambiental, priorizando a pesquisa sobre a avaliação dos resultados dos programas de EA que estavam sendo desenvolvidos. Isto significou, para mim, uma visão diferente, mas complementar, ao contexto mais pedagógico e didático centrado no desenho das intervenções. Com ele aprendi que a pesquisa nos permite analisar as práticas educativas e aprender coisas novas que nos permitem avançar; sem ela, na maioria dos casos permanecemos imóveis e presos às mesmas abordagens.

Influenciou também o fato de os meus pais serem professores de ensino básico e eu ter crescido desde cedo em um ambiente em que a educação era valorizada como forma de compromisso profissional para melhorar a sociedade. Há profissões que são escolhidas para ganhar dinheiro e outras para satisfazer preocupações pessoais que visam ajudar a humanidade a caminhar em direção a algo melhor. Meu envolvimento com a EA não seria compreendido sem esse componente de compromisso pessoal. Sem dúvida, estou muito satisfeito com o trabalho que tenho feito e acho que hoje em dia é bom diversificar as estratégias e não se trancar e se rotular, essa é a melhor maneira de continuar aprendendo e avançar neste campo.

O campo da Educação Ambiental apresenta vários sinais de desenvolvimento, de trabalho, de atividades e de atores, alguns mais otimistas e outros com grandes dúvidas. Nesse quadro, quais seriam as perguntas que poderíamos fazer ao campo da EA hoje?

Talvez fosse necessário nos perguntar por que nossas ações não têm sido eficazes. O que devemos fazer para ter mais eficácia em nossas iniciativas? Somos muitos, mas produzimos poucas mudanças, então quais deveriam ser os caminhos para podermos avançar mais rápido? Talvez esse seja um dos aspectos mais importantes a serem analisados. Pode-se afirmar como metáfora que a EA é uma das medicinas sociais aplicadas para parar esta doença generalizada que é a deterioração ambiental. Mas, apesar de continuarmos aplicando o remédio a doença está progredindo cada vez mais rápido. Nosso remédio é insuficiente para parar o problema. Devemos considerar uma mudança profunda.

Essa mudança deve se basear em unir as forças que temos, compartilhar mais, buscar pontos de concordância e apoio com o próximo. É preciso parar de olhar para o nosso umbigo e compartilhar mais nossas visões e ações. As guerras individuais não vão a lugar nenhum, só são eficazes se as planejarmos estrategicamente em conjunto.

Outro aspecto importante ligado à questão que você levanta é o relativo aos diferentes níveis de atuação. O homem não vive só de teorias. As mudanças são produzidas por atos e ações e, por isso, adoro ser uma pessoa de ação. Frequentemente em minhas palestras costumo dizer que os estudantes universitários são impactados pelo compromisso e funcionamento diário da universidade com a sustentabilidade, com aquilo que se lhes explica em sala de aula. Como professores podemos sugerir aos nossos alunos que o transporte em carro é o sistema mais poluente que existe, mas a única forma que temos para eles mudarem os seus hábitos e não virem para a universidade de carro é a universidade ter uma política pública de promoção do transporte ou da bicicleta.

Os fatos produzem mudanças, pois sem ações não há mudanças possíveis. Precisamos estimular as pessoas a adotar novos comportamentos, mas devemos acompanhar nossas palavras e ideias com ações concretas que coloquem nossas palavras em prática. Como disse Gandhi, temos que ser a mudança que queremos ver no mundo. Com base na educação, as pessoas criam muitas ideias novas que podem se transformar em ações que, a curto ou médio prazo, podem ter resultados concretos em diferentes campos de atuação.

O contexto histórico atual revela à humanidade uma diversidade de desafios, problemas e exigências, que devem ser analisados, compreendidos e orientados para a construção de um futuro mais promissor para os seres humanos como um todo e para a diversidade de seres com os quais compartilhamos este planeta. Neste cenário, como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Sou um futurólogo muito ruim, por isso, é difícil para mim imaginar. Estamos em um momento de mudança. Todas as civilizações tiveram seu momento de crise e declínio, mas uma nova civilização sempre emergiu a partir das crises. Estou convencido de que estamos neste momento de inflexão e reflexão. O sistema social em que vivemos vai explodir e algo totalmente novo e diferente vai surgir. Não sei se esta mudança será vivida por nós ou por nossos filhos, mas não creio que chegue a nossos netos. Creio que devemos nos preparar para este período de transição para a mudança e para isso devemos coordenar ações e posições com todos os coletivos que buscam um novo cenário e se movem nestas áreas, a fim de construir uma nova sociedade, um novo mundo.

Sem dúvida, um primeiro passo é unir forças entre todos os educadores ambientais e outras organizações não governamentais, coletivos ou indivíduos conscientes de que é necessário trabalhar para uma mudança. Embora não seja fácil, estou seguro de que em algum momento sentiremos a confluência de todas essas pessoas com visões ou posicionamentos muito diferentes, trabalhando na mesma direção.

Por outro lado, percebo que a partir do mundo da Educação Ambiental, estamos proporcionando uma abordagem parcial da realidade, mas não podemos perder de vista o fato de que a solução deve ser global. A unidade faz a força e a solução dos problemas e desafios ambientais exige uma profunda

transformação da sociedade, e só conseguiremos uma mudança importante quando unirmos forças com outros setores e grupos que tenham outras abordagens. A crise deu seu primeiro aviso, mas não seria surpreendente se daqui a um ano, cinco ou dez anos, desse um aviso mais contundente ou definitivo. Nesta situação, a EA, os trabalhadores ambientais, aqueles de nós que trabalham neste movimento, devemos estar bem-posicionados para que, quando este momento chegar, possamos dar respostas mais claras e mais satisfatórias. Este é nosso grande desafio e, neste contexto, sinto que o futuro da Educação Ambiental está nos passos que precisam ser dados em conjunto.

Em 2023, a partir da forma como percebe o campo da Educação Ambiental hoje, o que você acrescentaria ou retiraria dessa entrevista? Neste momento histórico, quais seriam as suas perspectivas para o futuro do campo da Educação Ambiental?

Compartilho e mantenho todas as reflexões da entrevista realizada há 10 anos. Creio que os comentários não perderam a sua relevância e são plenamente válidos para o momento atual. Nos últimos parágrafos da entrevista comentei que a crise econômica havia dado um primeiro sinal, mas alertei que nos próximos anos os problemas poderiam aumentar. Essas previsões foram mais do que cumpridas. A pandemia desencadeada pela COVID-19 gerou uma crise global impensável há 10 anos, que além de causar milhões de mortes levou todos os governos a adotarem medidas de confinamento e controle que nunca haviam sido aplicadas e eram difíceis de imaginar. Por outro lado, os efeitos das mudanças climáticas deixam cada vez mais vestígios na produção de fenômenos extremos, como as tempestades com chuvas torrenciais, enquanto o aumento da seca em outras

áreas do planeta ou as ondas de grandes incêndios devastam os ecossistemas de muitos países. Esse cenário de catástrofes foi agravado pela invasão da Ucrânia pela Rússia ou pelas recentes tensões entre China e Taiwan, com os Estados Unidos na retaguarda de ambos os conflitos.

Estamos vivendo em uma “casa comum” que cada vez mais mostra suas ruínas. Depois dos vazamentos iniciais, apareceram baratas na forma de um vírus que atormentou a todos e desajustou o sistema socioeconômico global. Somos constantemente alertados de que esta “casa comum” que é o nosso planeta está cada vez mais afligida com novos desafios e problemas. Assim, o câncer que assola o nosso planeta está a adquirir dimensões que já estão a metastatizar e talvez sejam irreversíveis. Nesse cenário, o papel dos educadores ambientais se tornou mais importante do que nunca, pois somos responsáveis por ajudar a liderar o caminho na aplicação de medicamentos que facilitem o enfrentamento desses problemas prementes e cada vez mais graves.

Para que a Educação Ambiental seja mais efetiva nesse cenário de extrema gravidade, certamente precisará mudar suas abordagens e suas estratégias. Em relação a essas mudanças, gostaria de voltar ao que fiz referência na entrevista anterior sobre como a Educação Ambiental pode ajudar a “curar essas enfermidades”. Quando um medicamento é aplicado, ele pode ser usado no formato de uma pílula, que deve ser utilizada conforme a prescrição. Se a pílula for usada sem que se sigam as recomendações necessárias, é muito provável que não funcione ou até possa causar danos à pessoa que a toma.

Por outro lado, se o paciente recebe a bula em que damos muitos detalhes de como usar o medicamento, mas não fornecemos o medicamento em si, não adianta estar muito bem-informado. Talvez a Educação Ambiental que temos aplicado

seja muito semelhante a este processo em que tentamos chegar às pessoas dando perspectivas com informação, mais ou menos elaborada e divertida, mas não investimos tempo e esforço em fornecer o remédio ou tratamento concreto de que necessitam para lidar com o problema.

A educação por si só, não será capaz de transformar o mundo em que vivemos, pois também é preciso efetivar ações e propostas concretas que ajudem a mudar hábitos para resolver problemas específicos. Tais propostas que devem ser baseadas em um modo de vida mais sustentável, ou seja, que sejamos capazes de viver sem consumir mais recursos do que o planeta é capaz de gerar a cada ano, a fim de deixar aos nossos filhos um mundo igual ou melhor do que nossos pais e avós nos deixaram.

Ou seja, a Educação Ambiental deve se concentrar em propor soluções para problemas específicos e abandonar sua abordagem mais ampla e generalista. Nesse sentido, vale ressaltar que a Agenda 2030 e as 17 metas de sustentabilidade definidas em 2015 pelas Nações Unidas mudaram os campos em que devemos atuar. Essa agenda aponta os 17 principais problemas que o planeta enfrenta e sobre quais todos os governos, entidades sociais, empresas e cidadãos devem se concentrar para fazer com que nosso planeta melhore social e ambientalmente.

Sem dúvida, há críticas importantes a essa agenda. Por um lado, faltam alguns objetivos considerados importantes, e por outro, não são ressaltados conceitos fundamentais, tal como o conceito de decrescimento. Mas, como um todo, é uma ferramenta que representa um avanço conceitual. O próprio conceito de Educação Ambiental já é um conceito insuficiente, pois agora é necessário especificá-lo muito mais. É preciso fazer referência aos educadores que trabalham na educação para as mudanças climáticas, educação para igualdade de gênero ou

econômica, educação para que mais energias renováveis sejam implementadas, educação para a conservação da biodiversidade terrestre ou marinha, educação para reduzir a pobreza ou a fome etc., ou seja, foram identificadas 17 enfermidades nas quais a Educação Ambiental poderia responder com mensagens fortes e eficazes, mas sobretudo com ações de transformação e mudança. Neste sentido, os educadores ambientais deixariam de ser apenas os mensageiros para se tornarem construtores de novas realidades, de novas propostas, de novas alternativas e modos de vida em 17 áreas muito específicas. Assim, considero que a Educação Ambiental somente será efetiva se estiver acompanhada por mensagens e propostas de mudança que a população possa aplicar imediatamente. A mudança ainda é possível, mas temos cada vez menos tempo para reagir.

Mudança de perspectiva sobre o mundo e suas múltiplas realidades

Entrevista com José Antonio Caride Gómez

José Antonio Caride Gómez é Doutor em Filosofia e Ciências da Educação (Pedagogia). Professor do Departamento de Teoria da Educação, História da Educação e Pedagogia Social. Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Educação - Campus Vida. Universidade de Santiago de Compostela. Coordenador-Diretor do Grupo de Investigação SEPA-interea. Presidente da Sociedade Ibero-americana de Pedagogia Social (SIPS). Suas linhas de trabalho e pesquisa são: Pedagogia Social e Educação Social; Educação Ambiental e Desenvolvimento Humano; Políticas Culturais e Administrações Públicas; Tempos educativos e sociais; Educação e Desenvolvimento Comunitário. E-mail: joseantonio.caride@usc.es. Grupo de pesquisa: <http://www.usc.es/sepa>.

Neste momento percebemos que os problemas ambientais continuam e que alguns deles se agravaram. Portanto, pergunto o que faltou ao campo da Educação Ambiental para contribuir na abordagem deste tipo de problema com maiores possibilidades de transformação e esperança?

Concordo plenamente com o diagnóstico inicial, pois os problemas não só persistem, mas, *pelo contrário, tudo indica que eles estão crescendo* e se diversificando, tanto em suas dimensões

ecológicas quanto em seus impactos sociais, nos quais afetam a humanidade. *Deterioram a vida e ampliam nossa vulnerabilidade, sujeitando-nos a tensões, riscos, adversidades que nunca ameaçaram nossa sobrevivência e a do Planeta como o que tem ocorrido nas últimas décadas. A pandemia de Covid-19 é um exemplo, entre muitos outros, das suas circunstâncias e das múltiplas crises que temos de enfrentar na nossa evolução e na sobrevivência dos ecossistemas, tanto a nível local como global.*

As tensões entre as condições de riqueza e pobreza, que evidenciam as desigualdades existentes no mundo, continuam a ter seu principal apoio nos atuais modelos de desenvolvimento econômico, *principalmente de corte neocapitalista e neoliberal*, tornando muito difícil para milhões de pessoas terem uma relação que seja, digamos, simplesmente acolhedora ou amigável nas realidades ambientais em que vivem. *E, por extensão, a vida em toda a sua diversidade.*

A Educação Ambiental, muitas vezes e com certa ingenuidade, caiu nas armadilhas perversas dos mercados e de seus negócios insaciáveis, instigados pelo poder e pelos poderosos. Com exceções, não conseguimos alcançar o nível de (auto)exigência que nos obrigou a estar à altura das alternativas traçadas, a responder com inteligência criativa, cívica, pedagógica, social, ambiental e política aos desafios de um mundo que mudou para sempre, aprofundando as desigualdades sociais injustas e injustificadas, que não só persistem, mas que também, insistem em violar os direitos humanos e ecológicos.

O que nos faltou na Educação Ambiental para enfrentar esta situação?

Sem dúvida, e embora sempre tenhamos assumido a necessidade de proporcionar à Educação Ambiental um conhecimen-

to suficiente das circunstâncias ambientais *de maneira crítica, perto ou longe, nas salas de aula e na vida cotidiana*, tudo indica que não avançamos tanto quanto gostaríamos. O conhecimento continua sendo parcial, fragmentado, sem uma visão holística e globalizada dos problemas ambientais, considerando a complexidade de suas causas e consequências. Se o conhecimento, em termos de “*diagnóstico*” da realidade for parcial, há o risco de que as soluções também sejam parciais. Esta pode ter sido uma de nossas principais deficiências ou limitações, de natureza “teórica”, mas com importantes repercussões práticas. *Isso acontece com as mudanças climáticas, perda de biodiversidade, dinâmicas migratórias, crescimento populacional etc. Sem dúvida, são exemplos de deficiências ou limitações de natureza “teórica”, ética, científica, metodológica... com importantes consequências práticas.*

Não se pode ignorar que a Educação Ambiental tem exigido, desde suas origens, uma mudança de perspectiva perante o mundo e suas realidades, congruente com uma visão holística da crise ambiental e das alternativas que devem ser adotadas nas diferentes áreas de confluência entre a educação e o meio ambiente, entre *a humanidade e a vida*. Exige um olhar a partir da complexidade, integral e integradora das diversas perspectivas socioambientais que definem as relações pessoa-sociedade-ambiente, para compreender a realidade não apenas com uma vontade adaptativa, mas também com uma vontade transformadora. *Ou, se prefere, uma mudança nos estilos de vida, uma mudança radical, pelo menos nas sociedades que identificamos como mais “avançadas”, “desenvolvidas” e ricas.*

De qualquer forma, esta nova realidade exige uma mudança que não pode ignorar nem mesmo as necessidades que emergem de uma educação que deve ser repensada em tudo o que se

relaciona a promoção de novas formas de nos educarmos e educar a sociedade, seja nos sistemas educacionais (da Educação Infantil ao Ensino Superior, passando pela Educação de Jovens e Adultos etc.) ou nas comunidades. É preciso considerar os avanços e transformações digitais e do conhecimento científico, mas também a abertura para novas formas de aprendizagem ao longo da vida com critérios de equidade e inclusão social, enfocando a dimensão ética e não apenas científica ao trabalho educativo, para buscar outras formas de nos relacionar e conviver.

É diante de desafios desconhecidos, emergentes, mas também urgentes que a Educação Ambiental se coloca. Esses desafios não estavam nas suas origens, não só nos debates, mas também na realidade e nas prioridades. Daí a necessidade de uma mudança não somente de alcance conceitual, mas também nos discursos e nos fundamentos, nas propostas e nas respostas adotadas, nas estratégias e nas confluências com outras formações alternativas, em que se nomeiam a paz, a interculturalidade, a equidade, os direitos humanos e ecológicos, a cidadania etc. Ou mesmo, o que passamos a chamar de “sustentabilidade”, se houver uma oportunidade mínima de construir um futuro melhor para o planeta e para a humanidade. Assim, é preciso que a Educação Ambiental não se limite a iniciativas nas escolas, nos debates curriculares, nas discussões acadêmicas ou institucionais, pois é preciso realizar uma verdadeira educação comunitária e social.

É comum dizer que o campo da Educação Ambiental está em construção, mas o que significa estar em construção? E, se o campo está em construção, em que ponto estamos?

Há décadas temos afirmado, e muitas vezes, enfatizado a necessidade de proporcionar à Educação Ambiental as melho-

res oportunidades para concretizar suas propostas no cotidiano das pessoas, em cada comunidade e em nível planetário. Em grande medida, é um indicador de nossa insatisfação, pois estamos entre a educação que temos e a que precisamos, queremos e/ou reivindicamos. Por um lado, a EA não é capaz de explicar a crise ambiental em todas as suas circunstâncias. Por outro, há uma ânsia por dotar a EA de uma identidade que lhe permita ser reconhecida e ampliada em suas formas de responder aos problemas socioambientais, contextualizando suas contribuições em diferentes geografias, mas, muito especialmente, procurando torná-la coerente com os princípios, objetivos, valores e metodologias que motivaram seu nascimento em meados dos anos sessenta do século passado. Desse modo, a EA teria que ser muito mais do que uma educação ecológica, uma didática do meio ambiente, ou uma formação científica sobre questões-problemas que afetam a biodiversidade ou os ecossistemas “naturais”.

Insistir em considerar a Educação Ambiental como um campo em construção, significa, em grande medida, que ela seja considerada como um processo e não como um resultado, como uma prática que não pode ser colocada à margem dos discursos teóricos, dos saberes emergentes, da complexidade de acomodar-se criticamente às realidades (escola, comunidade etc.) ou mídias sociais nas quais se inscreve.

Nesta perspectiva, se poderia dizer que a EA é uma educação que, como tantas outras de âmbito teórico e pragmático (teorias e práticas), nos coloca continuamente diante da oportunidade de repensá-la em relação ao que, ao como, ao pôr ou ao para quê de suas propostas. É desejável que assim seja, pois de alguma forma expressa uma certa insatisfação com o que dizemos e fazemos no campo da Educação Ambiental. Não se ignora, nem se deve ignorar, que mesmo a forma como é nomeada

está em contínuo questionamento, por mais que se derivem algumas verdades incômodas sobre as percepções e representações educativo-ambientais que vêm surgindo nas últimas décadas.

Possivelmente, quando falamos de Educação Ambiental como um campo em construção, o que se pretende apontar é a existência de um processo que é constantemente submetido a revisão de seus princípios, objetivos, metodologias, conceitos e práticas. Ou seja, repensar continuamente o porquê e para quê de suas propostas em termos educacionais e ambientais. Acho que isso não é ruim, pois de alguma forma expressa uma certa insatisfação com o que dizemos e fazemos em nome da Educação Ambiental.

Felizmente, como acontece com muitas outras práticas sociais, a Educação Ambiental não tem um único modelo de referência, ao qual ela pode se acomodar, *ou em que situar suas abordagens epistemológicas, pedagógicas, ambientais, metodológicas, éticas, políticas etc. Exige inevitavelmente diálogos plurais, respeitosos, cooperativos, críticos, pois almeja ser uma educação que não só propõe mudanças na educação e na sociedade, mas também em relação a si mesma para construir seus significados.* Para que a EA seja inovadora e congruente com as mudanças que ocorrem no ambiente social é necessário haver uma abertura permanente às realidades do entorno, às necessidades emergentes da sociedade e às mudanças envolvidas no atendimento delas.

Se a construção de que se fala se identifica com processos dessa natureza, a Educação Ambiental não está apenas sendo coerente com a construção permanente das realidades sociais, mas também consigo mesma, como uma prática educativa alternativa que busca ampliar suas conquistas, sendo mais e melhor. Em suma, tornar os discursos que a sustentam mais condizentes com as práticas “*alternativas*” que se realizam, quantitativa e

qualitativamente, com o propósito —sempre inacabado— de ser uma educação de qualidade, gerando ensino e aprendizagem significativos para os fins a que se propõe.

Por outro lado, não seria justo referir-se a esse processo de construção como uma forma de negar as contribuições que a Educação Ambiental tem oferecido há décadas para a renovação educacional e para o enfrentamento de crises ambientais. Se essa é a leitura, acho que é uma avaliação injusta da história e das inestimáveis contribuições que a Educação Ambiental trouxe a formação de *peças e sociedades, criando alternativas aos modos de produzir e consumir, ou criando oportunidades para repensar os modelos de desenvolvimento.*

Ainda temos que refletir sobre a relação entre a Educação Ambiental e o conceito de “desenvolvimento sustentável” ou, ainda, com a “cultura da sustentabilidade”. Nos cenários do que é chamado de “educação para o desenvolvimento sustentável”, existem pressões, tensões e muitas resistências. Algumas análises, apesar de reconhecerem sua importância nas políticas públicas, ou na iniciativa cidadã (movimentos de renovação pedagógica, ambientalistas, ecologistas etc.), apontam para o fato de haver uma grande desconexão entre política e prática, entre o que se pretende e os resultados alcançados. São análises muitas vezes injustas e injustificadas, sem evidências empíricas que as sustentem, mais ideológicas do que pedagógicas, institucionais do que cívicas.

O que te seduz no campo da Educação Ambiental? Por que você decidiu permanecer nele?

Cheguei à Educação Ambiental quase por acaso, *embora eu não costume dar muito crédito ao acaso quando se trata de explicar maneiras particulares de ser e estar no mundo.* O nos-

so “eu”, como diria Ortega y Gasset, está inevitavelmente ligado às circunstâncias que nos cercam, nas quais vamos nos construindo sociobiograficamente. Tive a sorte de lecionar no ano letivo de 1979-80, na Universidade de Santiago de Compostela, onde acabava de ingressar como professor auxiliar, com uma disciplina chamada *Educação Institucional e Ambiental*, em que o ambiental se referia à família, os meios de comunicação social, se referia ao rural e ao urbano. Com esta experiência, tive a oportunidade de acessar uma publicação que a UNESCO acabava de editar sob o título de “Tendências Atuais em Educação Ambiental”. Esta leitura me permitiu situar-me, com outros trabalhos que começavam a destacar as preocupações da educação com o meio ambiente, no contexto dos problemas ecológicos, em uma nova perspectiva sobre como poderia ou deveria ser abordado o ambiente nos discursos e nas práticas pedagógicas.

A partir dali, me aproximei desta perspectiva, fazendo da Educação Ambiental uma parte de meus itinerários acadêmicos, de ensino e de pesquisa na docência universitária. A Universidade de Santiago de Compostela sempre esteve na vanguarda das universidades espanholas, europeias e latino-americanas em relação a este tema, desenvolvendo linhas de pesquisa, cursos de graduação e de doutorado, por exemplo. Destas iniciativas participaram muitos professores e pesquisadores de renome mundial na EA, como Pablo Meira, que, além de ter sido meu aluno na Licenciatura em Pedagogia, também foi meu orientando no doutorado, embora com outro tema.

Com essas experiências, desenvolvi uma sensibilidade especial a certos “ambientes”, especialmente ao meio rural e seus processos de desenvolvimento. Essa sensibilidade contribuiu para o meu compromisso com o campo da EA e me aproximou da Pedagogia Social. Foi também o momento oportuno para

dar continuidade a um projeto de formação, no qual os professores e os pesquisadores que compartilhavam a preocupação de renovar a educação, de maneira teórica ou prática, nas universidades e em outros contextos educacionais, podiam ampliar sua missão de educar para além das escolas, das salas de aula, do currículo e do ensino e da aprendizagem disciplinar.

A Educação Ambiental, juntamente com a Pedagogia Social, abriu a possibilidade de participar de projetos coletivos, de ativar novas experiências e de incentivar processos de inovação educacional muito valiosos. Por exemplo, naquele momento, foi criada uma oficina interdisciplinar sobre Educação Ambiental no Instituto de Ciências da Educação da Universidade de Santiago de Compostela; realizada uma colaboração para redigir o texto da Estratégia Galega de Educação Ambiental; foram promovidos e organizados vários congressos internacionais. Também se participou do Programa Interuniversitário de Doutorado em Educação Ambiental, com *a coparticipação* de professores e pesquisadores de diferentes países (especialmente na América Latina). Houve várias publicações em livros e revistas, o que aumentou nosso (meu) compromisso com a Educação Ambiental, que considero como uma comunidade de aprendizagem inclusiva, à qual me juntei há mais de trinta anos, e em que promovemos e cuidamos, dando-nos muitas razões para estar e permanecer nela. Assim, ao longo de quase 40 anos de existência, fomos articulando e consolidando uma comunidade de aprendizagem inclusiva, em momentos de reflexão e de ação, de práticas de pesquisa e de ensino, de formação e de profissionalização.

Ainda, valeria citar o trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa em “*Pedagogia Social e Educação Ambiental*” (SE-PA-interea), do qual sou coordenador e pesquisador principal. Este é um claro exemplo das motivações geradas a partir de

minhas experiências no campo da Educação Ambiental. Este grupo tem tratado de compreender *alternativas para criar “outras educações” e dar continuidade ao alcance de seus objetivos e realizações. Destaco dentre os resultados que o grupo teve na última década, a criação da rede de pesquisa RESCLIMA, liderada pelo Dr. Meira, e o projeto CLIMÁNTICA, liderado pelo Professor Francisco Sóñora, com uma projeção internacional muito louvável (Europa, África, América Latina).*

Quais são as perguntas que podemos fazer no campo da Educação Ambiental hoje?

Algumas das questões que, pelo menos inicialmente, devemos continuar fazendo sobre a Educação Ambiental, tomam como referência seus traços identitários, que começa pelo discurso que se faz antes e agora (*educação, meio ambiente, desenvolvimento, sustentabilidade...*), e se prolongam nos significados que lhes são atribuídos. A Educação Ambiental ou o que se identifica como Educação para o Desenvolvimento Sustentável, ainda precisa esclarecer o significado e o alcance de suas propostas, em termos de conceitos, princípios, objetivos, estratégias etc.

Em todo o caso, aludo a uma tarefa que não pode ser resolvida satisfatoriamente à margem das propostas feitas por outras educações (para a paz, cidadania, consumo responsável, interculturalidade, igualdade de gênero, direitos humanos, inclusão social etc.) com a participação ativa de agentes do sistema educativo, nas comunidades locais, nas zonas rurais e urbanas, com toda a diversidade que os caracteriza, nos movimentos cívicos e a nível planetário. É necessário perguntar sobre o papel que a

cidadania local-global deve ter na construção de uma Educação Ambiental entendida como uma prática cotidiana que é, por si só, educadora.

Essa tarefa, que segundo alguns autores costuma ser associada à ecocidadania ou à pedagogia da terra, está relacionada aos fundamentos educativo-ambientais, tais como as metodologias, a avaliação, o papel dos educadores e dos educandos, a natureza política da Educação Ambiental e de qualquer educação etc. Estes aspectos sempre levantarão questões que transitarão entre as verdades incômodas (a mudança climática é uma delas) e o desconforto das verdades que envolvem pobreza e exclusão social, opressão, desigualdades ou injustiças, tanto em nível individual quanto coletivamente. Neste contexto, estão em jogo as respostas dadas pela Educação Ambiental, pela educação e por todas as educações, por sua credibilidade e até mesmo, por sua razão de ser.

Além de questionar a Educação Ambiental sobre si mesma, as questões devem ser orientadas para esclarecer o papel que ela deve desempenhar na *sensibilização e na formação (a literacia ou a informação não serão suficientes)* ambiental dos cidadãos, em diferentes níveis, da ética à política, como um processo que deve contribuir significativamente para modificar nossa visão do mundo e promover as transformações necessárias para torná-lo mais justo e equitativo, *economicamente viável*, socialmente responsável e ecologicamente sustentável.

A relação entre o global e o local, os velhos e novos problemas que a humanidade deve enfrentar (*mudanças climáticas, superpopulação, fome e pobreza etc.*) geram questões para as quais a Educação Ambiental deve continuar buscando as melhores respostas, mesmo que muitas delas exijam um esforço de compreensão sobre aspectos relacionados com a política, a economia ou a tecnologia.

Além disso, com certeza haverá perguntas que, contextualmente (nas comunidades indígenas, nas grandes cidades, *em periferias marginalizadas*, em situações de crise financeira, no cenário das políticas educativas e ambientais etc.), sempre poderão ser feitas à Educação Ambiental, por qualquer *pessoa ou grupo social*, interrogando-a sobre suas possibilidades e limites para dar respostas às incertezas que desafiam o mundo que habitamos, *especialmente dos impactos, medos e adversidades que foram revelados com a pandemia de Covid-19*.

Como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

A Educação Ambiental não pode evitar que o seu futuro esteja associado a muitas incertezas, com toda a complexidade que as caracterizam *em um mundo fora de controle, desequilibrado, líquido e em risco permanente de um colapso*. Assim, não é fácil antecipar quais poderão ser os seus desenvolvimentos, por mais que queiramos que ela nos dê as respostas necessárias às repetidas crises que atravessamos *ecológica e socialmente*. Tanto para dizer que será uma educação apesar de... ao tempo que se constrói como uma educação para... a favor de... uma sociedade que pode ser mais e melhor em um planeta habitável, *respeitoso com os ecossistemas que sustentam a vida, com capacidade de conciliar a sua diversidade com a reivindicação das identidades que neles estão*. *Dadas estas circunstâncias, uma globalização econômica, tecnológica, cultural etc. hegemônica e homogeneizante, não será fácil*. Em todo o caso, pode e deve ter um futuro viável. Penso que a Educação Ambiental é uma educação de passados e futuros, reconhecíveis e realizáveis, ainda que para isso seja preciso insistir na reivindicação dos seus sinais de iden-

tidade, no enorme potencial que se gerou em torno das suas abordagens, com a participação de numerosos grupos de educadores, de grupos e movimentos ecologistas, de associações e organizações cívicas, de universidades etc. Por isso acredito que o seu futuro, embora incerto e *condicionado por circunstâncias de natureza e alcance muito diferentes, dependendo das cartografias sociais, políticas ou geopolíticas – particularmente as desenhadas na América Latina – faz sentido.*

Para o conseguir, como já referi, cabe-nos assumir um papel ativo e crítico, cívico e profissional, local e global ao mesmo tempo, no presente e com uma visão de futuro, cotidiano e extraordinário, intelectual, emocional e convivialmente, com conhecimentos e sabores múltiplos. Também democrática e pedagogicamente, tendo consciência de que grande parte do futuro temos construído os que hoje somos parte do seu passado e presente ao viajar pelo conhecimento, pela reflexão, pela ação e pela vida. Situando-nos nesse presente-futuro, com uma visão crítica, mas também esperançosa, o professor Meira e eu publicamos recentemente (2020), em “Pedagogia Social. Revista Interuniversitária”, um artigo em que confrontamos a Educação Ambiental com seus próprios “limites” e com os de um planeta ferido pela emergência climática, aumentando o sofrimento humano e os riscos globais que ameaçam uma civilização em colapso.

Nessa conjuntura, nos perguntamos o quanto a Educação Ambiental é necessária, desejável e possível, tendo consciência de que nada – nem biológica, nem socialmente – nos protege contra essa “barbárie”; É claro que, embora pareçam estar tentando, as declarações internacionais e as intenções por trás dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 2030 não o estão fazendo e não cumprirão suas promessas, nem os

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio com o horizonte definido para 2015.

Sem cair, como dissemos, na inquietação, reivindicamos – penso que devemos fazê-lo com cada vez mais ênfase – o caráter político, pedagógico e social da Educação Ambiental como oportunidade – não restam muitas – para uma globalização alternativa (“*outro mundo é possível*”) que cuide da vida e cuide de nós como humanidade. Afinal, como diz Marina Garcés em seu magnífico livro “Escola de Aprendizes” (2020), educar é acolher a existência, elaborar a consciência e disputar futuros, substrato da convivência, oficina onde se testam possíveis modos de vida. Ou, se quisermos dizer de outra forma, usando as mesmas palavras: as possibilidades da vida. Nem mais, nem menos.

A Educação Ambiental não pode ser feita no laboratório da individualidade

Entrevista com José Gutiérrez Pérez

*José Gutiérrez Pérez é Doutor em Pedagogia. Professor titular do Departamento de Métodos de Pesquisa e Diagnóstico em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade de Granada, Espanha. Especializado nos âmbitos da Educação Ambiental e a Avaliação da Qualidade Universitária, atualmente desempenha o cargo de Diretor do Secretariado de Avaliação da Qualidade Docente dentro do Vice-reitorado de Planejamento, Qualidade e Avaliação Docente. Membro honorário da Academia Nacional de Educação Ambiental (México). Seus livros mais recentes: *La investigación en educación ambiental en España*; *Learning in Sustainable Environments: The Greening of Higher Education*. Artículos recientes: “Aseguramiento de la calidad ambiental en instituciones de educación superior”; “Uncertainty at the Beginning of the Decade of Education for Sustainable Development”. E-mail: jguri@ugr.es*

Hoje, os problemas ambientais continuam, continuam presentes, estão aqui. Tanto as leituras dos mais otimistas, como dos mais pessimistas, chegam a um ponto em comum: a problemática ambiental persiste, e inclusive, alguns dos problemas se agudizaram. Perante este panorama, o que precisamos

produzir no campo da Educação Ambiental para enfrentar o problema atual com maiores probabilidades de transformação e esperança?

Somos um campo disciplinar extraordinariamente jovem, a quem se exigiu mais do que a conta em comparação com outros domínios. Tendo em conta que os problemas ambientais não são causados pela Educação Ambiental e a sua ação é muito limitada no espaço e no tempo, e que os seus principais destinatários foram os setores da sociedade civil, podemos afirmar que o campo, apesar das suas múltiplas limitações e obstáculos, produziu frutos importantes, e que não seria justo avaliá-lo em função da sua capacidade para resolver os problemas ambientais. Grande parte dos problemas ambientais exige maior regulamentação, desenvolvimentos mais aprofundados em matéria penal e soluções tecnológicas fora do alcance da EA. Em todo o caso, faltou-nos modernizar mais rapidamente, articular estruturas de formação estáveis em todos os níveis dos sistemas educativos, dirigidas a todos os setores e dotadas de profissionais qualificados para o trabalho rigoroso em matéria de sensibilização, informação crítica e capacitação para a ação em cada setor concreto. A EA tem se preocupado em articular e fundamentar os seus discursos, desviando grande parte dos recursos e energias para temas pouco práticos. Por vezes perdemos o sentido do porquê e envolvemo-nos em discussões bizantinas absolutamente estéreis, que não deram frutos ao fim do tempo. Outro defeito importante tem sido o de não desenvolver um tipo de investigação mais contínua no tempo e assentada sobre linhas de trabalho estáveis que provoquem um incremento progressivo do campo de conhecimento. Apesar do desenvolvimento conceitual e teórico que temos alcançado em temas de avaliação e controle de qualidade de programas, centros e ações, faltou-nos um quadro comum de ações concretas que articulem estes discursos na prática, de forma efi-

caz. Tínhamos a esperança de que iniciativas como a Década de uma *Educação para o Desenvolvimento Sustentável* poderiam contribuir para isso, mas esses discursos nascem castrados desde o início, na medida em que se articulam em modelos de participação altamente dirigidos de cima e acabam aborrecendo a base in extremis. Faltou-nos um programa mais enérgico de planificação da mudança nas organizações e de sensibilização dos líderes políticos, empresários e tomadores de decisões. Dedicamos demasiados esforços à escola, desde modelos de entretenimento, algo adulterados, pouco genuínos e não totalmente coerentes com os objetivos da Educação Ambiental.

Em diversos fóruns, publicações, espaços e intercâmbios com colegas do campo da Educação Ambiental, faz-se referência, mesmo até ao cansaço, ao fato de o campo da EA estar em construção. Neste contexto, O que significa que a Educação Ambiental é um campo em construção e em que momento ou etapa nos encontramos?

Como todo campo disciplinar contemporâneo, estamos em constante progresso e revisão. O salto realmente importante que nos resta é tornar-nos visíveis na sociedade em condições idênticas às de outros setores. O cansaço é um conto de fadas chinês, somos um setor necessário à sociedade cuja atividade incomoda determinados interesses particulares. O que nos falta é colocar-nos com mais firmeza nas organizações, desenvolver-nos como setor profissional qualificado e demonstrar que somos úteis em matéria de sensibilização, informação, educação e mudança. O avanço que se tem produzido na Espanha, na regulação e normalização de perfis profissionais do próprio campo da EA ou de campos afins ao ambiental, é um indicador de realização e vitalidade de que o discurso está vivo e a sociedade precisa de nós.

Você tem uma longa trajetória no campo da Educação Ambiental, anos de trabalho e experiência que tem sido refletida em sua participação ativa dentro do campo no geral e de sua universidade no particular, bem como no desenvolvimento das suas diversas atividades acadêmicas e profissionais, tanto no contexto espanhol como no âmbito latino-americano. Quanto a isso, pergunto, não em termos de por que você não saiu do campo da EA, mas sim, por que ficou neste campo?

Precisamente por isso, porque é um campo em construção, onde ainda há muito a fazer. A universidade oferece uma posição de privilégio que nos permite olhar a realidade de posições próximas e distantes à própria realidade, oferece recursos de reflexão e análise continuamente atualizados e nos dá a oportunidade de nos aproximarmos desses âmbitos com rigor e metodologia. Ser o ator principal neste processo de construção disciplinar de um campo jovem é algo que não se esgota numa geração, mas se olharmos um pouco para trás e para a frente, podemos confirmar que temos em mãos a possibilidade de formar pessoas entusiasmadas, de intervir nos programas em curso, iluminando o seu progresso, esclarecendo os seus propósitos., otimizando os seus recursos, melhorando as metodologias e apresentando olhares mais complexos e não tendenciosos. Além disso, trabalhar neste campo tem outra série de valores acrescentados que são dados pelas pessoas que se vinculam a ele, pelo respeito que merecem as iniciativas, atuações e programas que desenvolvem e pelo estilo, esclarecimento e nível de exigência. Talvez uma das razões que me levou a dedicar-me à investigação e à formação neste campo tenham sido as pessoas que fui encontrando no caminho, pois não se pode fazer EA no laboratório da individualidade.

Outra razão importante é o campo em si, pois dificilmente encontramos âmbitos tão singulares que requerem tantos sabe-

res diversos e exigem projeção na realidade, demonstrando resultados tangíveis. Esta dimensão teórico-prática permite estar em uma situação de contínua busca ativa. Verificar se a equipe de investigação e de ensino em que trabalho mantém um dinamismo contínuo no tempo, se reúne profissionais com interesses diversos, contribuindo para níveis mais elevados de reconhecimento social e científico do setor, é outro fator intangível que me sujeitou a este território.

O campo da Educação Ambiental na atualidade mostra diversos sinais de desenvolvimento, de trabalho, de atividade, alguns otimistas e outros com grandes dúvidas. Neste contexto, quais seriam as perguntas que poderíamos fazer à área da EA, hoje?

As perguntas que podemos lhe fazer: O que fizemos até agora? Para que serviu? O que nos resta fazer? O que devemos fazer para obter melhores resultados? Com quem devemos nos aliar e trabalhar mais estreitamente para rentabilizar recursos e otimizar conquistas?

O contexto histórico atual revela à humanidade uma diversidade de desafios, problemas e instigações, os quais devem ser analisados, compreendidos e orientados para a construção de um futuro mais promissor para os seres humanos no seu conjunto e para a diversidade de seres com os quais partilhamos este planeta. Neste cenário, como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Não se pode ser negacionista e pessimista e trabalhar na área da Educação Ambiental. Temos muitos desafios a enfren-

tar no domínio disciplinar, como grupo profissional e como setor social. O momento histórico que vivemos é favorável ao acolhimento dos nossos discursos, dos nossos programas, das nossas metodologias de trabalho e práticas reflexivas. Lamentar-se continuamente não nos leva a lugar nenhum, viver em permanente estado de medo provoca patologias incuráveis. Somos um setor vigoroso, jovem, com muito futuro, mas temos de fazer um grande esforço para que a sociedade nos veja realmente como necessários, para que os cidadãos sintam a utilidade das nossas ações, dos nossos programas, das nossas reflexões. Esta crise planetária que nos atormenta nos últimos anos deve levar-nos a uma reconversão de princípios e fundamentos, a uma revisão das formas e dos fundos, a uma maior seriedade no tipo de programas educativos que promovemos e a uma ação coordenada de maior envergadura nas diferentes esferas académicas, disciplinares, políticas, económicas, geográficas e vitais que nos envolvem.

Em 2023, o que você acrescentaria ou retiraria dessa entrevista, a partir da forma como percebe o campo da Educação Ambiental hoje? Neste momento histórico, quais seriam as suas perspectivas para o futuro do campo da Educação Ambiental?

Há uma década, meu querido amigo Miguel Ángel me convidou para realizar uma entrevista, aproveitando o charme do terraço da casa de Shafía, em Guanajuato, “tequileando” com vista para as colinas salpicadas de fachadas coloridas daquela bela cidade, em que estávamos comemorando o 31º aniversário

de Tbilisi¹⁵. Uma data memorável para lembrar daquela cidade que já havia mudado de nome e condição após recompor seu status¹⁶ (atual Tiflis, renomeada capital da Geórgia após sua independência em 1991) como tantas outras opções “trans” que reconfiguram e removem o piso líquido de nossa existência contemporânea.

Sob o fio condutor das perguntas que foram propostas por Miguel Ángel, surgiram respostas que, junto com as visões complementares de um grupo de colegas que admiro, foram organizadas no formato de um livro sobre este campo heterogêneo e retorcido “em construção”, “em trânsito” ou “em dissolução” para uma nova era de “sustentabilidade”.

Lembro que em algum momento mostrei minha gratidão pelo trabalho de diagnóstico transnacional que foi realizado. Também sugeri a possibilidade de realizar algum tipo de análise transversal dos resultados, que se mostravam como um conjunto plural e diverso, uma expressão da riqueza e da diversidade do campo ambiental naquele momento, que, portanto, permitia análise desde uma perspectiva transnacional.

Há uma década, não tínhamos uma visão tão dramática da nossa condição de ecodependência e dos efeitos colaterais à saúde da alteração de ecossistemas, marcada pelo ícone devastador da esfera capsular da foice da Covid-19, que ceifou mais de 6,3 milhões de vidas. As reuniões presenciais para debates e intercâmbios foram reduzidas, a precariedade do cam-

15 Súcar, S. (2011). Visões ibero-americanas de Educação Ambiental no México. Memórias do Fórum de Tbilisi +31. Guanajuato, México: Editorial de la Universidad de Guanajuato-SEMARNAT.

16 Um mês antes deste encontro de educadores ambientais, em 26 de agosto de 2008, a Rússia reconheceu o direito de independência da Ossétia do Sul e da Abcásia, como alibi (agora repetido com a Ucrânia) antes de um suposto ataque da Geórgia à “Ossétia do Sul”.

po aumentou, o número de revistas proliferou, orçamentos e itens financeiros para programas, centros, projetos, iniciativas e atividades foram cortadas. O Holoceno entrou em colapso e abriu espaço para o Antropoceno com os seus novos continentes formados por plásticos no oceano Pacífico e as evidências das toneladas de emissões resultantes de nossa vida fóssil. As Mudanças Climáticas estavam fora do escopo dos discursos, programas e preocupações dos educadores ambientais e jamais poderíamos imaginar que o currículo deveria sofrer modificações em tempo real, não para ser chamado de virtual, mas para atender questões de emergência planetária que colocaram em xeque nossa capacidade de resiliência como espécie inteligente.

Se eu tivesse que rever o título da entrevista, hoje eu sugeria: “Você não pode fazer Educação Ambiental de costas para a realidade virtual”. Há uma década, questionávamo-nos sobre os sinais de nossa identidade ambiental (Como éramos? Como somos? E, como seremos?). Agora, dez anos depois, podemos voltar ao espelho e olhar-nos com a experiência que mais dez anos nos proporcionaram. Olhar para trás para ver onde estamos, tomando como testemunhas as variáveis do contexto histórico, político, social, econômico e, sobretudo, tecnológico. As oportunidades científicas do crowdsourcing, da ciência cidadã colaborativa, da e-ciência, e uma realidade monitorada, mediada continuamente por telas, GPS e as batidas contínuas do infernal “Whatsapp”. Sem deixar de lado, as distopias ilusionistas do metaverso e a preocupação permanente com esse lado sombrio do ser humano que nos enche de ambição, destruição e terror sem razão. Justo hoje que revejo este texto, acaba de haver uma explosão na península da Crimeia, enfraquecendo as bases da ponte, ou seja, mais matéria-prima para educadores e educadoras ambientais 3.0 de nossa era competente do 5G e

com um arsenal de instrumentos tecnológicos em seu ciborgue que estão a anos-luz de distância do modelo artesanal de naturalista de mochila, óculos e doping de vitamina N para aliviar os déficits de contato com a natureza e favorecer a interação presencial.

O crescimento exponencial da produção de pesquisas no campo da Educação Ambiental é agora um caminho solvente no qual se pode confiar para continuar a construir evidências e resultados que vislumbrem novos horizontes de racionalidade científica, tecnológica, artística e emocional. O pensamento complexo, compreendido em forma de conceito para sustentar o debate sobre a prática educativa, nos traz força e se converte em ferramentas de nova geração que dão superpoderes aos educadores e educadoras ambientais para combater, com desenvoltura e solvência, os desmandos das chamadas fábricas não neutras das “Fake News”, que estão nas notícias do meio-dia e na pauta de nossa ação diária, alimentando esquemas incompreensíveis de negacionismo pulverizado e destilado por doses sem precedentes de terraplanismo, discursos criacionistas, pseudociência, magia e promessas de pequenas felicidades ou de longevidade eterna.

A “corrida do ouro” dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável nos atinge com novas miragens, locais e globais. Nos encanta com ícones coloridos modernizados pelos 17 “quadrinhos” das Nações Unidas para redimir-se dos fracassos da década da Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável e das ingênuas Metas de Desenvolvimento do Milênio. Assim, somos colocados novamente no caminho para “correr atrás da lebre de pano”, presos na gaiola de nossa bondade rousseauniana, agora de corte isabelino.

Uma Educação Ambiental que forma o sujeito social, espiritual e ético

Entrevista com María Novo Villaverde

María Novo Villaverde é Doutora em Filosofia e Ciências da Educação. Catedrática Titular da Cátedra UNESCO de Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Universidade Nacional de Educação a Distância. Madri. Espanha. Membro da Equipe de Analistas do Instituto de Estudos Transnacionais (INET). Consultora da UNESCO em matéria de meio ambiente, Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável. Membro da Associação das Mulheres Investigadoras e Tecnólogas (AMIT) e da Associação dos Cientistas para o Ambiente (CIMA). Publicou 24 livros, entre os quais se incluem tratados e ensaios sobre meio ambiente, desenvolvimento sustentável, globalização e teorias da complexidade, bem como poesia e narrativa. Diretora do Programa Internacional de Pós-graduação em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, desde 1990. Diretora do PROJETO ECOARTE, para a integração da Ciência e da Arte no tratamento das questões ambientais. Ministrou cursos e conferências em várias universidades e organismos europeus e americanos. Conferencista em mais de 200 congressos nacionais e internacionais. Assessora de diferentes instituições públicas e privadas, realizou a assessoria científica de programas de televisão sobre meio ambiente, Educação Ambiental e desenvol-

vimento sustentável. Presidenta da Associação “Slow People”. Suas linhas de trabalho e pesquisa são: Educação Ambiental, globalização e sustentabilidade; Mulher e meio ambiente; Sistemas, Complexidade e Novo Paradigma Ambiental. E-mail: mnovo@edu.uned.es Website: www.uned.es/catedraunesco-educam www.ecoarte.org www.slowpeople.org

Hoje, os problemas ambientais continuam, continuam presentes, estão aqui. Tanto as leituras dos mais otimistas, como dos mais pessimistas, chegam a um ponto em comum: a problemática ambiental persiste, e inclusive, alguns dos problemas se agudizaram. Perante este panorama, o que nos faltou no campo da Educação Ambiental para dar maiores contribuições que orientem a abordar com maiores possibilidades de transformação este tipo de problemas?

Penso que, enquanto educadores, fizemos bem o nosso trabalho. O que nos tem faltado é ter um maior impacto nas pessoas que tomam decisões. A Educação Ambiental concentrou-se muito na escola e penso que, sem abandonar essa faceta, onde temos de insistir é na organização de *Mestrados* e cursos para políticos, gestores, jornalistas, formadores, decisores etc. Essas são as pessoas que estão influenciando o andamento de nossas sociedades agora e uma mudança neles tem um grande efeito multiplicador.

Nesse sentido, penso que devemos estar conscientes de que os poderes econômicos organizados não veem com bons olhos uma Educação Ambiental comprometida com a mudança. Por isso, os processos que falam de transformações nos modelos econômicos, de novos padrões de consumo, austeridade, formas de vida alternativas, geralmente têm que vencer muitas dificuldades para expandir-se. Os grandes interesses econômicos

preferem que a EA fique limitada à escola, porque aí é mais inofensiva no presente, as crianças não votam, não têm capacidade para se organizar autonomamente. Por isso insisto, é tempo de investir todos os nossos esforços na formação e na reflexão com as pessoas que estão a tomar decisões nas nossas sociedades. Na nossa Cátedra da UNESCO, há 25 anos que fazemos um Mestrado com essa orientação e pude constatar como é importante mudar a mentalidade destes profissionais.

Em diversos fóruns, publicações, espaços e intercâmbios com colegas do campo da Educação Ambiental, faz-se referência, mesmo até ao cansaço, ao fato de o campo da EA estar em construção. Neste contexto, o que é estar em construção? E se estamos nesse processo em que momento dessa construção nos encontramos?

Como tudo que é vivo é dinâmico, estamos sempre em construção porque o contrário seria a morte do movimento. Essa construção significa estar atento aos problemas emergentes — *mudanças climáticas, perda de biodiversidade, migrações forçadas ...*— e incorporar cada vez mais a dimensão da sustentabilidade nos nossos programas, não só no seu aspecto económico e social, mas também como um compromisso político com a mudança. Temos que educar estimulando o pensamento crítico e a criatividade, porque o que a sociedade necessita é precisamente de pessoas que possam fazer uma crítica lúcida da crise ambiental e dos atuais modelos de desenvolvimento, mas também que sejam capazes de desenvolver alternativas.

No primeiro caso, o pensamento crítico, considero que as pessoas que aprendem conosco, deveriam alcançar um grau de liberdade interior que as levasse a questionar a viabilidade ecológica e a pertinência ética dos padrões de produção e de con-

sumo que o mercado impõe, que são, na realidade, pautas para uma exploração desenfreada dos recursos naturais e para uma forma de vida consumista absolutamente insustentável. Seguir este caminho leva a transbordar os limites da biosfera e a incentivar os privilégios de poucos em detrimento das necessidades da maioria.

O mercado só nos vê como produtores ou consumidores. A Educação Ambiental está em construção porque está se situando, dia após dia, no coração deste problema, para ajudar as pessoas e os grupos humanos a reconhecerem-se na sua identidade de seres com direitos e deveres que transcendem os limites do mercado, que têm uma dimensão espiritual, ética e social, que escolhem viver de forma autônoma e responsável num planeta finito e no meio de uma sociedade que apresenta graves desigualdades. Se continuarmos resignados aos slogans de comprar e produzir dedicando a isso a melhor parte de nossas vidas, não haverá mudança possível.

Ao mesmo tempo, há o aspecto da criatividade, tão importante. Hoje, mais do que nunca, o que o mundo precisa são pessoas e grupos humanos com capacidade para imaginar e pôr em prática formas de vida sustentáveis, especialmente no Norte rico, que é o maior responsável pela emergência climática. É preciso pôr em jogo a imaginação, a capacidade de sonhar, mas também a energia e a coragem necessárias para *aprender a viver melhor com menos*.

Nesse sentido, venho trabalhando nas últimas décadas em um projeto chamado ECOARTE, que pretende articular as relações entre o conhecimento científico e os saberes artísticos para enfrentar os problemas ambientais. Acredito profundamente que esta é uma boa via de reflexão e de ação, pois permite pôr em jogo duas formas de conhecimento que são complementares, que são necessárias uma à outra para dar conta de toda

a complexidade do tecido ambiental. A ciência e a tecnologia nos dizem como fazer, nos fornecem instrumentos para resolver problemas, mas a arte, a criatividade, nos permitem iluminar novas diretrizes no que fazer, nos ajudam a traçar caminhos para uma mudança, nos proporcionam um *plus* de imaginação absolutamente necessário para *sair do lamaçal em que nos metemos ao ultrapassar os limites da Biosfera*.

Por isso, penso que hoje não podemos fazer uma Educação Ambiental que poderíamos considerar “estabelecida”, penso que devemos continuar a construir. A consideração dos limites da natureza é muito importante neste momento, *porque as mudanças climáticas já estão aí, sem paliativos e pressagiam tempos muito difíceis para a humanidade*. Mas é igualmente importante a equidade social, já que cada dia vemos como se destroem as conquistas do estado de bem-estar, onde existiam, e vemos como os horizontes de qualidade de vida se fazem cada vez mais distantes para enormes grupos humanos no Sul global. E, claro, há os caminhos criativos a seguir para a mudança, esse abraço entre a ciência e a arte que considero tão necessário, um abraço que deveria ser iluminado pela ética, por perguntas radicais sobre as prioridades, que são interrogações morais acerca do *para quem* e *para que* projetamos atualmente o desenvolvimento.

Os educadores ambientais são desafiados a comprometer-se com essas mudanças, a impulsionar as transformações para as sociedades nas quais caiba a pergunta: quanto é suficiente? referida ao nosso consumo de recursos, aos nossos impactos sobre o ambiente e à distribuição desigual dos benefícios do desenvolvimento. Todo esse trabalho é um trabalho de construção, um trabalho que nos coloca como cientistas, como artistas capazes de crer na utopia possível (a que Paulo Freire chamava O inédito viável), mas também como profissionais e cidadãos empenhados em dar forma real aos sonhos. Vivemos dias de

crise que são, em simultâneo, *momentos de grande esperança, então estamos em construção, da teoria à prática.*

Você tem uma longa trajetória no campo da Educação Ambiental, anos de trabalho e experiência, que tem sido refletida em sua participação ativa dentro do campo no geral e de sua universidade no particular, bem como no desenvolvimento das suas diversas atividades acadêmicas e profissionais, tanto no contexto espanhol como no âmbito latino-americano. Quanto a isso, pergunto, não em termos de por que você não saiu do campo da EA, mas sim, por que ficou neste campo?

Porque continuo acreditando que é necessária uma revolução pacífica para que os critérios economicistas baseados no lucro imediato não acabem arrasando a natureza; porque acredito que é preciso continuar lutando por um acesso justo de toda a humanidade aos recursos; porque, na minha dupla condição de pessoa que trabalha com a ciência e com a arte, pude constatar que há formas criativas de abordar estes problemas; porque acredito na ética e na educação, na sua potencialidade para promover comportamentos responsáveis nos seres humanos. E, claro, porque estou convencida de que a Educação Ambiental pode ser, neste sentido, um magnífico instrumento de mudança. Como dissemos no Rio em 1992, “a Educação Ambiental é um ato político baseado em valores para a transformação social”.

E porque, após longas décadas de experiência, vi muitas pessoas mudarem através dos nossos programas e pude comprovar que é possível uma mudança de paradigma através de processos educativos complexos. O fascínio tecnológico e a concentração de poder econômico em poucas mãos fizeram com que a sociedade humana caminhasse por um caminho de destruição e falta de solidariedade. É difícil inverter esse cená-

rio, mas temos de ser audaciosos, ao mesmo tempo, criativos, pois a situação ambiental do planeta está chegando aos seus limites, tanto no ecológico como no social, e essa situação *está cada vez mais comprometedora para nós, humanos, assim que, não podemos olhar para o outro lado.*

Sinceramente, penso que uma parte importante da grande consciência ambiental que existe hoje no planeta se deve aos grupos ecologistas e à Educação Ambiental. Sem estes dois movimentos, o cenário seria muito pior.

Depois, a título mais pessoal, permaneci neste movimento porque encontrei pessoas e grupos magníficos, pessoas comprometidas com a mudança para sociedades sustentáveis *com as quais me senti unida onde quer que tenha ido.* Quando se compreende que não se está sozinho numa aventura, quando se sente o calor de outras mãos, tudo se torna muito mais fácil. É assim que crescemos, apoiando-nos uns nos outros, e isso fortaleceu-nos diante das dificuldades. Os congressos e encontros internacionais contribuíram de forma significativa, mas, no meu caso concreto, também aprendi muito nos encontros informais, aproveitando as viagens, quando pude dialogar com outros educadores ambientais, especialmente na América Latina, onde o compromisso social é tão claro e onde me sinto sempre em casa.

O campo da Educação Ambiental na atualidade mostra diversos sinais de desenvolvimento, de trabalho, de atividade, alguns otimistas e outros com grandes dúvidas. Neste contexto, quais seriam as perguntas que poderíamos fazer à área da EA, hoje?

Na minha opinião, a grande questão é como nos colocarmos no meio de uma sociedade global que vive uma grande *cri-*

se ecológica e social e de forma consciente e responsável, contribuir para minimizar essa crise, contribuir para a virada coletiva necessária para que a humanidade e a natureza recuperem o protagonismo que lhes corresponde.

Uma segunda pergunta diz respeito à capacidade da Educação Ambiental para mobilizar a imaginação, a utilização de recursos artísticos, a incorporação da arte nos programas. Sempre pensei que um bom projeto é aquele que termina com uma elaboração de alternativas que permite tomar decisões reais. Não estamos educando no vazio. Não nos interessa gerar somente um conhecimento erudito. Precisamos que as pessoas que passam por nossos programas compreendam que a finalidade última do processo formativo é tomar decisões, é aprender a viver e gerir de uma forma diferente, comprometer-se com a mudança em direção a sociedades sustentáveis, *ecológica e socialmente viáveis*.

Uma terceira pergunta seria por que se esquece tanto a formação e capacitação ambiental dos gestores e dos planejadores. Não podemos esperar que as crianças e os jovens que frequentam as escolas tenham capacidade de decisão sobre os recursos coletivos, sobre a forma como estes são geridos. Nos resta uma década *para corrigir o caminho que estamos trilhando em termos de aumento das temperaturas. Estou convencida de que, com a forma em que estamos atuando, será impossível que o aquecimento não ultrapasse 1,5 grau em relação às estimativas pré-industriais. E atingir 2 graus significa entrar num cenário de colapso muito perigoso e difícil de gerir*. Deve ser praticada uma Educação Ambiental que se infiltre no cerne dos processos de tomada de decisão, nos locais e nas pessoas que podem abordar já os processos de prevenção, mitigação e adaptação.

Estas questões suscitam a necessidade de os educadores ambientais consolidarem a sua formação científica, econômica, política, artística etc., porque debater e atuar nestes ambientes não é fácil. Mas temos vários exemplos que demonstram que isso é possível e construtivo. Não podemos reduzir o nosso discurso ao campo pedagógico, mas sim impregnar de pedagogia ambiental, imaginação criativa e reflexão ética os territórios onde se debatem as grandes questões econômicas, políticas, tecnológicas e sociais. Devemos estar preparados para um trabalho interdisciplinar, para estarmos em pé de igualdade com os demais especialistas nos locais onde as decisões são tomadas.

Isto não é fácil. Sabemos que, se o Norte rico não mudar nas próximas décadas, os padrões de vida e de exploração de recursos, sofreremos graves colapsos que podem ter alcance civilizatório. Não estamos falando de mudanças a longo prazo, esse tempo já passou. É urgente transmitir às pessoas a mensagem de que este modelo de crescimento ilimitado é inviável.

É preciso explicar o declínio das economias baseadas no petróleo; os problemas que a agricultura industrial está gerando; a perda de biodiversidade; a enorme pegada ecológica que as mudanças nos usos do solo geram, entre outros, mas também se deve refletir sobre os critérios que regem nossas formas de vida, sobre o uso que fazemos dos recursos, a forma como nos alimentamos, como nos movemos, como utilizamos o tempo.

Falar de tudo isso com conhecimento de causa é fazer Educação Ambiental, assim como é reclamar outras condições de vida para o Sul global. Vivemos em sociedades absolutamente hipócritas, onde se gastam 4 milhões de dólares por dia em armamentos e guerras, enquanto todos os dias morrem milhares de pessoas devido à fome. Estes temas têm que estar nos nossos programas, nas nossas práticas. O compromisso da mudança é o que dá sentido a tudo o que fazemos.

O contexto histórico atual revela à humanidade uma diversidade de desafios, problemas e instigações, os quais devem ser analisados, compreendidos e orientados para a construção de um futuro mais promissor para os seres humanos no seu conjunto e para a diversidade de seres com os quais partilhamos este planeta. Neste cenário, como você vislumbra o futuro da Educação Ambiental?

Penso que sempre fará falta uma Educação Ambiental comprometida com os problemas ecológicos e sociais. O futuro da humanidade é um futuro cheio de riscos e falar alto sobre eles e tentar educar para a elaboração de alternativas criativas é uma bela tarefa que compete, sem dúvida, aos educadores formais e não formais que trabalham neste âmbito.

Mas não há dúvida de que o nosso discurso, quanto mais comprometido estiver, mais sofrerá com as tentativas de ser silenciado pelas vozes daqueles que reduzem a vida ao ato de comprar e vender. Nós, justamente, estamos diferenciando o valor do preço, estamos ensinando que um pôr-do-sol, um solo fértil, uma pessoa que merece viver com dignidade não tem preço, e isto não pode ser reduzido a parâmetros econômicos. Isso vai contra o discurso hegemônico que, infelizmente, neste momento é construído sob os interesses do mercado. É por isso que temos de dizer alto que o mercado não é democrático, que quanto mais poder adquire sobre as nossas vidas, mais déficit democrático sofrem os Estados, os governos eleitos pelos povos e, conseqüentemente, as pessoas.

Uma Educação Ambiental que fale destes temas será, sem dúvida, um fermento para a construção de sociedades nas quais a aventura de estar vivo valha a pena, tanto para o Norte como para o Sul. Isto exige uma mudança de paradigma, mas também novas práticas críticas, criativas e inovadoras que o avalizem e

expressem a sua viabilidade. Por isso não só devemos avançar em nosso corpus teórico (o que é fundamental), mas também em oferecer à sociedade experiências reais sobre uma nova forma de estar no mundo, de viver melhor com menos, de romper a dependência interior em relação as consignas que recebemos dos meios de comunicação, de reapropriar-mos do nosso tempo (que nos está sendo usurpado diariamente), de chegar a sermos felizes porque descobrimos que a felicidade está em deixar de desejar, em reconhecer o valor dos outros, em aprender a caminhar ligeiro sobre a Terra.

Pozuelo de Alarcón

(Madrid), agosto 2011, Atualizado em julho de 2023.

O campo de Educação Ambiental é “freaky”

Entrevista com Pablo Ángel Meira Cartea

Pablo Ángel Meira Cartea é Doutor em Ciências da Educação e Professor Titular de Educação Ambiental na Universidade de Santiago de Compostela (Galiza-Espanha). Membro do Grupo de Investigação em Pedagogia Social e Educação Ambiental (SEPA). Suas linhas de pesquisa centram-se no estudo das bases teóricas, ideológicas e éticas da Educação Ambiental, a comunicação da mudança climática e o desenvolvimento estratégico da Educação Ambiental. Participou na elaboração e avaliação de diferentes estratégias territoriais de Educação Ambiental em Espanha. Presidente de la Sociedad Gallega de Educación Ambiental. Obteve o Prêmio María Barbeito de investigação pedagógica (2009). Autor e co-autor de uma centena de publicações, entre as quais se destacam Educación Ambiental y Desarrollo Humano (2001) e Comunicar el Cambio Climático. Escenario Social y Líneas de Acción (2009). Diretor do relatório A sociedade perante a mudança climática. Conhecimentos, avaliações e comportamentos na população espanhola (2009, 2011). E-mail: pablo.meira@usc.es

Hoje, os problemas ambientais continuam, permanecem presentes, estão aqui. Tanto as leituras dos mais otimistas, como dos mais pessimistas, chegam a um ponto em comum: a problemática ambiental persiste, e inclusive

alguns problemas se agudizaram. Perante este panorama, o que nos faltou no campo da Educação Ambiental para dar maiores contribuições que orientem a abordar com maiores possibilidades de transformação este tipo de problemas?

Não é tanto um problema do campo ou não é apenas um problema do campo da Educação Ambiental, assim como da problemática socioambiental à qual supostamente deveria responder a EA, da envergadura e da complexidade dessa problemática. Nos anos sessenta e setenta, nomeou-se um conjunto de agentes educativos para que propusessem estratégias, programas, recursos, para mudar os comportamentos, os valores, as aptidões da sociedade em relação ao meio ambiente, mas sem analisar exatamente qual era a natureza dessa problemática, a sua complexidade e a sua dimensão. E, evidentemente, o campo da Educação Ambiental é um campo com poucos recursos, com pouca relevância política e econômica, inclusive do ponto de vista da educação e do meio ambiente, e obviamente o resultado é que a crise ambiental é cada vez mais aguda. Estamos mais longe de encontrar alternativas socioambientais globais e viáveis, e só se podem alegar avanços parciais em nível local ou regional, em nível de alguns âmbitos concretos. Isto não significa que a EA tenha fracassado, seja como for, é consequência do fato de, inicialmente, nos anos setenta e oitenta lhe ter sido atribuída uma tarefa colossal, de uma forma muito voluntarista e demasiado otimista, mas com fundamentos muito pouco radicais, no sentido de que não se apontaram quais eram exatamente as razões da crise ambiental e se construiu uma visão onde o que estava aparentemente na raiz da crise era a irracionalidade dos atores e não a irracionalidade do sistema. Os atores, ao fim e ao cabo, atuam irracionalmente do ponto de vista da

sensibilidade porque o sistema é irracional, não porque os atores não saibam ou não tenham conhecimentos, capacidades, ou não tenham possibilidades de atuar de outra forma, de forma diferente. Quando digo atores me refiro tanto aos indivíduos, às pessoas, sobretudo nas sociedades avançadas, como às coletividades. Mas não é um fracasso da Educação Ambiental, é um problema de como foram dimensionadas suas finalidades, os super colocados objetivos de Belgrado, por exemplo, e do desajuste entre esses objetivos e a natureza do problema que se queria enfrentar.

Faz-se referência, mesmo até ao cansaço, ao fato de o campo da EA estar em construção. Neste contexto, o que é estar em construção? E se estamos nesse processo, em que momento dessa construção nos encontramos?

Vou utilizar o conceito que você utilizou pela manhã e que me parece interessante: dessacralizar. Deve-se reconhecer que o campo de Educação Ambiental é “*freaky*”, porque é um campo que tem as fronteiras muito pouco desenhadas, por sua própria construção, onde aparecem pessoas que vêm das ciências ambientais, das ciências duras, outras das ciências sociais ou humanas, mesmo pessoas que não vêm do mundo da academia, que vêm dos movimentos sociais. Poucas educações com adjetivo têm uma presença tão importante de agentes que vêm das organizações não governamentais ou dos movimentos ambientalistas, é curioso e não é tão fácil encontrar algo similar. No campo da educação para a paz poderiam ser procuradas semelhanças, o campo da educação para o desenvolvimento está convergindo muito diretamente com o campo da Educação Ambiental, mas é muito difícil encontrar em outros campos esta diversidade, que é uma riqueza, mas que, ao mesmo tempo, faz com que os

limites do campo não estejam em construção, mas estejam se movendo continuamente, estejam balançando continuamente. Digo que talvez isto não seja um problema, porque é possível que estes campos híbridos venham a ser impostos no futuro. O mesmo conceito de ciências ambientais, que já tem algum reconhecimento acadêmico, é um conceito que define limites muito imprecisos e que gera inclusive controvérsias corporativas dentro das ciências duras, que são ciências que em teoria estavam muito bem demarcadas em suas fronteiras disciplinares, seus objetos próprios de pesquisa, seus espaços de conhecimento. Daí que a Educação Ambiental possa ser qualificada, desacreditando-a como “*freaky*”, ou seja, é um campo desregulamentado, sem fronteiras, de nômades, onde seus atores entram e saem com muita facilidade. Pessoas que se dedicam à EA um pouco de tempo e depois saem, pessoas que se dedicam a outras coisas e à Educação Ambiental. A este respeito, penso que este ambiente transmite a ideia de uma permanente construção, e creio que também há constante construção porque o objeto está mudando; começamos trabalhando com valores, aptidões, conhecimentos, comportamentos, e agora estamos trabalhando com a crise ambiental, com a transformação da sociedade, com a participação e a mobilização social, e nisto há um componente de mobilidade ou de instabilidade que, talvez, seja constitutivo do campo. Ultimamente, penso que as tensões entre o educativo e o ambiental, entre o ativismo e o científico, entre o profissional e o ativista, fazem parte dos elementos constitutivos do campo. Fazem parte das contradições, dos conflitos, das forças que nos dizem que isto é Educação Ambiental. Não vejo como problema que a Educação Ambiental seja assim, como algo aparentemente caótico, aparentemente desordenado, porque talvez este seja um campo que tem que ser assim, e talvez se o vemos assim, entendemos muitos dos problemas que surgem na relação entre

ambiente e educação, em nível político inclusive. Se utilizarmos esta chave para entender o campo, é possível que a possamos utilizá-la a nosso favor.

No particular, ultimamente tento utilizar a meu favor, na pesquisa ação-social, os conflitos de competências que costumam acontecer entre a administração educativa e a administração ambiental; se é uma característica do campo, se é uma força ou uma tensão que não podemos controlar, talvez possamos utilizar a nosso favor como uma alavanca, para obter recursos, para desenvolver programas, para contradizer e questionar políticas desatualizadas. Talvez seja uma potencialidade dizer que o campo está em construção, e isso não é mau; reconhecamos que é um campo muito volátil, com muitas tensões, mas essas tensões são parte deste campo, não são anomalias, são parte constitutiva dele.

Você tem uma longa trajetória no campo da Educação Ambiental, anos de trabalho e experiência nele, te pergunto, em termos não de por que não saiu do campo, mas por que ficou no campo da EA. Que te deu o campo?

Tenho uma lembrança, que nos anos setenta um petroleiro chamado *Polycomander*, um petroleiro de bandeira filipina, naufragou em frente à minha casa, na Ría de Vigo, sou do mar, não sou marinheiro, mas sou de uma vila marinheira, e se ardeu em chamas. É uma lembrança de infância que me ficou gravada; nesse momento eu tinha nove anos e o via fascinado consumir-se, olhando da janela de minha casa. Esteve ardendo dois ou três dias, e à noite era um espetáculo dantesco. Isto chamou-me a atenção. Depois, nesse mesmo ano, como resultado do mar negro que gerou este desastre, quando íamos à praia manchávamo-nos de *chapapote* (*substância viscosa*), que

é uma palavra que provavelmente chegou à Galiza do Golfo do México. Ficou-me muito gravado, porque quando chegávamos em casa minha mãe dizia que as manchas de *chapapote* que tínhamos nos pés eram más e nos tirava com azeite de oliva, para dissolver o hidrocarboneto e tirá-lo, e disso me inteirei quando era já maior. Porque, ao dissolver o hidrocarboneto, facilitava a osmose na pele, e então o que a minha mãe estava fazendo, com todas as boas intenções do mundo, era limpar parte do hidrocarboneto, mas o azeite estava facilitando a absorção da pele. Este fato ficou gravado e gerou-me uma curiosidade sobre porque acontecem essas coisas e, além disso, naquele momento (anos setenta), não foi considerada uma catástrofe ambiental, senão como um incidente do mar, uma catástrofe marítima, porque morreram alguns tripulantes e o navio queimou, uma pequena catástrofe naval.

Depois, quando cheguei ao ensino médio, comecei a fazer leituras relacionadas com o meio ambiente, a ler revistas sobretudo, do clima à transição democrática na Espanha, revistas como o Velho Topo ou Integral, que começaram a introduzir as novas ecosofias, numa abordagem ainda muito tendenciosa da ecologia e do ambiente. Quando cheguei à universidade, cruzei-me com uma matéria que, naquele momento, era ministrada pelo Professor José Antonio Caride, Educação Ambiental, dentro de uma especialidade (Intervenção Socioproductiva), que era a primeira vez que se dava na Universidade espanhola. A verdade é que naquele momento, estávamos no final dos anos setenta e início dos anos oitenta, o Professor Caride e outras pessoas tiveram a intuição de entender que havia uma nova disciplina, a Educação Ambiental, e que era pertinente e interessante que estivesse no currículo de uma Licenciatura em Pedagogia. Foi nesse contexto acadêmico que consegui, definitivamente, associar essa preocupação mais ou menos difusa pelo ambiente

aos meus interesses mais acadêmicos e científicos. Além disso, já desde muito jovem pratico o montanhismo, sob uma perspectiva esportiva, mas muito ligada à conservação das zonas de montanha na Galiza e fora da Galiza, que também é outro conjunto de vivências que me foram situando no campo. Em relação à minha profissão de professor, embora não tenha sido apenas uma opção vocacional, mas também o foi, vivo disto, minha profissão é ser professor de universidade com o perfil de Educação Ambiental, e foi toda essa confluência de traços e experiências biográficas que acabaram por me situar no campo como uma vocação, como um compromisso social e como uma profissão, e me sinto muito à vontade.

Assim mesmo, sendo muito realista, me dá de comer, me permite uma vida digna, me satisfaz não só profissionalmente mas também pessoalmente, é um campo muito rico por essa complexidade de pessoas, caracteres, experiências, vivências que compartilhamos com os agentes que transitam por ele, sempre aprendendo coisas novas de outros campos relacionados, às vezes totalmente diferentes, como a filosofia, a ecologia, a engenharia química, a climatologia, as ciências da educação, a psicologia etc., algo do que é muito difícil desenganchar-se. Não é um esforço permanecer no campo, apesar de que possa gerar frustrações, pelo que falamos no início, porque se vê que a norma social não é a sustentabilidade, mas a insustentabilidade.

Hoje, que perguntas poderíamos fazer ao campo da Educação Ambiental? Quais seriam as perguntas que poderíamos direcionar a esse campo? O que poderíamos perguntar à EA hoje?

Como conseguir o declínio sustentável? O que devemos fazer para transformar a insustentabilidade em sustentabilidade

nas sociedades avançadas? Eu sempre tenho que esclarecer que trabalho *em e* para uma sociedade desenvolvida -a galega e a espanhola-, com uma pegada da ecologia, quatro ou cinco vezes da média justa, da repartição equitativa dos recursos e das cargas ambientais, e na qual qualquer alternativa passa por decrescer. Para mim a pergunta seria: como podemos decrescer ou como podemos convencer a sociedade de que se pode viver bem e satisfazer as necessidades de forma digna ou mais que digna, consumindo menos energia, menos recursos e distribuindo melhor a energia, os recursos e a capacidade que a biosfera tem de encaixar os nossos impactos? Esta é para mim, neste momento, a pedra filosofal da EA.

Do ponto de vista do campo, gostaria que fôssemos menos ingênuos, paradoxalmente, que entendêssemos que o nosso papel é muito importante, mas que não somos atores decisivos, não o podemos ser, pela escala que tem a nossa dimensão como campo, pelos recursos limitados que gerimos e pelos instrumentos que temos ao nosso alcance. Somos parte da solução, mas não somos a solução. Portanto, nós não somos culpados de que isto seja cada vez mais insustentável, podemos ser responsáveis se não fizermos o que nos toca, se não trabalharmos o suficiente ou com a intensidade suficiente para, pelo menos, revelar qual é a realidade, a insustentabilidade, mas não somos os culpados, também não podemos carregar esse peso sozinhos, porque não é só nosso.

Qual é o futuro da Educação Ambiental? Como você percebe o futuro do campo? Que futuro espera a EA hoje?

Eu não sei. É uma pergunta que eu não sei como responder agora. Eu tenho, não duas visões, mas duas preocupações so-

bre o futuro. Em primeiro lugar, que a Educação Ambiental se torne, sobretudo nas sociedades mais desenvolvidas, uma parte mais importante do mercado dos serviços. Isto já está acontecendo parcialmente na Espanha, estamos vendo que muitos equipamentos da EA estão se transformando para sobreviver em um contexto de mercado, muitos que surgiram como projetos de Educação Ambiental, muito críticos sociais começam a adjetivar ou a complementar com propostas que têm a ver com o turismo verde, o lazer na natureza, a prestação de serviços de tempo livre, qualquer que seja, com a venda de produtos naturais que se convertem em mercadorias (animais de estimação ou cabras ecológicas anãs, porcos vietnamitas etc.), como se faz agora num equipamento galego que se apresenta como centro de Educação Ambiental. Tudo isto são imagens que me dão a entender que grande parte do sistema dos agentes da EA está se transformando em parte do mercado de serviços, de tempo livre, do lazer-cultural, lazer e natureza, lazer e esporte, para sobreviver em um contexto de mercado, passando a um segundo plano ou eliminando qualquer finalidade socioproductiva relacionada com a sustentabilidade-insustentabilidade de nossas sociedades.

A próxima coisa que me preocupa é que esta crise econômico-financeira que está devastando os sistemas públicos de bem-estar na Europa, que está liquidando uma grande parte dos recursos alocados aos sistemas públicos de bem-estar (saúde, educação, serviços sociais etc.), também acabará devastando a Educação Ambiental; porque, obviamente, pode ser um campo irritante, é crítico do mercado e do que ele significa e propõe para o meio ambiente e para a desigualdade em termos sociais. É possível que a EA acabe fazendo parte das vítimas da crise, quando é verdade que esta crise não foi gerada pela

Educação Ambiental, é claro, mas pela própria lógica da desregulamentação do mercado e de sua irracionalidade constitutiva. Posso contar uma anedota muito irônica sobre esta deriva: em 2005, nossos colegas americanos negacionistas (uma corrente que nega a existência da mudança climática ou sua atribuição a causas humanas) enviaram à Europa uma lista do que os céticos, pessoas e instituições que questionam a mudança climática e as políticas para combatê-la ou mitigá-la, deveriam dizer, e o argumento central era que se essas políticas fossem aplicadas os países europeus perderiam milhares ou milhões de empregos. Para a Espanha, por exemplo, este argumento desenvolvido pelo *Competitive Enterprise Institute* previa que, se o Protocolo de *Kioto* fosse aplicado, um milhão de empregos seriam perdidos em 2010. A verdade é que eles estavam certos, em 2010 na Espanha um milhão de empregos foram perdidos em comparação com 2005, mas não foi devido à aplicação deste protocolo, mas ao colapso do próprio sistema econômico-financeiro que instituições como esta reivindicam defender; foi a culpa, paradoxalmente, dos ideais de desregulamentação e neoliberalismo extremo que organizações como esta defendem.

Tenho medo destas duas coisas: que a Educação Ambiental, a fim de se adaptar ao contexto de um mercado desregulamentado e globalizado, acabe se tornando apenas mais um setor do mercado de serviços; e que a crise do próprio modelo acabe exterminando os poucos recursos, programas e equipamentos existentes para a Educação Ambiental, uma vez que a maioria deles depende de fundos públicos. Acredito que esta análise é válida principalmente para o primeiro mundo, mas certamente precisaria ser qualificada para países emergentes ou subdesenvolvidos. Se os recursos das administrações públicas dos Estados, dos municípios, dos Estados federados, no caso do México, das comunidades autônomas, no caso da Espanha,

forem eliminados ou significativamente reduzidos, o campo da Educação Ambiental se tornará absolutamente precário, desmoronado. Desse modo, a EA pode e será realizada, mas em condições mais severas do que as que têm sido realizadas até agora.

Além disso, acredito que o campo da Educação Ambiental deve deixar de olhar para o sistema UNESCO-PNUMA, deve deixar de tê-lo como referência para ganhar autonomia, rigor e capacidade de ação. A lógica política e burocrática que permeia o funcionamento dessas organizações não tem sido suficientemente levada em conta, na medida em que não são organizações democráticas e os interesses daqueles que a partir delas pretendem definir as diretrizes e regras no campo da Educação Ambiental são muitas, às vezes indizíveis, ou, diretamente, carecem de qualquer fundamento que não seja a própria necessidade de manter as organizações e os burocratas que nelas vivem.

O que você acrescentaria e o que tiraria desta entrevista, com base no que é para você hoje o campo da Educação Ambiental e suas perspectivas futuras neste momento histórico?

Contribuição para a entrevista

10 anos se passaram desde aquela entrevista. Uma década é muito pouco para a história humana em geral, um pouco mais do ponto de vista da história moderna e bastante do ponto de vista da história contemporânea, cuja capacidade de aceleração nunca deixa de me surpreender. É também muito do ponto de vista da história do campo da Educação Ambiental, sobretudo se considerarmos que existe como tal desde meados do século passado.

Como marcos relevantes para a EA, nestes 10 anos assistimos ao renascimento do paradigma do Desenvolvimento Sustentável e da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, reencarnados na Estratégia 2030 da ONU aprovada em 2015. Também a revalorização da educação como ferramenta de enfrentamento à crise climática tal como foi contemplado no Acordo de Paris do mesmo ano, enquadrado no que se chama, talvez pretensiosamente, ação para o empoderamento climático. Vimos como o caminho de recuperação - desigual consoante as regiões e os grupos sociais - da profunda crise econômica e fiscal de 2009 foi interrompido em 2020 por uma pandemia global - também com impactos desiguais -, primeiro, e agora por uma guerra na Europa - a invasão russa na Ucrânia - mas com repercussões globais cuja projeção a médio e longo prazo ainda está por vir. Há demasiadas provas de que o cenário ambiental contemporâneo é pior do que há 10 anos, de que a nossa civilização é agora mais insustentável. Entretanto, a situação geopolítica e econômica é cada vez mais complexa e adversa para as políticas que tentam enfrentar a crise socioecológica, como demonstra a dificuldade em articular respostas eficazes à emergência climática ou a incapacidade de frear a erosão da biodiversidade nas suas diferentes manifestações.

Numa reviravolta da história, em 2022 estamos agora mais próximos de uma nova "guerra fria" num mundo bipolar (EUA/Rússia) ou tripolar (EUA/Rússia/China), com o risco renovado de um conflito nuclear global, que, entre outros, um pacto global para minimizar a ameaça climática ou para colmatar o crescente fosso de desigualdade que separa as elites socioeconômicas do resto da população. E tudo temperado por um colapso climático cada vez mais provável – ou em curso –, com problemas crescentes no fornecimento de recursos básicos

(energia, alimentos, água, minerais) e com uma biosfera cada vez mais hostil devido às tensões a que a estamos submetendo, mesmo contra os nossos próprios interesses e necessidades vitais.

A minha visão da EA no presente não está longe do que tentei transmitir na entrevista de 2013. Estamos tocando nos limites sociais e ambientais (internos e externos, como a Declaração Cocoyoc já denunciava em 1973) do nosso modelo de civilização. Pelo contrário, parece que estamos colidindo com eles. É um cenário desconhecido, uma terra desconhecida. O colapso socioambiental da nossa civilização não é mais um presságio catastrófico, é uma possibilidade cada vez mais provável que projeta um horizonte de sofrimento humano - e para outras formas de vida - que, além disso, é, e será cada vez mais, distribuído de forma desigual.

Se possível, as tensões a que a EA está submetida devido ao seu caráter subsidiário dos campos educacional e ambiental - como transcampo que é - tornaram-se mais agudas. Penso que, em geral, a última década assistiu a um retrocesso nas políticas incipientes que tentavam consolidar a posição da EA através da sua institucionalização como serviço público, um retrocesso mais evidente na América Latina. Continuamos sendo um campo marginal - ou transcampo - tanto do ponto de vista das políticas e práticas educativas e acadêmicas, como do ponto de vista profissional ou das políticas e práticas ambientais. Ambas as políticas continuam altamente condicionadas pelo paradigma neoliberal que se impôs nas décadas de 70 e 80 do século passado e que não parou de aumentar o seu poder hegemônico desde então. Além disso, creio que esta hegemonia é agora mais evidente uma vez que conseguiu colonizar, além das instituições do Estado e, obviamente, do mercado, também subjetividades,

num processo de violência simbólica a que o campo da EA - pelo menos a EA mais crítica ou sociocrítica tem de ser encarada diariamente como uma barreira cultural difícil de ultrapassar dado que tende a tornar-se invisível. A colonização neoliberal das subjetividades, a sua grande eficácia biopolítica, bloqueia até mesmo a possibilidade de pensar que outras relações humanidade-biosfera ou humanidade-humanidade possam ser possíveis e desejáveis. Nesta década, apenas alguns movimentos de rebelião geracional, cristalizados em coletivos pró-clima como Fridays For Future ou Extinction Rebellion, conseguiram alterar, mesmo que superficialmente, esta capacidade hegemônica.

Nesta conjuntura é necessário que nos reinventemos, que reflitamos sobre como redefinir os fundamentos e reorientar a práxis da EA para um cenário de emergência socioambiental em que transgredimos todos ou quase todos os limites da biosfera sem ter sido capaz de garantir a satisfação das necessidades básicas e o direito a uma vida digna para a maioria da humanidade. Talvez seja pouco ambicioso, ou talvez demasiado ambicioso: uma EA para minimizar a quantidade de sofrimento humano que a combinação do colapso ambiental e da crescente desigualdade pode desencadear. Isto envolve questionar o atual modo de produção e consumo e a lógica ideológica, cultural e econômica que o suporta. Envolve gerar espaços públicos alternativos, dentro e fora das instituições educacionais ou de qualquer outro tipo, para pensar e praticar presentes resistentes (ou resilientes) e futuros alternativos. É onde estamos.

O campo da Educação Ambiental: na busca de novas tonalidades

Miguel Ángel Arias Ortega

Miguel Ángel Arias Ortega é Licenciado e mestre em Pedagogia pela UNAM. Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Autônoma de Madri, Espanha. Professor-investigador da Universidade Autônoma da Cidade do México (UACM) e docente na Universidade Pedagógica Nacional (UPN-095). Secretário Técnico da Revista Internacional: Tópicos em Educação Ambiental. Membro do Conselho Mexicano de Investigação Educativa (COMIE) e membro da Associação Internacional de Investigadores em Educação Ambiental com sede em Portugal. Publicou sobre temas de Educação Ambiental em livros coletivos e em revistas nacionais e internacionais, e participou como relator e palestrante em diferentes eventos onde a Educação Ambiental tem sido o eixo central da discussão. Suas linhas de pesquisa são: Educação Ambiental e sociedade civil; Formação de educadores ambientais; e a construção do campo da Educação Ambiental no México. E-mail: marias69@gmail.com

“Vencemos o destino quando o compreendemos”

Álvaro Bisama

É um empreendimento complicado ter diante de nós uma diversidade de informações, palavras, posições, abordagens, críticas, opiniões etc., de importantes educadores ambientais no

campo da Educação Ambiental (EA) e tentar configurar com eles uma trama que recupere a essência de tudo o que foi expresso. Esta não é a intenção que desejo expressar nas linhas seguintes, pois não pretendo elaborar um resumo, muito menos uma síntese das entrevistas realizadas. Meu interesse é simplesmente tentar trazer à tona algumas das ideias fortes que, em minha opinião, oferecem possibilidades de análise e reflexão para aumentar o debate sobre a educação em geral e a Educação Ambiental em particular, dentro do complexo momento histórico em que nos encontramos.

Uma segunda intenção é continuar com a revisão crítica do que nós, como campo da Educação Ambiental e como educadores preocupados com ela, temos desenvolvido nas últimas décadas, nos diferentes cenários e ambientes educacionais em que ela tem estado presente. O objetivo é continuar delineando uma agenda de discussão sobre os possíveis destinos da EA e sobre as múltiplas possibilidades de ação pedagógica que devemos construir para que este campo do conhecimento adquira novas tonalidades, experimente novos ritmos e especifique novos objetivos a serem alcançados.

O campo da Educação Ambiental: as ausências

A Educação Ambiental como campo de conhecimento, saberes e práticas, é um campo jovem em relação a outros campos disciplinares, incluindo o da própria educação, mas talvez tenha sido requerida e exigida para oferecer respostas aos problemas ambientais da época, o que claramente escapa a suas reais possibilidades de transformar o estado das coisas. Também é claro que não podemos sobrecarregar a EA com uma responsabilidade que ela não pode assumir, pois os problemas ambientais são

uma consequência da aplicação de um modelo de desenvolvimento e estilo de vida que baseia seus princípios na economia, no individualismo e no lucro das coisas, acima dos processos vitais da natureza e das necessidades dos próprios seres humanos. Portanto, é enganoso e, até certo ponto, malicioso pedir à EA que faça “algo mais” a fim de contribuir mais efetivamente para melhorar as condições ambientais do planeta. Entretanto, isto não a exonera da responsabilidade que, como campo de conhecimento, tem em relação ao momento histórico e à necessidade imperativa de sua localização precisa em relação ao seu papel na crise ambiental, e assim estar situada no ponto em que contribui para a compreensão, abordagem, intervenção e transformação das diversas realidades socioambientais.

Em um exercício de revisão e análise do que aconteceu no campo da EA, onde importantes progressos podem ser vislumbrados em relação à forma como a dimensão ambiental foi incorporada aos diferentes atores sociais - sim, não ainda a esperada - mas onde os resultados insuficientes e limitados deste processo também se refletem em suas quase quatro décadas de existência, é necessário nos perguntarmos sobre o campo da educação em geral, o que aconteceu com os processos educativos como caminhos que nos levam à formação dos indivíduos, quais foram os fatores e circunstâncias que levaram a que o componente ambiental fosse invisível na educação dos indivíduos, como devemos nos formar-educar para enfrentar os problemas socioambientais. A abordagem deste tipo de aspecto dá novas tonalidades à discussão sobre o que é educação e o que implica formar seres humanos dentro dela, no contexto das profundas transformações que a sociedade está passando hoje.

Assim, e intimamente ligado ao acima exposto, pode-se ver como os sistemas educacionais não têm sido suficientemente fle-

xíveis para incorporar novas visões da própria educação e dos problemas derivados do momento histórico, incluindo o meio ambiente. Este hermetismo tem sido um fator determinante que levou a EA a ter resultados escassos e incipientes no sistema de educação formal. A este respeito, e de modo obrigatório, é necessário perguntar quantos educadores ambientais participam do setor de educação formal.

Esta falta de flexibilidade na área da educação e a escassa participação de educadores ambientais nela também têm sido fatores que explicam porque a educação continua promovendo uma forma de pensar e agir que responde a uma racionalidade na qual o meio ambiente é estranho, ignorado ou considerado como fonte de recursos inesgotáveis, e assim os próprios processos educacionais promovem o tipo de racionalidade que tem sido a causa dos problemas ambientais, uma racionalidade que tem sido aumentada e fortalecida pela mídia.

A juventude do campo da Educação Ambiental é outro elemento que constitui um agente importante para explicar que, dentro dela, dificilmente foi possível alcançar um vínculo integral e estreito com respeito às formas como pensamos a educação; considere-se ainda que um grupo de educadores ambientais possui uma fraca interlocução com aqueles que concebem a EA a partir de outro campo do conhecimento. Este é um dos aspectos que também fez com que o campo da EA mostrasse resultados tão escassos em relação aos objetivos que persegue, e, portanto, não devemos permitir que esforços isolados persistam nos diferentes tipos de educação, independentemente do adjetivo: ambiental, pela paz, pelo gênero, pela interculturalidade, pela não-violência etc., pois o resultado será precisamente o cenário que estamos vivendo atualmente. Por esta razão, é necessária uma integração e interlocução, dinâmica e conflituosa

- que, aliás, não pode ser de outra forma - de todas as leituras, vozes, visões e perspectivas educativas que visam formar um sujeito. Isto para superar e integrar iniciativas, para abrir maiores e melhores canais de comunicação, intercâmbio, informação e experiências entre os diferentes setores: acadêmico, pesquisadores, sociedade, formadores etc., e entre grupos: adultos, jovens, crianças, em relação à educação em geral e ao problema ambiental, onde são identificadas novas formas de compreendê-la e melhores mecanismos para descobrir como podemos participar em sua melhoria.

Na mesma linha, podemos ver que um dos principais aspectos que falta à Educação Ambiental como campo de conhecimento e práticas pedagógicas tem sido o tempo de maturidade, reflexão e prática, a fim de consolidar alguns dos processos que são realizados dentro dela e com os quais pretende abordar e intervir nas condições ambientais atuais. Contudo, como já foi referido, isto não significa que a EA seja a única responsável por dar respostas a estes problemas, mas sim que precisa estar mais bem posicionada, que deve ser orientada para se tornar um tipo de educação que possa contribuir para estes problemas e não para pensar que com a trajetória que foi desenvolvida por ela seja responsável pela resposta ou respostas à crise ambiental. Da mesma forma, não é favorável assumir que se trata apenas de uma questão de tempo, pois é preciso reconhecer que também devem existir outros aspectos importantes para isso, como estratégias, ritmos, imaginação e criatividade, visão política e perspectivas empíricas, que têm estado um pouco distantes do próprio campo, e onde também temos feito pouco como um de educadores ambientais para acessá-los.

Por outro lado, a consolidação do campo ou a sedimentação de alguns dos projetos e processos pedagógicos ligados

ao meio ambiente é outro aspecto que não tem sido alcançado pelo campo da Educação Ambiental nas últimas décadas. Esta consolidação deve ser entendida como um processo orientado para o desenvolvimento de aspectos teóricos e práticos, para podermos ir além das intenções educacionais de separar lixo, compostagem e plantação de árvores. Ao mesmo tempo, nos leva a compreender e entender a EA como uma ação social, onde todo o impulso, que desenvolve iniciativas para vinculá-la a aspectos da vida diária de indivíduos e grupos, é utilizado, porque precisamos de uma EA que explore e admire o mais imediato, olhando para os próprios processos do sujeito em sua vida diária, o que ele tem ao seu redor e o que o está determinando, porque também é claro que muito do que aprendemos ou tentamos desenvolver no campo da EA tem tido pouca ligação com as condições habituais dos indivíduos.

Este vínculo com o social envolve também superar a visão de modificação “comportamental” que imprimimos à EA, que se reduz a uma mudança de atitudes da pessoa, sem colocar essa mudança em uma dimensão social mais ampla, aquela que se articule e dê sentido a suas ações como indivíduo e grupo social. Assim, uma disciplina pendente no campo é o fortalecimento necessário dos processos educativo-ambientais no social e no político, para ter maior força e presença nos diferentes espaços sociais e institucionais em que se desenvolvem os indivíduos.

Neste contexto, outro aspecto a modificar no âmbito da Educação Ambiental está associado à questão dos destinatários, uma vez que é indispensável deixar de fazer ou dirigir este tipo de educação somente para aqueles que estão conscientes e convencidos do inédito da problemática e da urgência de modificação da mesma, de tal forma que é preciso aproximar-nos com mais força dos sujeitos que ainda não estão convencidos e

tratar de captá-los para participarem do espaço social e profissional em que se situam.

Outra das carências que se manifestam no campo da Educação Ambiental é o pouco entendimento sobre as dimensões e características dos problemas ambientais, o que se traduziu em aproximações incompletas e parciais, que nos deram resultados insuficientes em alguns casos e inexistentes noutros. Dessa forma, é necessária uma integração do conhecimento para deixar de ser fragmentado; faz-se referência em excesso ao fato de o campo do ambiental ser complexo, carregado de incertezas e onde descansam poucas certezas, exigindo-se uma integração disciplinar, multi e interdisciplinar para sua abordagem, porém, em muitas das ocasiões, segue-se procedendo da mesma forma, ou seja, dissecando em partes um problema, e assim continuamos com os mesmos resultados insatisfatórios. É por isso que um dos grandes desafios teórico-epistemológicos do campo da EA para o futuro será precisamente o de construir novas aproximações, distintas arestas de análise e múltiplas formas de considerar o educativo e o ambiental.

Neste desafio, os processos de investigação desempenham um papel fundamental, já que é importante localizar que a insuficiente investigação que se realiza no campo foi um fator que limitou a geração de novos projetos e processos sociais capazes de transformar a realidade socioambiental em que vivemos. Fizeram falta processos contínuos de investigação educativo-ambiental, assim como o desenvolvimento de linhas de trabalho que provoquem um incremento progressivo nos conhecimentos e práticas dos indivíduos, do coletivo, das instituições etc., com enfoques crítico-constructivos nas suas múltiplas ações, que tenham um impacto significativo e importante na sua participação social e institucional, por um lado, e na definição de po-

líticas públicas, por outro. Neste último, também se vislumbra como uma carência no campo da EA a falta de atuação sobre os tomadores de decisões, já que seu trabalho impacta a vida dos sujeitos, e uma mudança nas suas leituras e perspectivas sobre o ambiente pode proporcionar-lhes os elementos de referência para que as suas decisões no social e natural não se reduzam a interesses econômicos e privilegiem uma profunda dimensão social no seu agir profissional.

Seria injusto admitir que o campo da Educação Ambiental não tem proporcionado leituras, compreensão, informação, reflexões e tarefas para enfrentar os problemas de nosso tempo, porque sua presença e participação na sociedade hoje em dia é evidente e podemos perceber que ela está no caminho de ser fortalecida. E mesmo não estando todo escrito-construído em nível de pensamento, reflexão e práticas sobre a realidade ambiental, segue tendo vigência e se vislumbra como uma necessidade vital para aspirar a uma mudança da sociedade. No entanto, isto não deve obscurecer o nosso olhar sobre o que podemos transformar no nível da sociedade e da sua relação com o ambiente; é preciso que se reconheça que o “fazer por fazer” tem tido grande presença nas nossas ações, e que só a vontade não pode ser o princípio que nos guie a agir.

A construção do campo: entre a possibilidade e o engano

A pergunta sobre se a Educação Ambiental está em construção ou não é um dos debates que acompanhou o campo nos últimos anos, suscitando interpretações que pouco se encontram e se ouvem. Por um lado, há aqueles que afirmam que a EA está em processo de construção, pelo fato de ter poucos anos de vigência, porque continua construindo suas aproximações, seus referenciais teóricos e metodologias e, por outro

lado, há aqueles que afirmam que o campo já está num processo franco de consolidação. Alguns outros situam-se num ponto intermédio e manifestam que a EA está num processo de construção-consolidação ao mesmo tempo. Os argumentos invocados para conceber a EA como em construção indicam que assim é porque há necessidade de que todo o projeto social, político, ético, social etc., chegue à sua concretização. Nas palavras de Alicia de Alba, “o que temos são contornos sociais que aspiram a converter-se em projetos, em ter peso no rumo da sociedade, em ser participantes da mesma”. Neste sentido, o campo da EA está em construção porque estão sendo realizados projetos que buscam modificar o estado das coisas, desde perspectivas de análise até modos de abordagem diferentes mas, ao mesmo tempo está em processo de consolidação porque hoje podemos ser testemunhas de como o ambiental se incorporou em diversos espaços sociais e institucionais, e na vida de alguns sujeitos, particularmente, quando se observa que os indivíduos realizam ações que buscam proteger o ambiente: jovens, crianças e adultos, e é aí que podemos colocar certos aspectos de consolidação do campo, é claro, ainda não o esperado.

Esta forma de constituição do campo da EA abre um leque de possibilidades de análise e reflexão, porque nos leva a indagar sobre o que cada grupo ou indivíduo está incorporando para sua vida, sobre como estão fazendo e como isto se manifesta na comunidade-sociedade em que se encontram. Permite-nos também saber o que pensam sobre o assunto e quais seriam as suas aspirações para um futuro imediato e a longo prazo.

Assim, um aspecto relevante a considerar neste debate é que um campo de conhecimentos não pode ser medido em termos de temporalidade para saber se está em construção ou se já se encontra consolidado, na medida em que isto é consequên-

cia das múltiplas formas de posicionamento e produção que se manifestam em outros campos de conhecimento e dos aspectos relacionados à vida institucional, social e política que acontece neste cenário histórico.

Considerar o campo da Educação Ambiental em construção tem pontos de congruência com o que ocorre no marco das profundas transformações sociais, pois não podemos fazer referência a um campo de conhecimentos e práticas educativas sedimentadas que atue na sociedade, mas sim a um campo em constante dinamismo, que se encontra em permanente redefinição e concretização, tanto em pensamentos e reflexões como no nível da própria prática. De tal forma que a EA estar em construção não deve ser interpretado como um problema, mas sim como uma grande vantagem, que exige que aqueles que compõem o campo, estejam em contínua formação e atualização; supõe também o desenvolvimento de uma maior sensibilidade e análise sobre os fenômenos da realidade nos quais se pretende intervir, desde o âmbito educativo.

A este respeito e como princípio geral que devemos adotar frente a estas reiterações sobre o fato de se o campo da EA está em construção ou não, posso assinalar com toda a clareza e sendo categórico que “tudo está em construção”, os processos sociais, o desenvolvimento tecnológico, o progresso, a vida social e institucional dos indivíduos, as relações pessoais, as relações com a natureza, a cultura, e advertir que nos processos históricos nada está dado e nada está dito nem explicado de maneira predeterminada. Daí ser fundamental o reconhecimento de que todos os campos do saber e a prática social e natural se encontram em construção; negar, isto é, desconhecer e ignorar o nosso desenvolvimento histórico, que se caracteriza pela sua mobilidade e instabilidade, o que é inerente ao mesmo, e certamente também o é do próprio campo da EA.

Nesta ordem de ideias, a Educação Ambiental é um campo pedagógico que se encontra em construção e reconsideração permanente, na medida em que visa construir algo novo, algo que não está construído, ou seja, busca antes de tudo restabelecer e redefinir o conjunto de relações e intercâmbios entre a sociedade e a natureza, onde não existam predeterminações para isso. Portanto, é uma excelente condição que o campo da EA esteja em construção, porque oferece a possibilidade de construir alternativas de intervenção, mitigação e solução à problemática ambiental que, como se advertiu, ainda não estão construídas.

Além disso, temos como um elemento indicativo de que o campo da Educação Ambiental está em construção os discursos que ouvimos nos diferentes fóruns e encontros onde se debate o ambiental e a educação, e vemos como há novas formas de aproximar-se e interpretar e, portanto, de intervenção pedagógica, o que resulta um sinal positivo para o campo e para o processo de construção teórica e prática em que se encontra. Nesta perspectiva, é encorajador apreciar como no interior do campo da EA chegam cada vez mais educadores jovens, que oferecem novos discursos e novos olhares ao problema ambiental, dando assim um novo rosto e sentido às reflexões e práticas educativo-ambientais.

No entanto, é essencial reconhecer que sim, que estamos em construção no campo da Educação Ambiental, mas também que nessa construção nós educadores ambientais nos encontramos atomizados, com poucos elementos de vinculação e intercâmbio, o que se configura como outro elemento que tem contribuído para não se chegar a maiores níveis de consolidação. Mas é igualmente necessário afirmar que estar de acordo e pensar em uma só direção, todos os que intervêm neste campo de conhecimentos, não é condição suficiente e necessária para

obter melhores resultados em nível social e institucional. O que se precisa e é imprescindível é se chegar a consensos sobre determinados problemas, metodologias, temáticas, a respeito do tema ambiental e suas possibilidades de intervenção pedagógica. O campo continua a ser construído e, precisamente por isso, é fundamental incrementar e fortalecer a reflexão coletiva entre todos os atores, e não com a intenção de que todos pensem o mesmo, mas como foi dito, com a intenção de aumentar as leituras sobre os nossos desafios e chegar a certos acordos comuns, onde se reconheça e dê sentido à profunda diferença que nos caracteriza e que denota a existência de um campo com vitalidade e dinamismo numa sociedade que nos necessita como atores sociais.

Por isso, não podemos continuar pensando que a Educação Ambiental não está em construção, pelo contrário, este deve ser o aspecto central dela. Tudo está em construção e é importante continuar assim, para encontrar novas definições, novos significados e para ser submetida a uma constante revisão de seus princípios, estratégias, metas, objetivos, metodologia, a fim de não chegar a um “modelo” com o qual abordemos os problemas ambientais, mas pelo contrário, chegar-se a múltiplas possibilidades educativas, inovadoras e convergentes, como as demandas do momento histórico.

Além disso, não devemos entender a construção como negação do que conseguimos, porque isso não é construção, mas sim uma avaliação um tanto injusta sobre o que foi alcançado e sobre os seus importantes contributos na busca de alternativas de solução aos problemas ambientais.

A reiteração de que o campo da Educação Ambiental está em construção leva-nos também a reconhecer que não estar nesse momento seria o caminho ideal para conseguir a carta de

demissão do próprio campo, porque implicaria não estar em possibilidades de oferecer respostas diferentes daquelas expressas e continuar com a deterioração social e natural que, como humanidade, temos manifestado. Ao mesmo tempo em que não podemos renunciar a tal construção, o melhor a fazer é concebê-la como um ir e vir da teoria à prática e da prática à teoria, onde exista a possibilidade para a criatividade, o gozo, o prazer, a satisfação, a imaginação e o intercâmbio, pelo fato de podermos nos aproximar de outros campos de conhecimentos, principalmente daqueles com os quais estabelecemos pouco ou nenhum vínculo. Assim, o campo da EA deve ser visto como algo que estamos caminhando, como processo em construção que vamos percorrendo e não como um trajeto a alcançar para parar; deve também ser uma forma de viver e de atuar frente aos problemas que o contexto histórico nos apresenta, onde se aproveite o enorme potencial que lhe é conferido por estar em permanente construção.

Da mesma forma, não podemos fazer referência, de forma clara e precisa, ao ponto em que se encontra o seu processo de construção, porque esse processo não se comporta como a elaboração de um livro ou uma passarela, onde podemos ter um nível de certeza sobre o que deve conter e uma projeção de tempo para determinar quando se concluirá. No entanto, atualmente, e como já foi referido, há alguns elementos de sedimentação, por exemplo, o nível de informação, consciência e responsabilidade que manifestam certos sujeitos em torno do ambiente, e é precisamente aí que podemos perceber um certo nível de consolidação do campo, assim como alguns parâmetros para considerar o seu momento de construção.

Educação Ambiental: entre o projeto pessoal e um lar coletivo

O campo da Educação Ambiental oferece a possibilidade de agir a favor de uma sociedade, de pensar em um tipo de sociedade diferente da que temos e construir ações que nos levem a alcançá-la, e isto é um forte elemento que faz com que muitos educadores e não educadores cheguem às suas fileiras e não renunciem a elas. Neste contexto, não podemos afirmar que nos interessa ou que estamos dentro do campo educativo, se não pensamos também numa EA; se somos educadores e não nos interessa a EA, estamos ocultando a realidade, estamos ignorando-a, e com isso fechando todas as possibilidades de participar na sua construção. Estamos fingindo que a realidade não existe, que o que acontece no nosso dia a dia não está acontecendo, e isso envolve um grande risco quando pensamos em alguma investigação, em alguma prática de campo ou quando compartilhamos a sala de aula com os nossos alunos.

O campo da Educação Ambiental oferece a alguns dos educadores aspectos de sedução intelectual, na medida em que permite desenvolver uma perspectiva multidisciplinar para aproximar-se, compreender e agir sobre os problemas ambientais, o que outros campos de conhecimento raramente proporcionam. Este fato permite, ao mesmo tempo, criar um terreno fértil para pôr em marcha uma nova forma de pensar a realidade e os problemas e, por conseguinte, a possibilidade de intervenções diferentes, tanto para a vida das pessoas como para o próprio ambiente, onde seja expressa uma profunda dimensão política da sua ação social. Sendo assim, é um campo com um enorme potencial e com fortes laços de vigência, que possibilita ao sujeito indagar e interpretar sobre as formas em que se construiu a ideia de sociedade e como isto tem causado problemas em

diversos níveis e dimensões, ao mesmo tempo que lhe confere uma característica de campo de conhecimentos enigmático e inesgotável, porque não existem mecanismos estabelecidos nem normalizados para compreender os problemas ambientais e para agir perante os mesmos.

Por outro lado, a possibilidade de participar em nível institucional no domínio da Educação Ambiental constitui um fator relevante, pelo fato de permitir que muitos indivíduos façam uma carreira acadêmica no seu interior, onde encontram uma multiplicidade de satisfações pessoais, profissionais e acadêmicas. Outro fator positivo considerado é algo que já foi apontado, ou seja, experimentar a confluência de pessoas provenientes de outros campos de conhecimentos, próximos ou não da educação, que decidem ficar pelas diferentes opções de desenvolvimento, de participação individual e coletiva que a EA lhes oferece, bem como pela possibilidade de unir o teórico e o prático de uma maneira quase natural. Isto revelou-se atrativo e satisfatório para muitos deles, porque lhes permite construir pontes de diálogo e intercâmbio com outros colegas, encontrar e descobrir uma multiplicidade de discursos frescos e um entusiasmo por configurar novas metas, novos projetos, com os quais sejam criadas diferentes alternativas à participação na sociedade. Em concordância com o anterior e em particular para aqueles indivíduos que ao longo de sua vida profissional e acadêmica têm se relacionado com os temas da educação em geral (pedagogos, educadores, normalistas...), o campo da EA constituiu-se num espaço de encontro que lhes proporciona mais um incentivo para continuar desenvolvendo atividades pedagógicas destinadas a dar um novo rosto à educação, por isso decidiram configurá-lo como um projeto profissional e de vida, onde pensam concluir sua ação social como educadores. Alguns dos

argumentos versam sobre a possibilidade que a EA oferece para encontrar sentidos mais amplos na ação educativa, na ação pedagógica, já que a conjugação de ideias, as formas de reflexão e ação oferecem um incentivo importante para continuar no campo e continuar lutando desde a ação social, desde a resistência, desde a esperança e desde a utopia, para que aí, precisamente nessa confluência, se construam as alternativas sobre “isso” que hoje chamamos realidade, e que, antes de tudo, devemos rejeitar, porque “isso” não pode ser o futuro para a humanidade nem para nós.

Muitos educadores ambientais afirmam seu interesse em participar dos acontecimentos da vida cotidiana em nível local, regional e global, visando oferecer outros rostos a quem vive em condições de pobreza e marginalização social. É desse modo que percebem, com os projetos que empreenderam e com os resultados obtidos, que as pessoas podem mudar a sua maneira de pensar e agir frente ao meio ambiente, e isso fortalece a sua permanência no interior do campo, onde não renunciam à criatividade e audácia para abordar os problemas ambientais.

Por outro lado, as razões pessoais-familiares configura-se como outro elemento que tem provocado também que os indivíduos fiquem no campo da EA, porque suas histórias pessoais de vida familiar, de pais e mães, irmãos, amigos etc., têm se conjugado com experiências educativas no ambiente, o que tem encontrado um ponto de significado importante em suas vidas, que tem fortalecido seus vínculos com seu compromisso social e profissional com o meio ambiente, e que hoje em dia já não podem entender sua condição de sujeito nem sua responsabilidade profissional sem esta vinculação.

Em menor medida, as pessoas permaneceram no campo da Educação Ambiental por alguma história de formação profissional, porque por “acidente” participaram de certo curso,

seminário, oficina, matéria, conferência, discurso etc., que os aproximou da EA e nela encontraram respostas a inquietações e perguntas sobre sua condição de sujeito na sociedade, sua identidade e para sua própria existência, e isto os tem feito permanecer até hoje neste campo.

Educação Ambiental: educar para a pergunta

Um campo de conhecimento que busca participar ativamente na sociedade, que tenta construir novas explicações, significados e leituras, novas formas de aproximação que o conduzam a uma melhor compreensão dos seus processos e das formas em que pode participar como campo de conhecimentos nessa área, suscita perguntas constituídas em sólidos pontos de partida para gerar um novo conhecimento sobre os diferentes grupos que o constituem e sobre as formas ou não de vinculação com o meio ambiente.

A Educação Ambiental, desde algumas décadas, tem participado como campo de conhecimentos na busca de alternativas de solução aos problemas derivados da crise ambiental, a qual se faz presente e manifesta a sua crueza, tanto na saúde e qualidade de vida das pessoas como na própria natureza. Neste contexto de participação e intercâmbio que a EA projetou, quais poderão ser algumas das questões que se concebem pertinentes para este momento histórico?

A este respeito, hoje uma das primeiras perguntas a fazer ao campo da EA é precisamente o que se está entendendo por educação - como conceito, desenvolvimento teórico e como prática -, o que se entende por Educação Ambiental, o que é educar, e neste mesmo sentido, como deveríamos estar educados hoje para enfrentar as adversidades do tempo histórico em que nos encontramos.

Este tipo de questionamentos também deve ser guia para seguir em sua construção e insistir em que a EA é um campo de conhecimentos complexo, caótico, com o qual não podemos olhar nem interpretar o ambiental como elementos ecológicos, sociais, políticos, econômicos, tecnológicos, éticos etc., de forma isolada, mas como um campo para onde convergem todos ao mesmo tempo, em diferentes níveis e intensidades. Isto nos obriga a pensar desde o complexo e caótico, desde a incerteza, e é aí que emerge outra pergunta obrigatória: como pensar e agir, desde o complexo e caótico, a Educação Ambiental, e como se conjugam os saberes dentro de um processo de complexidade ambiental e que papel eles desempenham na construção de novas respostas? Isto se faz com a intenção de romper com os princípios de individualidade que estão tão arraigados nos aspectos culturais e que se manifestam necessariamente nas condutas e atuação de uma grande parte de indivíduos.

Como primeiro elemento de resposta para esta pergunta, sugere-se começar a questionar a realidade ambiental para identificar quais são os aspectos que, do nosso ponto de vista e entendimento, não estão bem, não nos satisfazem, e começar a apontá-los desde a complexidade mesma que representa o campo, desde as lógicas de aproximação e trabalhos distintos, com a finalidade de saber o que temos que modificar de nossas estratégias pedagógicas, de nossos objetivos, de nossas práticas etc., para saber o que devemos continuar a reforçar. É indispensável também que tudo isto possa gerar processos de avaliação para todas as ações educativas que se realizem no âmbito da EA, entendida esta avaliação como um processo de informação que nos ajude a tomar decisões orientadas a fortalecer o trabalho pedagógico vinculado ao ambiental.

Outra pergunta essencial no campo da Educação Ambiental refere-se aos pontos de chegada, ou seja, precisamos começar a

esclarecer aonde queremos chegar com os processos educativos vinculados ao ambiental, e para tal é indispensável conhecer o que temos conseguido nestas décadas de trabalhos, políticas, grupos, esforços, visões etc. Mas esta análise não deve reduzir-se a um nível claramente individual, mas também perguntar-nos o que temos conseguido como pessoas, como grupo, como sociedade, como instituições, como grupos interessados na problemática ambiental em nível local, regional e mundial, para, ao mesmo tempo, esclarecer o que nos resta fazer e com quem devemos aliar-nos para construir aquilo que hoje não existe.

Em um nível particular, outra pergunta que podemos fazer no campo da Educação Ambiental é: por que muitas pessoas não mudam certos comportamentos e ações que realizam em sua vida cotidiana e que afetam o meio ambiente? Este questionamento tem o simples sentido de saber por que não se dá essa mudança nos indivíduos quando essas modificações lhes exigem um mínimo de esforços em seu acontecer cotidiano, por exemplo, cuidar da água, economizar energia, conservar as áreas verdes etc., e perguntar-nos também como podemos convencer a sociedade de que se pode viver bem e satisfazer as necessidades de forma digna sem acabar nem deteriorar os recursos do planeta. Por esse motivo, temos também de nos interrogar sobre os mecanismos e formas de como abordamos a EA nos diferentes setores da população e, ao mesmo tempo, perguntar-nos o que não devemos evitar quando trabalhamos com eles.

Além disso, colocar-lhes perguntas orientadas ou conectadas a como pensar o futuro da civilização humana de modo mais gentil, mais humano, menos agressivo social e economicamente, sendo fundamental colocar-nos questões que procurem continuar a contribuir para o debate sobre o tema da formação do ser humano, sobre como nos formamos hoje em dia, como

formamos um sujeito para que participe de forma significativa na sociedade, que lhe dê a possibilidade de realização pessoal e profissional tendo presente uma clara consciência sobre o meio ambiente e a importância do seu uso e necessária conservação.

Nesta mesma ordem de ideias, questionar-nos sobre como manter a vitalidade do próprio campo da Educação Ambiental, que estratégias devem ser desenvolvidas para enriquecer e promover o trabalho no nível social-comunitário, que mudanças devemos implementar como educadores ambientais no âmbito formal da educação. Tudo isto nos leva a encontrar certos elementos de resposta à questão de porque o campo da EA, sendo um campo que tem todos os elementos para ser uma alternativa diferente, não é ou ainda não se posicionou como tal neste momento histórico. Questionar-nos também sobre como adquirirmos mais força, como fortalecermos a dimensão política do nosso trabalho, como adquirirmos maior visibilidade pública como educadores ambientais e como colocar a EA como uma dimensão importante do próprio campo educativo, a qual deve traduzir-se em ações concretas, investigação, projetos, políticas públicas etc., que lancem as bases para uma melhor sociedade e para uma melhor proteção do ambiente.

Outro questionamento está ligado a saber até onde podemos reverter a situação ambiental prevalecente, quais seriam nossos níveis de responsabilidade como educadores neste grande desafio, o que podemos alcançar e como devemos fazê-lo. Isto com a firme intenção de ter clareza sobre a nossa atuação como atores sociais interessados em que os “outros” possam ver coisas, pensar e fazer coisas distintas em sua vida cotidiana e em suas atividades profissionais com respeito ao meio ambiente.

Nesta busca de respostas ao que temos feito nas últimas décadas como campo de conhecimento, é necessário perguntar-nos por que temos sido um campo tão fragmentado, pouco

organizado, pouco vinculado, o qual se tem caracterizado mais pela sua atomização que pela sua conjunção, onde se verificou uma falta de comunicação e de intercâmbio, entre os próprios educadores ambientais, relativamente a discussões, projetos, temáticas, metodologias, abordagens, encontros etc., o que tem trazido insuficientes resultados em algumas áreas e uma dificuldade para definir qual é o papel que a EA deve desempenhar nos processos de formação de uma cidadania ambiental.

Para explicar o fato de a Educação Ambiental não ter sido mais efetiva, mais eficaz, teriam de ser colocadas outras questões no interior do campo, e, sobretudo, perguntar-nos sobre as coisas que deveríamos modificar para que nossas práticas se tornem mais efetivas em termos do que se deseja transformar em nível dos indivíduos, da sociedade e da natureza. Ao nos interrogarmos sobre os ritmos, precisamos perguntar quais poderiam ser as vias ou mecanismos a explorar para se chegar com mais prontidão a nossos objetivos, já que os problemas ambientais seguem um curso e uma dinâmica que hoje em dia se nos apresenta com maior severidade, por essa razão é que se torna imprescindível perguntar-nos como chegar mais rápido a nossos objetivos, sem cair em um ativismo acrítico ou em ações perigosas, desenfreadas e sem sentido.

Como campo de conhecimentos que desenvolve ações educativas, é necessário perguntar-nos como podemos flexibilizar o próprio campo da EA para que esse elemento de “inclusão”, ao que tanto se faz referência, tenha sentido e profundidade em seu interior, a fim de integrar novos atores, novas formas de pensar, novos discursos e diferentes pontos de partida, que nos conduzam a dar respostas mais integrais aos nossos desafios.

Em relação aos atores aos quais temos focado nossas ações pedagógicas, devemos nos questionar sobre o porquê, com demasiada frequência e de maneira escassa, não temos focado

nossos esforços educacionais a todos aqueles indivíduos que tomam decisões sobre as pessoas e sobre o meio ambiente, sendo indispensável sua formação, educação e atualização, como fator determinante para enfrentar a problemática ambiental. Com uma modificação neste sentido, teríamos a possibilidade de reclamar e aspirar a outras condições de vida para os mais desfavorecidos e para aqueles que sofrem as consequências da deterioração ambiental de forma mais cruel e intoleravelmente drástica.

Um tema com o qual pouco nos associamos como campo de conhecimentos é a forma como a Educação Ambiental pode e deve relacionar-se com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação, as quais, como vimos, chegaram para ficar. Assim, é necessário explorar sobre como o campo da EA pode definir e concretizar uma agenda de discussão, trabalhos e projetos com este tipo de ferramentas, com as redes sociais, por exemplo.

Como educadores, como sujeitos preocupados com os destinos da sociedade, do planeta em geral, deveríamos ser um dos campos de conhecimentos que participassem na formulação de cenários de futuro, possíveis de serem construídos, deixando de agir com ingenuidade sobre o nosso trabalho e com clareza sobre as possibilidades de incidência positiva a partir do nosso trabalho, já que, ainda com os seus problemas e com o mencionado anteriormente, o campo da EA tem muito a dizer e muito a contribuir na construção desse futuro diferente.

Algumas perspectivas de futuro para a Educação Ambiental: novas tonalidades

A Educação Ambiental, como campo de reflexões, saberes e práticas orientadas à transformação dos sujeitos e da sociedade, não pode manifestar cenários pessimistas, mas também não

deve levar-nos a situações idílicas e enganosas, que nos ocultem os erros cometidos como educadores ambientais, nem os desafios que temos como campo de conhecimento neste momento histórico. Assim, um primeiro grande desafio é tentar superar o que foi feito até agora e dar um novo rosto às questões ambientais em nível local, regional e mundial, e configurar uma modificação qualitativamente distinta desta realidade que gerou deterioração e devastação da natureza e deixou milhões de seres humanos em situação de pobreza e marginalização social em diferentes pontos do planeta, pela ganância, esbanjamento e furto de alguns poucos.

Dessa forma, como campo de conhecimentos e como educadores ambientais devemos começar a construir, nas palavras de Alicia de Alba, “pedacinhos de futuro otimistas”. Oferecer-nos como indivíduos, como sujeitos sociais, outras possibilidades de interação com nós mesmos, com os demais sujeitos e com a natureza, através de um conjunto de ações que nos mostrem que podemos mudar o rumo das coisas, ou alguma parte delas, e que estas contribuam para preservar e melhorar o nosso ambiente e a qualidade de vida das pessoas. Também, a identificar que não temos que fazer extraordinários esforços e que aqueles que os realizaram - onde suas ações se constituem em atos, digamos, “normalizados”-, não são sujeitos distintos a nós. Se conseguirmos isso, ou seja, convencer-nos de que as coisas podem ser diferentes, germinaremos uma semente de esperança para as nossas ações educativas no ambiente, já que o que não se pode permitir, nem nos permitir como campo de conhecimentos e como educadores ambientais, é ser o cozinheiro de banquetes de pessimismo com aqueles sujeitos ou grupos com quem trabalhamos.

No que se refere às questões ambientais, como foi salientado nos diagnósticos globais e nacionais sobre as condições

do ambiente, poderíamos dizer que ainda temos de tocar um pouco mais fundo, porque as consequências de alguns dos problemas ambientais, as mudanças climáticas, por exemplo, ainda não as conseguimos visualizar com um certo grau de exatidão, nem as suas implicações a nível das sociedades, das nações e do próprio planeta. Começamos a delinear ideias sobre alguns dos seus custos, tanto na saúde da população como na produção de alimentos e nos próprios ecossistemas, mas ainda não sabemos com certeza o que vai acontecer com este tipo de problemas. Estas incertezas e desconhecimentos voltam a mostrar-nos que a Educação Ambiental ainda tem muito a dizer e, no seu interior, não se disse tudo, não se pensou tudo, nem se deu resposta a tudo o que aconteceu, e por este motivo se aprecia um futuro promissor e com possibilidades para mostrar novas tonalidades sobre as condições ambientais do planeta, através do desenvolvimento de sua ação pedagógica.

Para isso, o campo da Educação Ambiental deve ter um maior ingrediente político que lhe faça incorporar-se nos diferentes momentos da vida das pessoas e das instituições, sem jamais renunciar a sua postura crítica, reflexiva e propositiva, nem perder a sua abordagem crítica, aberta, inclusiva, constituindo-se num motor de transformação social que permita a construção de uma nova sociedade. Para isso, o campo da EA e os próprios educadores ambientais deverão estar mais bem posicionados, social e institucionalmente, e contar com maiores elementos de clareza sobre seus níveis de responsabilidade e possibilidades concretas de atuação.

No entanto, mesmo quando se vislumbra um futuro promissor para a EA, é importante reconhecer e identificar que não será fácil de transitar, nem estará isenta de que no seu interior se cometam outros e mais erros, mas ao que não se deve renunciar

é ter precisamente como perspectiva de futuro um novo rumo para a humanidade. Também como aspecto fundamental para o campo, devem-se potencializar processos participativos onde se desenvolvam projetos, práticas, reflexões, questionamentos, informação etc., diferentes, os quais tenham distintos pontos de partida e de chegada dos alcançados nas últimas décadas.

Para alcançar este objetivo, e apelando a um princípio de abertura e flexibilidade no domínio da Educação Ambiental, já referido, deve ser dado espaço à geração substituta, à inclusão de novos atores educativos e não educativos, principalmente à incorporação de jovens, que outorguem outros ritmos, discursos, interesses e visões aos projetos educativos, onde se conjuguem a experiência, os saberes e a informação acumulada com uma nova perspectiva de aproximação e análise sobre as diferentes realidades ambientais, que fortaleçam aquelas propostas pedagógicas que manifestaram resultados positivos, mas também que nos conduzam à modificação de ações que têm estado carregadas de incongruência e falta de pertinência.

O futuro é e será incerto por definição, mas os indícios que temos no âmbito da EA dão-nos alguns sinais de que estamos numa época estimulante para avançar com os projetos e ações que desenvolvemos, onde sejam estabelecidas novas rotas de trabalho e de atuação para dar a mudança que requer a Educação Ambiental, para fazê-la mais consciente quanto aos objetivos que persegue. Isso pode ser sustentado porque hoje nós tomamos mais consciência dos problemas e começamos a pensar sobre possíveis soluções a partir de outros cenários e pontos de encontro. Temos outras ferramentas para a sua abordagem que não tínhamos há algumas décadas e isso oferece-nos outras perspectivas para a sua melhor reflexão e intervenção. Temos uma criatividade fértil e é aí que podemos encontrar os

maiores pontos de possibilidade e satisfação para o contínuo desenvolvimento e consolidação do campo da EA, e para projetar em nossas ações um profundo sentido de esperança e utopia em nossos projetos, experimentando como indivíduos e como grupo social a aventura de estar vivos, de que a existência vale a pena para desfrutar-se, ser criativo e participar na sociedade e na natureza.

O campo da Educação Ambiental é um campo vigoroso, jovem, que nas palavras de José Antonio Caride tem muito de passado e muito de futuro, e diria que também muito do próprio presente; que se concebe como necessário para poder construir novas realidades, onde o ambiental é a pedra angular, um ponto de partida e de chegada, onde se dão novas bases para o conjunto de relações entre os indivíduos e entre os grupos, e entre as sociedades e a natureza. Mas este futuro tem que ser construído, tem que tomar a direção dessa construção e não ser algo que se tem que construir como se fosse um processo de geração espontânea, de aparição quase milagrosa. É um futuro cheio de riscos, mas onde se tem a oportunidade de educar ambientalmente para configurar alternativas criativas de prevenção, mitigação e solução aos problemas ambientais, e isto deve ser uma tarefa que envolva todos os que nos encontramos neste campo de conhecimento, em todos os âmbitos e níveis, uma vez que não podemos nos calar pelas vozes estridentes do mercado e pela dimensão econômica com a qual se permeia a vida humana.

O futuro é incerto, mas mais pelos perigos que a EA enfrenta, e o primeiro é que se torne parte da própria lógica da globalização e do mercado, onde os seus objetivos se limitem a perguntar-se como fazer algo verde, a como oferecer satisfação espiritual através do acesso à natureza, a envelhecer os discurs-

sos etc., deixando de fora as determinantes de iniquidade social, exclusão humana, poder e selvageria econômica, das quais, lamentavelmente, está impregnado o campo do ambiental. Um segundo risco, como refere Pablo Meira, é que nesta crise econômico-mundial a EA tenha seus objetivos pouco atendidos, como tem sido ao longo da sua história, e que termine por se tornar vítima do próprio processo de crise econômica.

Em suma, existem perspectivas de um futuro promissor para o campo da Educação Ambiental porque enquanto existir humanidade sempre haverá alguém fazendo EA, projetando esse tipo de educação que busca a autonomia, a dessacralização dos processos, a emancipação, a felicidade e a fundação de uma nova existência, dentro de nossas e ineludíveis circunstâncias sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, culturais, éticas e espirituais, com as quais teremos que nos visualizar como indivíduos e como sociedade.

